

CLAUDIA CAMILA LARA

VARIAÇÃO FONOLÓGICA, REDES E PRÁTICAS SOCIAIS NUMA COMUNIDADE
BILÍNGUE PORTUGUÊS-ALEMÃO DO BRASIL MERIDIONAL

PORTO ALEGRE
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: TEORIA E ANÁLISE LINGUÍSTICA
LINHA DE PESQUISA: FONOLOGIA E MORFOLOGIA

VARIAÇÃO FONOLÓGICA, REDES E PRÁTICAS SOCIAIS NUMA COMUNIDADE
BILÍNGUE PORTUGUÊS-ALEMÃO DO BRASIL MERIDIONAL

CLAUDIA CAMILA LARA
ORIENTADORA: PROFA. DRA. ELISA BATTISTI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras/Estudos da Linguagem.

PORTO ALEGRE
2013

CIP - Catalogação na Publicação

Lara, Claudia Camila

Variação fonológica, redes e práticas sociais numa comunidade bilíngue português-alemão do Brasil meridional / Claudia Camila Lara. -- 2013.

105 f.

Orientadora: Elisa Battisti.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

1. Estudos da linguagem. 2. Teoria e análise linguística. 3. Fonologia e morfologia. 4. Sociolinguística. I. Battisti, Elisa, orient. II. Título.

CLAUDIA CAMILA LARA

VARIAÇÃO FONOLÓGICA, REDES E PRÁTICAS SOCIAIS NUMA COMUNIDADE
BILÍNGUE PORTUGUÊS-ALEMÃO DO BRASIL MERIDIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras/Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Dra. Elisa Battisti

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS)

Profa. Dra. Gisela Collischonn (UFRGS)

Profa. Dra. Raquel Meister Ko. Freitag (UFS)

POTO ALEGRE
2013

“Só sabemos com exatidão quando sabemos pouco; à medida que vamos adquirindo conhecimentos, instala-se a dúvida.”

Johann Wolfgang von Goethe

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus graus de conectividade:

à minha família, carinhosamente à vó Serenita, base incentivadora para o estudo e trabalho;
e ao João!

À professora Elisa Battisti, pela acuidade e esmero na orientação, obrigada pela oportunidade de tecermos uma rede com traços de linha contínua e constante; ao professor Adalberto Ayjara Dornelles Filho, agradeço a disponibilidade e a atenção concedidas.

Aos professores da UFRGS, em especial, à Laura Quednau, e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ao bolsista Renan, aos colegas da UFRGS, da PUCRS e da UCPel, por compartilharem conhecimentos e inspirações acadêmicas para futuros estudos.

À professora Susie Enke Ilha, pela sensibilização aos sons e pelos ensinamentos: constantes aprendizagens em todos os momentos! Ao NEAI-FURG e à coordenadora Carla Imaraya de Felipe, pelo apoio durante a trajetória;

Aos amigos, pelo companheirismo e apoio durante esta formação.

Aos informantes, tão dispostos e interessados no estudo.

À Capes, pelo apoio na realização dessa pesquisa.

RESUMO

O fenômeno linguístico em questão é a variação das consoantes plosivas bilabiais: o desvozeamento das plosivas vozeadas (*trabalho~trapalho*) e o vozeamento das plosivas desvozeadas (*pu**ɸ**dim~bu**ɸ**dim*) em português, na fala de bilíngues português-alemão. A comunidade de fala sob investigação é Glória, localizado na zona rural de Estrela, uma cidade fundada por imigrantes alemães no século XIX, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Vinte e quatro entrevistas sociolinguísticas forneceram dados para a investigação. Os dados foram analisados quantitativamente com os programas computacionais do pacote VARBRUL, versão GoldVarb X, a fim de verificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a realização das plosivas. A frequência total de aplicação de regra é baixa. O controle da variável idade sugere que o processo tende a desaparecer nos próximos anos. O processo é condicionado por informantes velhos, mulheres, bilíngues que realizam práticas sociais quase exclusivamente em Glória. A análise da rede social pessoal dos informantes mostrou que ela é densa e multiplexa. Apesar de sua densidade e multiplexidade, os informantes centrais na rede, idosos, não difundem a regra variável a seus contatos, jovens que trabalham e estudam em áreas urbanas, onde a aplicação da regra variável de plosivas é raro.

Palavras-chave: variação linguística; vozeamento/desvozeamento das plosivas bilabiais; Português em contato com o Hunsrückisch; práticas sociais; redes sociais pessoais.

ABSTRACT

The linguistic phenomenon in question is the variation of the bilabial plosive consonants: the devoicing of the voiced plosives (*trabalho~trapalho*) and the voicing of the voiceless plosives (*pu**ɸ**dim~bu**β**dim*) in Portuguese, in the speech of Portuguese-German bilinguals. The speech community under investigation is Glória, located in the countryside of Estrela, a city founded by German immigrants in the XIX century in the state of Rio Grande do Sul, Brazil. Twenty four sociolinguistic interviews provided data for the investigation. The data were quantitatively analyzed with the computational programs of the VARBRUL package, in their GoldVarb X version, in order to verify the linguistic and extralinguistic factors which constrain the realization of the plosives. The total frequency of rule application is low. The control of variable Age suggests that the process tends to disappear in the years coming. The process is conditioned by old informants, women, bilinguals which perform social practices almost exclusively in Glória. The analysis of the personal social network of the informants showed that it is dense and multiplex. Despite of its density and multiplexity, old informants do not diffuse the variable rule to their contacts in the net, the young informants who work and study in urban areas where the application of the variable rule of plosives is rare.

Keywords: language variation; voicing/devoicing of bilabial plosives; Portuguese in contact with Hunsrückisch; social practices; personal social networks.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura de rede pessoal de alta densidade.....	26
Figura 2 – Estrutura de rede pessoal de baixa densidade.....	26
Figura 3 – Rede social pessoal densa, multiplexa, zonas de primeira e segunda ordem.....	27
Figura 4 – Rede social pessoal de densidade baixa, uniplexa.....	27
Figura 5 – Distribuição dos imigrantes alemães nas colônias.....	31
Figura 6 – Mapa do Rio Grande do Sul com a localização do município de Estrela.....	33
Figura 7 – Mapa do município de Estrela com a localização de Glória.....	34
Figura 8 – Cartaz de divulgação do Baile de Kerb em Glória.....	35
Figura 9 – Onda e espectrograma de [b̥a'ratu].....	44
Figura 10 – Matriz de relacionamento em rede.....	72
Figura 11 – Rede: informantes.....	73
Figura 12 – Número de trocas das plosivas bilabiais.....	77
Figura 13 – Proporção de trocas das plosivas bilabiais.....	78

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Graus de relacionamento em rede.....	57
Gráfico 2 – Aplicação da variação da plosiva bilabial desvozeada [p] em lugar da vozeada /b/ e vice-versa.....	61
Gráfico 3 – Cruzamento entre gênero e idade.....	67
Gráfico 4 – Cruzamento entre gênero e escolaridade.....	68
Gráfico 5 – Cruzamento entre idade e escolaridade.....	68
Gráfico 6 – Cruzamento entre idade e bilinguismo.....	69
Gráfico 7 – Cruzamento entre contexto precedente e tonicidade da sílaba.....	70
Gráfico 8 – Cruzamento entre tonicidade e número de sílabas.....	70
Gráfico 9 – Distribuição dos informantes nas comunidades de prática.....	74
Gráfico 10 – Ocupação por número de informantes.....	79

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Exemplo de regra variável.....	20
Quadro 2 – Símbolos fonéticos consonantais relevantes para transcrição do português.....	41
Quadro 3 – Símbolos fonéticos consonantais do alemão padrão.....	42
Quadro 4 – Inventário fonêmico do Hunsrückisch.....	42
Quadro 5 – Palavra “pão” no AP, PB e Hunsrückisch.....	43
Quadro 6 – Distribuição dos informantes.....	47
Quadro 7 – Controle da variável dependente.....	48
Quadro 8 – Controle dos grupos de fatores das variáveis independentes.....	53
Quadro 9 – Codificação de ocorrência.....	54
Quadro 10 – Ocupações diárias dos informantes.....	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Sonoridade da consoante-alvo.....	62
Tabela 2 – Escolaridade.....	63
Tabela 3 – Contexto precedente.....	63
Tabela 4 – Bilinguismo.....	64
Tabela 5 – Gênero.....	64
Tabela 6 – Tonicidade da sílaba.....	65
Tabela 7 – Contexto seguinte.....	66
Tabela 8 – Número de sílabas.....	66
Tabela 9 – Idade.....	67

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Teoria da Variação.....	15
2.2 Variação linguística	16
2.3 Variação e mudança linguística.....	18
2.4 Análise de regra variável	20
2.5 Comunidade de fala	22
2.6 Comunidades de prática	23
2.7 Rede social.....	25
3 IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL.....	29
3.1 Imigração alemã em Estrela	32
3.2 Bilinguismo e línguas em contato	36
4 O PORTUGUÊS BRASILEIRO EM CONTATO COM O HUNSRÜCKISCH.....	39
4.1 Variação das plosivas bilabiais.....	40
4.2 Estudo de rede social e o Hunsrückisch	44
5 METODOLOGIA.....	46
5.1 Delimitação da amostra e obtenção dos dados	47
5.1.1 Sujeitos	47
5.1.2 Coleta de dados.....	48
5.2 Definição das variáveis.....	48
5.2.1 Variável dependente	48
5.2.2 Variáveis independentes	49
5.2.2.1 Variáveis linguísticas.....	49
5.2.2.1.1 Contexto precedente	49
5.2.2.1.2 Contexto seguinte	49
5.2.2.1.3 Sonoridade da consoante-alvo	50
5.2.2.1.4 Tonicidade da sílaba	50
5.2.2.1.5 Número de sílabas	51
5.2.2.2 Variáveis extralinguísticas.....	51
5.2.2.2.1 Gênero	51
5.2.2.2.2 Idade	51
5.2.2.2.3 Escolaridade.....	52
5.2.2.2.4 Bilinguismo	52

5.3 Etapas e procedimentos do tratamento de dados	53
5.3.1 Pacote de programas VARBRUL, versão GoldVarb X	55
5.4 Análise qualitativa	56
5.4.1 Análise de rede social	56
5.4.1.1 Análise de comunidades de prática	59
6 RESULTADOS	60
6.1 Análise de regra variável e discussão	60
6.2 Rede social: análise e discussão	71
7 CONCLUSÃO.....	83
8 REFERÊNCIAS	85
9 ANEXOS	89
ANEXO A – Arquivo de contextos (trecho)	89
ANEXO B – Resultado da 1ª rodada: análise univariada com o programa GoldVarb X.....	90
ANEXO C – Resultado da quarta rodada: análises univariada e multivariada com o programa GoldVarb X	93
ANEXO D – Ficha social	99
ANEXO E – Roteiro para a entrevista sociolinguística	100
ANEXO F – Instrumento para a análise da rede social dos informantes	102

1 INTRODUÇÃO

O objeto de investigação da presente pesquisa é a realização variável, na fala em língua portuguesa, da plosiva bilabial desvozeada [p] em lugar da vozeada /b/ e vice-versa e o relacionamento em rede dos informantes da localidade de Glória, situada na zona rural da cidade de Estrela/RS.

O fenômeno variável em questão é verificado quando a consoante vozeada sofre desvozeamento (*bloco~ploco*) e a desvozeada, vozeamento (*pu^hdim~bu^hdim*)¹. Essa variação não costuma ocorrer no português brasileiro (PB) de monolíngues-português, senão quando os falantes estão em contato com línguas minoritárias de imigração, por exemplo, a alemã.

Desse modo, a variação entre o vozeamento/desvozeamento das plosivas bilabiais (/p, b/), por não se tratar de um fenômeno legitimado pela fala da maioria dos falantes do PB, pode vir a ser identificada com a fala *alemoada*² dos descendentes de alemães, falantes da língua minoritária de imigração, o Hunsrückisch. Entre os próprios bilíngues, e em termos de atividades, essa realização é saliente, mas não valorada positiva nem negativamente³. É o que ocorre na comunidade de Estrela/RS. Justifica-se o estudo do fenômeno linguístico do vozeamento/desvozeamento variável das plosivas bilabiais por demonstrar alguma sistematicidade e por ser um aspecto ligado à identidade local.

O objetivo geral da pesquisa é descrever e analisar a realização variável das plosivas bilabiais na fala, em português brasileiro, de descendentes e não-descendentes de imigrantes alemães, para verificar se o vozeamento/desvozeamento das plosivas é estatisticamente significativo e qual o impacto do relacionamento em rede dos falantes sobre a realização variável.

Esse fenômeno receberá tratamento sociolinguístico quantitativo (LABOV, 2008 [1972]) e qualitativo (MILROY, 1987; ECKERT, 2000), contribuindo para a descrição do PB falado na região do Vale do Taquari, localizada no Sul do Brasil, bem como para a identificação e compreensão de aspectos linguísticos e culturais dessa região do país. Dessa

¹ O vozeamento/desvozeamento afeta também as outras plosivas (exemplos: *de^hla~tela*; *galo~c^halo*) além-se às bilabiais porque são recorrentes nos vocábulos do PB e porque foi necessário reduzir o número de dados constantes na análise.

² Os descendentes de imigrantes alemães são assim denominados, de forma estereotipada, por aqueles que são não-descendentes de imigrantes alemães. Chamam de *alemoada* os descendentes de imigrantes alemães quando estes estão conversando entre os pares nas comunidades de prática.

³ Por exemplo, anotando os itens de uma lista de compras o bilíngue pergunta na presença da pesquisadora se *detergente* tem *t* fraco /t/ ou *t* forte /d/ no começo. Isso denota que o falante sabe da alternância, sendo esse conhecimento o que evidencia saliência da forma.

forma, os objetivos específicos da pesquisa são: (a) verificar a frequência da variação da plosiva bilabial vozeada em lugar de desvozeada, e vice-versa em Estrela/RS; (b) averiguar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que condicionam o processo variável; (c) investigar o relacionamento em rede e a influência das práticas sociais advindas das comunidades de prática dos falantes sobre o processo variável.

De forma a alcançar tais objetivos, este trabalho orienta-se pelas seguintes questões-problema: (a) Qual é a frequência da variação vozeamento/desvozeamento das plosivas bilabiais na comunidade? (b) Que fatores condicionam a aplicação da regra variável? (c) Como o relacionamento em rede em comunidades de prática influencia a regra variável? (d) Quais os empreendimentos comuns em torno de que os informantes estabelecem as ligações sociais?

A partir das questões-problema, levantam-se as seguintes hipóteses a serem testadas na pesquisa. São elas: (a) apesar de saliente, o vozeamento/desvozeamento das plosivas bilabiais é pouco frequente na comunidade de Glória, em Estrela/RS⁴; (b) a variação das plosivas bilabiais é favorecida pelo gênero masculino, pelos grupos etários mais velhos e pelos níveis de escolaridade mais baixos dentre os falantes bilíngues ativos; (c) o contexto fonológico precedente vazio condiciona a aplicação da regra e no contexto seguinte a vogal central é responsável pelo condicionamento; (d) a consoante-alvo desvozeada e em sílabas tônicas condiciona a variação vozeamento/desvozeamento; (e) a aplicação da regra variável é frequente em palavras cujo número de sílabas é maior; (f) redes densas sustentam o vozeamento/desvozeamento das plosivas bilabiais; (g) nas comunidades de prática (coral, teatro e igreja) a variação contribui para conferir sabor local às práticas linguísticas.

Para testar as hipóteses, serão feitas as análises quantitativa de regra variável, de acordo com Labov (2008 [1972]), e análise qualitativa de rede social, conforme Milroy (1987, 2002), com foco também nas práticas sociais, segundo Eckert (2000). A Sociolinguística Variacionista ou quantitativa utiliza-se do método de análise de regra variável para a verificação dos fatores condicionadores (linguísticos e extralinguísticos) a que a variação das plosivas bilabiais (/p, b/) encontra-se sujeita. A análise qualitativa dos dados referentes à rede social verifica o conhecimento mútuo e o grau de intensidade do relacionamento dos entrevistados (MILROY, 1987, 2002) em grupos de sujeitos reunidos em torno de empreendimentos comuns (ECKERT, 2000) na difusão e manutenção das variantes.

⁴ A realização variável das plosivas bilabiais por descendentes de imigrantes alemães na fala em PB é estereotipada pelos falantes monolíngues-português. Em um projeto-piloto, realizou-se análise de regra variável e constatou-se, estatisticamente, uma proporção de 10% de aplicação da regra na comunidade em estudo.

A dissertação compreende sete capítulos. O primeiro corresponde a esta introdução. Em seguida, no segundo capítulo, aborda-se a Teoria da Variação e noções como comunidade de fala, comunidade de prática e redes sociais. O terceiro capítulo trata da imigração alemã e seus reflexos linguísticos e culturais. O fenômeno linguístico deste estudo, bem como uma revisão de outros estudos realizados sobre a variação das plosivas bilabiais encontra-se, detalhadamente, no quarto capítulo. A metodologia da pesquisa, quinto capítulo, apresenta o método quantitativo no tratamento de dados linguísticos e o método qualitativo, com análise de rede e observação de práticas. No sexto capítulo, apresentam-se os resultados obtidos nas análises quantitativa e qualitativa. Por fim, o capítulo sete apresenta as conclusões desta pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Teoria da Variação

A Sociolinguística Variacionista surgiu a partir de estudos de William Labov, “The social motivation of a sound change” (2008 [1963]) e “The social stratification of English in New York city”⁵ (2008 [1966]). Juntamente com esses estudos, os pressupostos de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) contribuíram para a descrição da variação e mudança linguística em comunidades de fala.

Na Universidade do Texas, em 29 e 30 de abril de 1966, ocorreu o Simpósio “Direções para a Linguística Histórica”, em que foi apresentado o texto de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), em primeira versão. Após o Simpósio, organizou-se um livro que reunia os trabalhos apresentados, sendo o texto de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) o estudo mais criativo e inovador da mudança em ambientes linguísticos com grupos urbanos contemporâneos. O texto expôs uma metodologia de análise para resolver os problemas dos estudos linguísticos históricos, propondo a investigação da mudança em sua dinamicidade.

O axioma de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) é o de que a heterogeneidade é ordenada. Segundo ele, as realizações aparentemente caóticas e eventuais da fala apresentam sistematicidade, tanto diacrônica quanto sincronicamente. Essa ideia se torna a base da teoria da mudança linguística, superando o axioma da homogeneidade estruturalista na linguística histórica.

Os autores Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) apontam como objetivo primordial da pesquisa linguística determinar o conjunto de mudanças possíveis e condições possíveis para a mudança. Sendo essas mudanças ligadas a características sociais dos sujeitos falantes, inaugura-se uma tradição de pesquisa denominada Sociolinguística Variacionista, orientada pela Teoria da Variação.

Os autores afirmam a necessidade de a pesquisa sociolinguística contar com uma base empírica, no estudo da mudança, com dados de processos variáveis verificados na fala de grupos orientados pelas mesmas normas de uso da língua, as comunidades de fala. Uma máxima da Teoria da Variação é a de que a mudança implica necessariamente variação e

⁵ Traduzem-se, respectivamente, os títulos originais dos estudos pioneiros de Labov por: “A motivação social de uma mudança sonora” e “A estratificação social do Inglês na cidade de Nova Iorque”.

heterogeneidade, a variação e heterogeneidade não implicam, necessariamente, mudança em curso, conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]). Assim, os autores propõem “um modelo de língua que evita os infrutíferos paradoxos com que as teorias da estrutura homogênea têm estorvado a linguística histórica” (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968], p. 87). O estorvo mencionado pelos autores refere-se ao fato de que, no século XX, a linguística estruturalista, influenciada por Ferdinand de Saussure com o livro *Curso de Linguística Geral*, e a linguística gerativa, de Chomsky na década de 50, preocupavam-se com as regras e a descrição das línguas na sincronia. A noção de Saussure de *langue* e a noção de Chomsky de *competência* recortaram o objeto de estudo da linguística como abstrato, universalista, sistêmico e formal. Fundamentaram a investigação de regularidades e padrões de formação de uma língua. A *parole* (saussureana) e a *desempenho* (chomskiano), correspondentes aos enunciados reais, ao uso de uma língua, segundo Weedwood (2002), ficaram em segundo plano.

Os linguistas, em especial Labov (2008 [1972]), deram um passo importante na redefinição do campo de pesquisa. O uso cotidiano da língua na comunidade passou a ter interesse. Voltava-se a lidar com a fala⁶. Dessa forma, a variação linguística, definida a seguir, passa a figurar nos estudos linguísticos a partir da década de 60 do século XX.

2.2 Variação linguística

Ao eleger a língua falada como objeto da ciência linguística, os sociolinguistas passaram a dar atenção também aos aspectos sociais e culturais a ela relacionados. A língua é meio de interação entre os indivíduos na sociedade, utilizada para estabelecer relações de contato e convivência em grupo.

Os falantes de qualquer língua, ao se comunicarem em sua comunidade de fala, utilizam-se de sons, vocábulos e sentenças que, obedecendo a condicionamentos estruturais e sociais, podem ser realizados de diferentes formas. As diferentes formas de se dizer uma mesma coisa instanciam a variação linguística.

Um exemplo de variação de produções de fala em PB é fornecido por Brescancini, (2002). Segundo a autora, a consoante final de COMER pode ser produzida como *come[x]*, *come[r]*, *come[r]* ou *come∅*. A autora esclarece que a escolha entre as variantes nem sempre é

⁶ Os dialetólogos europeus nos séculos XVIII e XIX e os neogramáticos no século XIX, com suas leis de mudança fonética, já operavam com dados de fala em suas análises.

a mesma na comunidade de fala e inclusive para um mesmo falante, que pode produzir alternâncias conjunta e estavelmente.

As alternâncias nas produções de fala em geral não são uma escolha consciente dos falantes. Eles as adquirem no contato com formas realizadas em sua comunidade de fala. Podem, eventualmente, utilizar algumas variantes conforme a situação em que se encontram, ou para expressar um sentimento de pertença a um determinado grupo social.

A variação é uma característica comum a qualquer sistema linguístico, realizada por falantes de qualquer língua. Para compreender as escolhas realizadas pelos falantes, a sociolinguística começou a analisar a diversidade linguística nas sociedades. Faraco (1998) define sociolinguística como:

o estudo das correlações sistemáticas entre formas linguísticas variantes (isto é, entre diferentes formas de dizer a mesma coisa) e determinados fatores sociais, tais como a classe de renda, o nível de escolaridade, o sexo, a etnia dos falantes.

Com a sociolinguística, amplia-se o estudo da variação linguística, acrescentando-se à dimensão geográfica (da dialetologia) a dimensão social como fator de diferenciação linguística (FARACO, 1998, p. 115).

Para Camacho (2006, p. 50), a variação linguística “não é o resultado aleatório de um uso arbitrário e inconsequente dos falantes, mas um uso sistemático e regular de uma propriedade inerente aos sistemas linguísticos, que é a possibilidade de variação”. O sistema linguístico em uso corresponde à manifestação da linguagem no contexto social e em diversas situações.

Para a compreensão da variação e da mudança linguística, busca-se o controle de fatores linguísticos e extralinguísticos a fim de verificar quais deles motivam a realização de uma ou outra variante. A identificação desses condicionadores permite mostrar a regularidade da variação, sua sistematicidade e organização. É o que se expressa com regras variáveis, não regras categóricas⁷.

Essa heterogeneidade ordenada foi o que se verificou nos primeiros trabalhos realizados na sociolinguística variacionista, “The social motivation of a sound change” e “The social stratification of English in New York city” (LABOV, 2008 [1963] e [1966]), referidos no início do presente capítulo.

No estudo sobre a motivação social de uma mudança sonora, na Ilha de Martha’s Vineyard, estado americano de Massachusetts, Labov teve como objeto uma alteração na

⁷ Da aplicação de regras variáveis resultam duas ou mais formas linguísticas em alternância, num mesmo contexto. As regras categóricas geram uma só forma.

altura do primeiro elemento de ditongos na fala dos nativos da ilha. Os ditongos são /ay/ (*light*, luz) e /aw/ (*house*, casa). As diversas regiões, faixas etárias, grupos profissionais e étnicos dentro da ilha, fatores controlados na pesquisa, correlacionam-se à centralização dos ditongos, como: a distribuição geográfica (Ilha baixa, Ilha alta); grupos ocupacionais (pescadores, fazendeiros, outros) e grupos étnicos (ingleses, portugueses, indígenas). A forma centralizada da pronúncia dos ditongos /ay/ e /aw/ como [ɛɪ] e [ɛʊ] ou [əɪ] [əʊ] é um traço característico dos *Vineyarders* (“vineyardenses”), ou seja, denota pertença à ilha acompanhada de um *status* nativo, em contrapartida aos turistas que frequentam a ilha na temporada de verão, provenientes do continente, que não centralizam.

Na pesquisa da estratificação social do /r/ nas lojas de departamentos na cidade de Nova Iorque, Labov utilizou o método da entrevista gravada de forma individual com o intuito de observar a fala vernacular, não controlada e no contexto social natural do falante. Para isso, foi gravada a fala de empregados de três lojas americanas estratificadas socialmente, sendo a de *status* superior Saks, *status* médio Macy’s e de *status* inferior S. Klein. O objeto do estudo foi o apagamento variável de /r/ em coda silábica: *forth floor* (quarto andar) ~ *fo:th floo:.*

A hipótese de Labov sobre a estratificação social na produção de /r/ confirmou-se. Os empregados da loja de *status* superior apresentam valores mais altos de uso de /r/; empregados da Macy’s apontam para valores mediais de uso de /r/ e os valores baixos de uso de /r/ estão para os empregados de *status* inferior. Esse trabalho também revelou que os jovens são os impulsionadores da realização de /r/, com exceção dos empregados de *status* médio, em que o percentual do emprego de /r/ concentrou-se mais entre a faixa etária de 45 a 60 anos.

Os fenômenos linguísticos analisados por Labov e os trabalhos feitos desde então têm contribuído para mostrar que o estudo de regra variável é revelador do comportamento linguístico e social de uma comunidade de fala.

2.3 Variação e mudança linguística

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) defendem uma teoria da mudança linguística que lida com a maneira como a estrutura linguística se transforma, em uma comunidade de fala, no curso do tempo. Esse aspecto dinâmico da mudança corresponde à variação linguística.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) apresentam alguns princípios norteadores da pesquisa empírica sobre variação e mudança linguística. São cinco os problemas com que a teoria tem que lidar.

Os fatores condicionantes, primeiro problema, são vistos como um conjunto de condições possíveis, fatores que apontam e determinam a mudança. Por exemplo, em um sistema de dois fonemas que está em contato com um sistema de um fonema fundido, a mudança será em favor do sistema de um fonema só. Dessa forma, o termo fatores condicionantes pode significar fatores que restringem ou pressionam o aparecimento de algumas formas e, assim, levam à mudança.

Outro problema é a transição, que está relacionada com a estrutura linguística variável e com fatores da estrutura social. Pode-se observar, através da transição, como uma determinada variante está se difundindo na comunidade de fala, ou seja, como a língua está mudando e quais os percursos para essa mudança. Passa-se um tempo em que as formas coexistem e chega o momento em que uma das formas cai em desuso. Assim é a transição, levada adiante por grupos etários diferentes.

As mudanças linguísticas devem estar encaixadas no sistema linguístico como um todo. O encaixamento na estrutura linguística aponta as relações com outros elementos da estrutura da língua ou com outros elementos que também estejam em mudança. Envolve, ainda, a descrição do contexto linguístico que favorece a variação e mudança e também as reações em cadeia, ou seja, em que uma mudança puxa outra, conforme Faraco (1998). O encaixamento na estrutura social diz respeito às características sociais e geográficas. Dessa forma, encaixar um fenômeno em uma comunidade de acordo com a faixa etária, sexo, cidade e escolaridade é investigar sua relação com elementos da matriz social.

A avaliação é vista através do julgamento subjetivo das formas variáveis. Analisa-se a reação dos falantes diante do uso de uma variável, de modo que se defina a tendência de mudança que essa avaliação social favorece. Isso é denominado problema da avaliação.

As informações sobre transição e avaliação, juntamente com as informações relativas ao encaixamento da variável na estrutura linguística da comunidade de fala, têm um papel no esclarecimento de como a mudança chegaria à sua realização e a razão pela qual a mudança aconteceu em um tempo e lugar determinados. A variação passa à mudança gradualmente, esse processo não ocorre instantaneamente. Este é o processo de implementação da mudança em uma comunidade de fala.

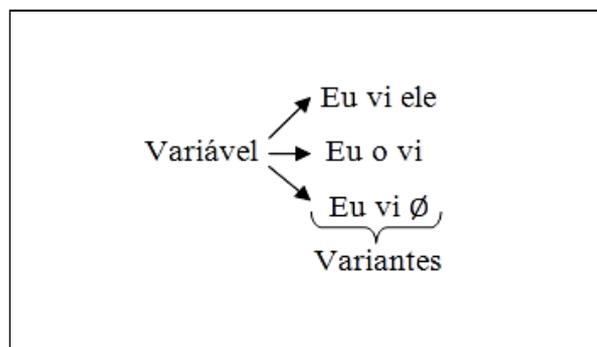
2.4 Análise de regra variável

A sociolinguística, no estudo dos padrões de comportamento linguístico observáveis dentro de uma comunidade de fala, formaliza a heterogeneidade por meio de regras variáveis.

As realizações dos falantes, segundo Brescancini (2002), obedecem a um padrão sistemático. As regras variáveis expressam essa sistematicidade, contemplando fatores condicionadores, linguísticos e sociais.

A aplicação da regra variável resulta em variantes. As variantes são as diferentes formas de dizer a mesma coisa. Por exemplo, a referência pronominal em PB, como explicado em Tarallo (1997), pode ser organizada como no Quadro 1:

Quadro 1 – Exemplo de regra variável



A realização de uma ou outra variante pela aplicação de uma regra variável compõe a variável dependente. O termo dependente é utilizado porque a realização de uma ou outra variante na fala é condicionada por fatores linguísticos e fatores sociais. Os grupos de fatores controlados correspondem às variáveis independentes da pesquisa.

A partir das variáveis independentes consideradas em um estudo, o pacote de programas computacionais de análise estatística VARBRUL⁸ avalia quais os fatores que condicionarão, favoravelmente ou não, a realização pelos falantes de uma variante ou outra num mesmo contexto linguístico.

A maioria dos estudos variacionistas labovianos analisa a aplicação ou não da regra na geração de duas variantes, apenas, isto é, realiza análise binária. No entanto, há estudos em que a variável dependente pode ser ternária ou eneária. Nesses modelos de análise, a variável recebe o tratamento estatístico, de percentuais, probabilidades e pesos relativos. Na análise binária, atribui-se o valor 1 para a aplicação e 0 para não-aplicação da regra em estudo.

⁸ Pacote de programas computacionais desenvolvido a fim de realizar estudos sociolinguísticos quantitativos.

Segundo Guy e Zilles (2007), a análise de regra variável é um tipo de análise multivariada com o propósito de separar, quantificar e testar a significância dos efeitos dos fatores condicionadores (linguísticos e sociolinguísticos) em uma variável linguística. A *regra variável*, introduzida por Labov (1969) e Cedergren & Sankoff (1974), foi concebida como uma regra de reescrita sensível ao contexto que relaciona um par de variantes como $x \rightarrow \langle y \rangle$. Quando é aplicada a regra, tem-se “y”, quando não aplicada, tem-se “x”. Os grupos de fatores recebem um valor para seu peso relativo no condicionamento da aplicação da regra. O valor atribuído vai de 0 a 1. Um valor acima de 0,5 indica que o fator condiciona a aplicação da regra; abaixo de 0,5, que não condiciona; em torno de 0,5, que é neutro em relação ao fenômeno. O índice da aplicação da regra caracteriza-se como uma probabilidade de *input*, P_0 . Para a combinação dos valores dos fatores e a probabilidade de *input*, é atribuída uma função matemática, no caso a “logística”, de Rousseau & Sankoff (1978).

A análise pelo pacote de programas VARBRUL é realizada com dados codificados conforme as variáveis independentes controladas. Os dados são levantados do uso da língua numa comunidade de fala, em geral de entrevistas sociolinguísticas.

A entrevista sociolinguística, segundo Tarallo (1997), tem por propósito minimizar a presença do pesquisador na forma como são coletados os dados. O pesquisador-sociolinguista necessita de situações naturais da comunicação e de grande quantidade de dados com boa qualidade sonora. Para isso, precisa neutralizar ao máximo a presença de um gravador e a sua própria presença. Para alcançar tal propósito, a recomendação metodológica é a de que o pesquisador elabore um roteiro de perguntas abertas, questões para despertar a narração do informante. O roteiro serve para homogeneizar os dados de diferentes informantes de forma que possam ser comparados posteriormente, provocando narrativas de experiência pessoal. Enquanto o informante envolve-se emocionalmente no relato dos fatos, não presta atenção ao modo como os relata, proporcionando uma situação de comunicação natural e espontânea, ou o mais espontânea possível.

Ao realizar as entrevistas sociolinguísticas, o pesquisador-sociolinguista pode ambientar-se à comunidade, aos seus problemas e peculiaridades, demonstrando interesse em aprender sobre o local e sobre os informantes, a fim de obter mais informações sobre o uso da linguagem e o aspecto variável de interesse. Esse procedimento inspira-se no método da observação seguido na antropologia.

O roteiro elaborado para a realização das entrevistas sociolinguísticas do presente estudo envolve questões pessoais, bem como de interação na comunidade e com outros

informantes. As perguntas abordam momentos vividos pelo informante, momentos presentes da sua vida e projeções futuras na comunidade.

2.5 Comunidade de fala

Comunidade de fala nos estudos variacionistas não é entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente da mesma forma, mas que, ao falarem, compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros. Portanto, pode-se entender a comunidade de fala como um grupo que segue as mesmas normas de uso de uma língua.

Para os sociolinguistas, nas comunidades de fala frequentemente existirão formas linguísticas em variação, formas que estão em coocorrência (quando duas formas são usadas num mesmo contexto) e em concorrência.

Para Labov (2008 [1972]), os membros de uma comunidade de fala, ao compartilharem normas de uso, configuram padrões, realizam variação de forma estratificada na fala. De acordo com o autor,

Os métodos de análise quantitativa foram aplicados ao problema de descrever a estrutura fonológica da comunidade em seu conjunto, enquanto oposta à fala dos indivíduos. De fato, descobriu-se que a fala da maioria dos indivíduos não formava um sistema coerente e racional, sendo marcada por numerosas oscilações, contradições e alternâncias, inexplicáveis em termos de um único idioleto (LABOV, 2008 [1972], p.153).

Segundo Guy (2000), três características são definidoras das comunidades de fala: (i) características linguísticas compartilhadas e usadas na comunidade, mas não fora dela (palavras, sons ou construções gramaticais); (ii) densidade de comunicação interna relativamente alta (entre os indivíduos da comunidade) e (iii) normas compartilhadas (atitudes em comum sobre o uso da língua, a direção da variação estilística e avaliações sociais a respeito das variáveis linguísticas).

Os estudos quantitativos de cunho variacionista exploram o conceito de comunidade de fala para delimitar o grupo de falantes considerando que, em geral, localiza-se espacialmente. Subgrupos de uma comunidade de fala podem ser estudados como comunidades de prática.

2.6 Comunidades de prática

Na definição abordada por Lave e Wenger na obra *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation* e no estudo de Wenger, *Communities of Practice*, ambas citadas em Eckert (2000), uma comunidade de prática é um agregado de pessoas que se reúnem em torno de um empreendimento comum.

Para Eckert (2000), os membros de uma comunidade de prática devem ter um engajamento a ela como a uma corporação, em que agem de modo a alcançar objetivos comuns. Cada indivíduo tem sua participação no grupo, podendo ser marginal ou central. A forma de participação varia de acordo com as atividades praticadas nos grupos. Se em um deles o sujeito participa de forma marginal, em outro grupo poderá ser de forma central. Além disso, o que contribui para as diferentes formas de participação são categorias como classe social, idade, etnia, gênero, produzidas e reproduzidas em conjunto nos grupos. A ideia é que indivíduos cuja participação é central influenciam as práticas sociais do grupo, inclusive as linguísticas.

Ainda para a autora, a identidade individual emerge deste processo de articulação do indivíduo na comunidade de prática, bem como a identidade da comunidade de prática emerge através do engajamento dos indivíduos.

Estudar as comunidades de práticas implica ao pesquisador, como requisito inicial, ter certa familiaridade com a comunidade estudada, o que se desenvolve através do trabalho de campo. O pesquisador deve dar atenção à visão que os próprios membros da comunidade têm sobre aspectos da estrutura social da comunidade, sobre o lugar deles nessa estrutura e sobre o lugar da comunidade no mundo como um todo.

O estudo de Bovo (2004), que envolveu análise quantitativa de regra variável, voltou-se à realização da vibrante em *onset* silábico em português por bilíngues português-italiano residentes na zona rural de Caxias do Sul (RS). Investigou o emprego e o valor social das variantes vibrante múltipla ou simples (*arroz::aroz*) numa comunidade de prática, o Clube de Mães. A autora buscou, com essa análise qualitativa, compreender o papel do gênero feminino na inibição da alternância. A estratégia de análise de Bovo (2004) foi a de participar de eventos promovidos pelo Clube de Mães, bem como de entrevistas recontatadas com os informantes do banco de dados utilizado para o estudo, o BDSer⁹. A autora descreve, nas

⁹ O Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha – BDSer – é um acervo de entrevistas sociolinguísticas da Universidade de Caxias do Sul, realizadas nesse município e em São Marcos, Antônio Prado e Flores da Cunha de 2000 a 2009.

palavras de um informante (M.L.P.B., 45 anos) de sua pesquisa, a seguinte definição para comunidade de prática:

Nas palavras de uma das integrantes da diretoria do Clube de Mães em estudo, essa agremiação seria um “*grupo de pessoas que têm o objetivo comum de se reunir, conversar, brincar, passear, com fins recreativos, não beneficentes, mas, principalmente, conversar, se animar. Nós somos que nem um grupo de auto-ajuda. Não é como os da cidade que são mais beneficentes, mais comunitários*” (BOVO, 2004, p.132).

Nas conclusões a respeito dessa comunidade de prática, o Clube de Mães, a autora aponta a orientação da mulher para a cidade, uma vez que lá elas veem oportunidades de crescimento profissional. Os homens, por outro lado, tendem a permanecer na zona rural em função do trabalho na agricultura. Como consequência, as mulheres promovem mais frequentemente o uso linguístico da variante-padrão (vibrante múltipla), opondo-se aos homens, que empregam mais a variante não-padrão (vibrante simples).

Ainda, de acordo com uma informante da pesquisa de Bovo (2004), as mulheres da comunidade estão se “soltando”, sentem a necessidade de algum tipo de mudança. Agem de forma que o Clube de Mães seja para si uma oportunidade de lazer e de união entre as mulheres, assim como é permitido ao homem na bodega (misto de bar e armazém de gêneros, frequentado predominantemente por homens). A afirmação da informante relaciona-se à preferência pelo uso linguístico de prestígio, abandonando o uso da vibrante simples em contexto de vibrante múltipla.

Na mesma região do Rio Grande do Sul, a antiga região colonial italiana (RCI), o estudo de Guzzo (2010) sobre a elevação de /e/ em sílabas tônicas em Flores da Cunha evidenciou a relação entre práticas sociais e aplicação da regra variável. Jovens, do gênero feminino, da zona urbana apresentaram maior aplicação da elevação de /e/. A autora descreve que:

Percebe-se, portanto, que as práticas sociais associadas à imigração são também associadas ao grupo de ítalo-descendentes que hoje habita a RCI. Tais práticas, como a cultura da uva, a culinária, a manutenção da fala dialetal ou de características dialetais italianas e o artesanato, reforçam o pertencimento ao local e a diferença do grupo de origem italiana com relação a outros grupos. Essas práticas sociais contribuem para que, na RCI e em Flores da Cunha, seja constituída e preservada uma *cultura* própria (GUZZO, 2010, p. 125).

Os estudos referidos aqui ilustram a crítica feita por Eckert (2000) ao conceito de comunidade de fala. Labov pretendeu buscar na comunidade de fala uma unidade, uma

homogeneidade na heterogeneidade. Eckert, diferentemente, pretendeu aprofundar essa delimitação, abrangendo os falantes que transitam em grupos dentro da comunidade. Ao encontro da autora, Wenger (2002) entende comunidade de prática como uma ferramenta para conectar as pessoas, através de práticas sociais comuns, o que pode revelar também o valor das alternantes na construção de identidades.

2.7 Rede social

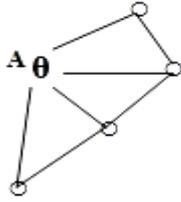
A concepção de comunidade, nos estudos sociolinguísticos, gerou discussões, assim como o termo classe social. Alguns autores afirmaram que, na definição da comunidade, o pesquisador deveria levar em conta o fato de as pessoas terem um pensamento claro de que pertencem a ela (MILROY, 1987). Para os cientistas sociais, o propósito de operar com comunidade é contar com uma unidade local, caracterizada por membros de uma localidade com interação primária.

A visão de comunidade de Milroy (1987) é relacionada a ‘localismo’, um forte sentimento de pertencimento a uma área da cidade. A pertença de um indivíduo à comunidade pode expressar-se por não se seguirem normas supralocais. O conflito entre os vineyardenses e os turistas de verão da Ilha de Martha’s Vineyard, abordado no clássico estudo de Labov, é manifestação de localismo. Estudos de psicologia social, como o de Ryan (*apud* MILROY, 1987) notaram que até um dialeto de baixo *status* e prestígio étnico pode ser símbolo de poder e de identidade de um grupo.

Trabalhando com comunidades menores, os sociolinguistas podem dar atenção às redes sociais pessoais que nelas se estabelecem. Milroy (1987) vê dois tipos de redes sociais: (a) de falantes de baixo *status*, membros de redes sociais ‘fechadas’, em que há maior interação entre esses falantes dentro de um território definido e onde contatos são mais próximos, pois todos se conhecem; (b) de falantes de um grupo social privilegiado, que têm as redes sociais ‘abertas’ porque se movem além das fronteiras territoriais e não necessariamente se conhecem.

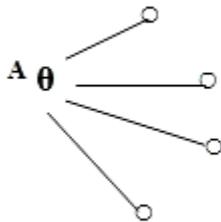
As Figuras 1 e 2 ilustram os dois tipos de redes sociais referidos anteriormente, a partir de estudos de Milroy (1987). Entende-se nestas figuras que um indivíduo está representado por ^A em θ (ponto central da rede) e outras pessoas localizam-se nos outros pontos. O contato estabelecido entre eles é representado por linhas.

Figura 1 – Estrutura de rede pessoal de alta densidade



Fonte: Milroy (2002, p. 2).

Figura 2 – Estrutura de rede pessoal de baixa densidade



Fonte: Milroy (2002, p. 2).

As redes sociais pessoais são caracterizadas em sua densidade e sua multiplexidade¹⁰, segundo Milroy (1987).

As redes sociais pessoais podem estabelecer uma conexão de alta ou de baixa densidade. Numa rede relativamente densa, há um grande número de indivíduos conectados. Se eles se conectam por mais de uma forma de ligação, ou seja, podem estar em contato por motivos de amizade, parentesco ou vínculo empregatício, esta é uma rede social pessoal densa e multiplexa. Uma rede pessoal pode ser também uniplexa, com membros ligados de uma única forma.

De acordo com Milroy (2002), a ancoragem de uma rede social está na pessoa de onde partem as linhas para os pontos, ou seja, para outras pessoas. Afirma-se que pertencer a uma

¹⁰ Dos termos *density* e *multiplexity*, em inglês.

rede social de zona de primeira ordem é estabelecer laços fortes, enquanto que, em uma rede social de segunda ordem, os laços são mais fracos.

A Figura 3 aponta para uma rede social pessoal densa, multiplexa, com suas zonas de primeira e segunda ordem:

Figura 3 – Rede social pessoal densa, multiplexa, zonas de primeira e segunda ordem

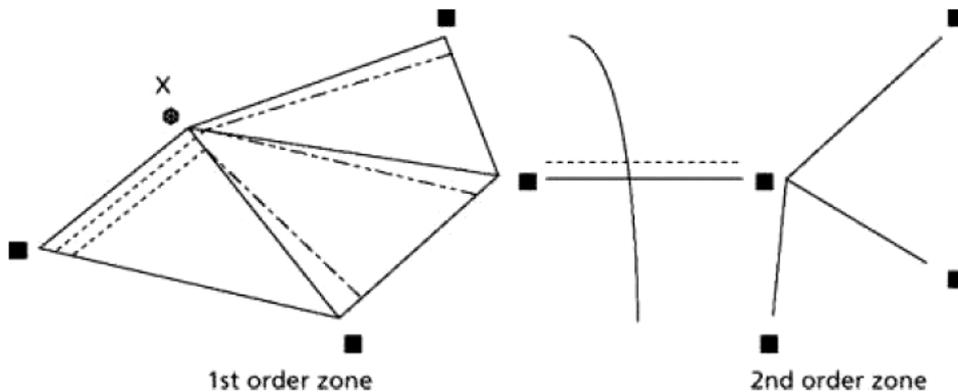


Figure 22.1 High density, multiplex personal network structure, showing first and second order zones

Fonte: Milroy (2002, p. 2).

Já em 4, vê-se uma rede social pessoal de densidade baixa, uniplexa:

Figura 4 – Rede social pessoal de densidade baixa, uniplexa

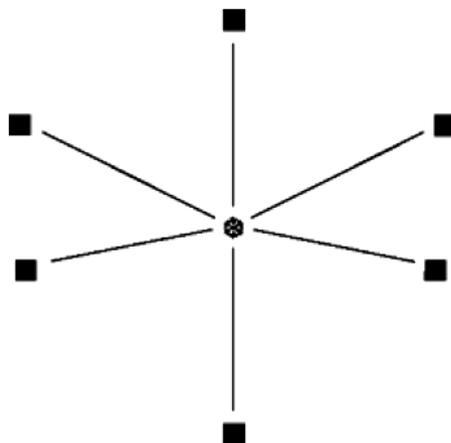


Figure 22.2 Low density, uniplex personal network structure

Fonte: Milroy (2002, p.3).

Blake e Josey (2003), ao retornarem à Ilha de Martha's Vineyard, estudada por Labov na realização do ditongo /ay/, realizaram também análise de rede social.

Os pesquisadores aproximaram os dois estudos, inclusive limitando a pesquisa para homens entre as faixas etárias consideradas por Labov. No entanto, estabeleceram uma forma de mensurar o grau de interação em rede entre os informantes de forma que estipularam os graus em uma escala de 1 – 4. O grau (1) corresponde a uma situação de intensa comunicação entre os indivíduos, diariamente no trabalho, escola ou em casa. O grau (2) atribui-se a uma forte relação, uma comunicação regular entre os indivíduos; o grau de relacionamento (3) está para uma relação “entre amigos”, de conversa ocasional, e o grau (4) é o dos indivíduos que se conhecem, porém não há um contato dinâmico entre eles. Um quinto grau foi considerado, marcado com sinal negativo (-), indicando que a relação desses indivíduos foi rompida em um certo tempo. Os autores concluíram que há evidência para uma mudança sonora na Ilha de Martha's Vineyard, estudada por Labov anteriormente, acrescentando com o estudo em rede que o relacionamento dos falantes da ilha é de laços fortes por interagirem proximamente, com familiaridade.

A escala proposta por Blake e Josey (2003), adaptada, serviu para o estudo sobre a palatalização das oclusivas alveolares (*tia* ~ [tʃ]ia, *dia* ~ [dʒ]ia) na cidade de Antônio Prado, Rio Grande do Sul, pesquisada por Battisti et al. (2007) e Battisti (2011). Segundo Battisti (2011, p. 266), “a estrutura e conteúdo da rede (dos informantes para a pesquisa) têm impacto na difusão (ou refreamento) da regra de palatalização em Antônio Prado”. A proporção de palatalização na comunidade é de 29%, condicionada pelas variáveis Idade, Local de residência e *Status* da vogal alta. A análise de rede revelou diferenças nos laços estabelecidos entre os informantes de zona urbana e de zona rural. Os informantes da zona urbana condicionam a aplicação da regra de palatalização e apresentam laços mais fracos, que não favorecem o vernáculo local. Os informantes da zona rural desfavorecem o processo de palatalização. Os laços mais íntimos reforçam o vernáculo local, decorrem das práticas diárias dos informantes na área rural, que é extensa e pouco populosa. As atividades econômicas provêm dos minifúndios familiares, distantes uns dos outros, organizados em torno de capelas e sustentadores do grupo familiar no local.

Neste estudo se verificarão os graus de conectividade dos 24 informantes com base na escala adaptada de Blake e Josey (2003).

3 IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL

O processo de ocupação do Rio Grande do Sul pelos europeus ao longo do século XIX se deu de forma muito controversa. Houve muitos confrontos entre portugueses e espanhóis. O controle da foz do Rio da Prata era o pano de fundo de todas as disputas. Nesse processo de conquista, as populações aborígenes que há muito tempo já ocupavam essas regiões, denominados pelos europeus de indígenas, foram praticamente dizimados. Empreendeu-se certamente um dos maiores genocídios dos tempos modernos. Como em todo território brasileiro, desapareceram nações indígenas, com suas diferentes culturas, línguas e religiões.

O século XVIII foi marcado pela distribuição de sesmarias aos portugueses, que ocuparam o território onde hoje se situa o Rio Grande do Sul. É nesse contexto temporal que se dá a presença de Antônio Vítor de Sampaio Mena Barreto, fundador de Estrela/RS, no vale do rio Taquari. A chegada posterior de imigrantes alemães a essa região é organizada pelos lusos, que ocuparam primeiro o território.

A Europa enfrentava, no início do século XIX, as consequências das guerras napoleônicas e a falta de unidade política, com a divisão de países. Nesse contexto difícil para os europeus, a vinda para a América era a esperança de novas possibilidades de vida.

O império brasileiro planejou a povoação e colonização do Rio Grande do Sul. Para isso, enviou o Major Jorge Antônio von Schaeffer à Europa, a fim de recrutar colonos alemães para substituir a mão de obra escrava e para robustecer o exército, conforme Schierholt (2002). Na Europa, o Major von Schaeffer propagou o projeto de colonização do Rio Grande do Sul, prometendo terras e vantagens, como animais, ferramentas agrícolas e sementes, para os colonos que se aventurassem na América.

No início do século XIX, chegaram ao Brasil os primeiros imigrantes alemães com perspectivas de trabalho e prosperidade econômica, apesar de todo o sofrimento durante a travessia. Conforme Heinz (2010, p.15), “a travessia do oceano era feita em embarcações à vela e alguns navios tinham péssimas condições, podiam levar mais de três meses para completar a viagem.”

Os imigrantes, sozinhos ou com as famílias e filhos, provinham de diferentes províncias, cidades, aldeias germânicas: Pomerânia, Westfalen, Hunsrück, Swabia e regiões circunvizinhas. Segundo Raso, Mello e Altenhofen (2011), essa ocupação dirigiu-se às áreas do interior no Sul do Brasil. Os alemães foram os primeiros imigrantes a chegar ao Rio

Grande do Sul, a partir de 1824; os italianos, a partir de 1875; poloneses, a partir de 1890; japoneses, a partir de 1908, entre outros grupos menos populosos.

A primeira leva de imigrantes alemães chegou em 25 de julho de 1824 a São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. As primeiras colônias foram criadas. Nas comunidades, os imigrantes comunicavam-se na língua de seu país de origem e foram aprendendo o PB. As dificuldades foram muitas, uma delas foi a língua.

Na perspectiva de Spinassé (2008, p. 119):

os falantes de alemão formaram assim as chamadas “ilhas linguísticas”. No imenso país, onde uma língua oficial é difundida e diária, havia “clareiras” – as colônias – onde uma outra língua (uma língua estrangeira) era falada. Dentro dessas ilhas, os moradores não vinham, porém, de uma mesma região do solo germânico. Como os estados de língua alemã ainda não representavam uma unidade na metade do século XIX, as diferenças dialetais eram ainda mais perceptíveis. Esses diferentes dialetos foram trazidos para o Brasil, onde entraram em contato direto uns com os outros dentro de uma mesma comunidade. Em comunidades homogêneas o dialeto corrente era também a variante da maioria e foi mantido; nas colônias heterogêneas houve um processo inevitável, natural e muito forte de mistura de elementos dessas variedades orais, sendo que a variante da maioria normalmente se sobrepunha às demais. Como a maioria dos imigrantes originava-se da região de língua alemã mais pobre naquela época – a região do Hunsrück –, e sua língua diária era o dialeto francônio-renano/francônio moselano, essa variedade contribuiu inegavelmente mais para a formação de uma língua híbrida no Brasil. (SPINASSÉ, 2008, p. 119).

Vindos para São Leopoldo, os imigrantes organizaram-se em colônias. O *Mapa 3 – Rede de pontos do ALMA-H, com indicação do ano de fundação da colônia, e estado atual da coleta de dados*¹¹, do Projeto “O Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA)”, apresenta os pontos de colonização alemã. À região no entorno de São Leopoldo convencionou-se chamar de *colônias velhas* (ver pontos em destaque na Figura 5) e as *colônias novas* foram estabelecidas a partir de 1890.

O ponto 09 é onde fica Estrela/RS e assim se confirma a presença de bilíngues na comunidade de Glória.

¹¹ O Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA) é um macroprojeto desenvolvido em conjunto pelas áreas de Romanística (da Christian-Albrechts-Universität de Kiel, Alemanha) e Germanística (do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil), sob a coordenação de Harald Thun (Kiel) e Cléo V. Altenhofen (Porto Alegre). Disponível em: <http://www.ufrgs.br/projalma/oqueeh/eventos.html>. Acesso em: 11 jan. 2013.

3.1 Imigração alemã em Estrela

O município de Estrela, localizado no Vale do Taquari, região Sul do Brasil, recebeu a partir de 1855 os primeiros imigrantes alemães que se estabeleceram nas picadas¹², recebidas do governo brasileiro para morar e trabalhar, segundo Hessel (1983). Uma dessas picadas repassadas aos colonos alemães é a atual Linha Glória, comunidade pertencente à zona rural de Estrela. Glória foi escolhida para este estudo como a comunidade de fala porque é um dos povoados mais antigos do município, fundado por imigrantes alemães.

A fundação do município de Estrela teria provavelmente ocorrido por volta de 1856, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010):

época em que começou a colonização em terras de propriedade do Coronel Vitorino José Ribeiro, colonização essa constituída, fundamentalmente, de imigrantes alemães. A esta colônia, a que se deu o nome de “Estrela”, seguiu-se a de Teutônia, criada dois anos depois por Carlos Arnt, ambas pertencentes ao município de Taquari. Estabelecidos os primeiros colonos, outros seguiram exemplo, em sua maioria vindos de São Leopoldo, que foi a primeira colônia alemã do Rio Grande do Sul.

O município de Estrela emancipou-se em 20 de maio de 1876, conforme a Lei nº 1044, sancionada pelo Conselheiro Tristão de Alencar Araripe. Está prestes a completar 137 anos. Conforme os dados de 2010 do IBGE, estima-se que Estrela tenha 30.619 habitantes. A área da unidade territorial do município é de 184,176 Km², dista 92,31 Km de Porto Alegre, capital do Estado.

A Figura 6 ilustra o mapa do Rio Grande do Sul com a localização do município de Estrela em relação à capital, Porto Alegre/RS, no Brasil¹³:

¹² As picadas eram as localidades abertas na mata pelos colonos. Segundo Hessel (1983), o termo picada foi substituído por linha. Por exemplo, picada Wolf passou a ser denominada Linha Wolf. A partir de uma delimitação de terra, cada colono recebia uma pequena fração, em torno de 25 hectares, para se estabelecer com a família.

¹³ Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Estrela_\(Rio_Grande_do_Sul\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Estrela_(Rio_Grande_do_Sul)). Acesso em: 06 jan. 2013.

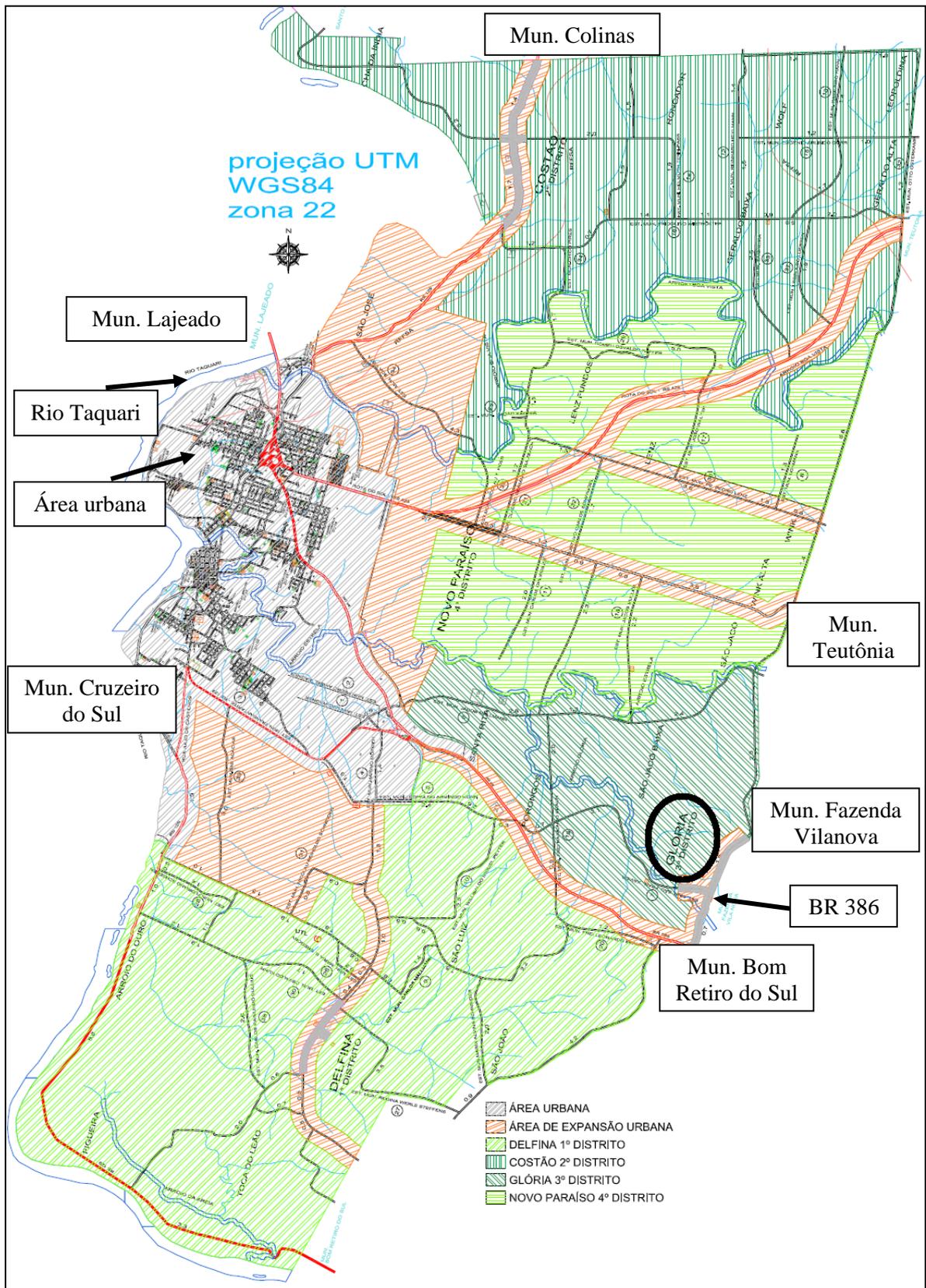
Figura 6 – Mapa do Rio Grande do Sul com a localização do município de Estrela



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Estrela_\(Rio_Grande_do_Sul\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Estrela_(Rio_Grande_do_Sul)).

Conforme o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (PDDI) de Estrela, as divisões das macrozonas do município estão distribuídas na Figura 7 que apresenta o mapa do município com a localização de Glória, comunidade em análise nesta pesquisa, e demais pontos referenciais. O município de Estrela é composto pela zona urbana e pelos quatro distritos da zona rural, sendo Glória o 3º distrito.

Figura 7 – Mapa do município de Estrela com a localização de Glória



Fonte: <http://www.estrela-rs.com.br/site/home/pddi/>.

O 3º distrito, Glória, é caracterizado pelas atividades econômicas do setor primário. Dentre esses, destacam-se a produção de leite, suíno, frango, bem como a produção de milho, soja e mandioca.

A economia do município baseia-se em: comércio 33%; indústria 31% e produção primária 24%. No setor primário destacam-se a produção de leite, com mais de 14 milhões de litros por ano e a produção de frango e suíno.

As atividades de trabalho local, diretamente ligadas com o plantio e a produção de alimentos, são realizadas por núcleos familiares. No entanto, muitos moradores, da geração mais nova, não estão presentes nessas atividades, pois se deslocam para o centro urbano a fim de obter trabalho em indústrias e outros setores econômicos.

Os eventos sociais em Estrela são marcados por grandes festividades, características dos imigrantes alemães. Ocorrem anualmente o Festival do Chucrute, Parkchoppfest, Maifest e Brotfest. Os bailes de Kerb¹⁴ são muito apreciados nas localidades do interior do município. Em Glória também ocorre o tradicional Baile de Kerb, divulgado em cartazes como o da Figura 8:

Figura 8 – Cartaz de divulgação do Baile de Kerb em Glória



Fonte: <http://estrela-riograndedosul.blogspot.com.br/2012/04/baile-de-kerb-na-gloria-estrela-rs.html>.

¹⁴ Na região Sul do Brasil, o *Kerb* incorporou-se como atividade das comunidades germânicas. Ocorre, geralmente, no mês de comemoração da fundação da Igreja da localidade. "*Die Kerb*" ("*Die*" é um artigo que teria valor de "a") é a designação regional dos estados alemães do Hessen e da Renânia Palatinado para o vocábulo *Kirchweih*, que quer dizer "Inauguração da Igreja".

Disponível em: <http://www.portal25.com/index.php?a=12&h=deutsch/fest/fes006&l=1>. Acesso em: 22 jan. 2013.

3.2 Bilinguismo e línguas em contato

Esta dissertação investiga a realização variável, na fala em língua portuguesa, da plosiva bilabial desvozeada [p] em lugar da vozeada /b/ e vice-versa no contato PB-Hunsrückisch, língua de imigração alemã. Por isso, é relevante abordar bilinguismo e línguas em contato, o contato PB-Hunsrückisch, bem como outros contatos, como o PB-dialetto italiano. Para tanto, revisam-se os estudos de Gewehr-Borella (2010) e Tomiello (2005). Embora com dialetos distintos (PB-Hunsrückisch e PB-dialetto italiano, respectivamente), constataram que a situação de bilinguismo leva a transferências de aspectos linguísticos de um sistema em contato a outro. A proficiência nas línguas em contato, seja total ou parcial, tem consequências linguísticas relevantes.

Gewehr-Borella (2010) observou e comparou a produção escrita, oral e a percepção de alunos monolíngues (falantes do PB sem contato com outra língua), monolíngues (falantes do PB que moram em contexto bilíngue) e bilíngues (PB-Hunsrückisch). Analisou a troca dos grafemas <p, b>, <t, d> e <c, g>, mediu VOTs na fala em PB e em Hunsrückisch, bem como descreveu os dados do teste de percepção. A coleta dos dados foi realizada com alunos do Ensino Fundamental de dois municípios: Rio Grande e Picada Café, no Rio Grande do Sul.

A autora concluiu que alguns alunos participantes não apresentaram transferências. Outros, no entanto, apresentaram transferências de dois tipos: grafo-fônico-fonológicas, que ocorreram da fala para a escrita, e transferências fonético-fonológicas, ocorrendo entre o fone físico e o fonema, geradas pela dificuldade de perceber as diferenças acústico-articulatórias da L1 e L2. Por não perceberem alguns fones da forma considerada padrão, os alunos transferiram os padrões distintos de VOT percebidos para sua fala.

O estudo de Tomiello (2005) trata da variação do ditongo nasal tônico *-ão* no português de São Marcos/RS, zona rural. Analisa a alternância *-ão::on* em palavras como *pão~pon*. Os resultados da autora apontaram, a respeito da variação do ditongo nasal tônico *-ão*, as variáveis idade, escolaridade, gênero, nos fatores 15 a 25 anos, 1 a 4 anos de escolaridade e masculino, mais palavras monossílabas e a consoante nasal ou posterior em contexto precedente como influenciadores. Os falantes mais velhos, homens e com o menor grau de instrução, que ainda mantêm a fala bilíngue, favorecem a aplicação de *-on*.

A observação participante da autora na família Poggere, comunidade de prática investigada, na zona rural de São Marcos/RS, constatou que a os membros da família comunicavam-se no dialeto italiano e misturavam-no na fala com português durante o trabalho na terra. Os membros da família se dirigiam à pesquisadora falando em português,

momento em que se sobressaía o uso do ditongo *-on*, geralmente na fala dos mais velhos (os pais). Já os dois filhos, por trabalharem e estudarem na zona urbana, e a filha praticam mais a fala em português, mesmo com pais. Os filhos pouco participam das atividades rurais, somente na época em que estão de férias. Isso poderá levar à não continuação do trabalho rural no ramo da uva, também pelo fato de a terra da família ser pouca e não prover o sustento de todos. Tomiello (2005) afirma que os falantes bilíngues possuem um domínio maior do dialeto italiano na fala do que da escrita, pois o dialeto foi transmitido de forma oral, em família, restringindo o emprego fora dela. Assim, a fala em português prevalece na conversa dos filhos com os pais, mas no momento em que os pais falam com os filhos, há a fala no dialeto italiano e a mistura com o português. Tomiello (2005) aponta o bilinguismo como prática social e identitária. Os bilíngues de São Marcos/RS distinguem-se pelo modo de falar, por suas normas e valores culturais e pelas práticas sociais realizadas na comunidade. A autora conclui, pela observação participante das práticas sociais da família Poggere, que a realização do ditongo *-on* foi mais presente na fala dos pais, mesmo que a mãe tenha mais contato com os filhos e realize menos o ditongo do que o marido. As práticas rurais são ainda mantenedoras da variante *-on*, enquanto na zona urbana observou-se que o ditongo *-ão* prevalece.

Os vinte e quatro informantes do presente estudo foram agrupados em três subcategorias da variável bilinguismo, na análise quantitativa. As subcategorias abrangem os informantes ativos, que falam e entendem dialeto alemão, passivos, entendem, mas não falam o dialeto e informantes zero bilinguismo, aqueles que não falam e nem entendem dialeto.

Subcategorizaram-se os informantes em ativo, passivo e zero como fez Bovo (2004), com base em Weinreich (1970). Bilinguismo, para o autor, é o uso alternante de duas línguas e bilíngue é o indivíduo envolvido na prática de alternar duas línguas. “A interferência resulta quando um bilíngue identifica um fonema do sistema secundário com um do sistema primário e, ao reproduzir isto, o sujeita às regras fonéticas do primeiro sistema.” (WEINREICH, 1970, p. 14).

Segundo Grosjean (1982), em uma comunidade onde diferentes grupos coexistem, as atitudes a uma língua desempenham um papel essencial na vida desses falantes, produzindo consequências negativas e positivas sobre as outras línguas em contato. De acordo com o autor,

o domínio de uma língua em situação de contato é geralmente determinado por quem aprende a língua. A língua dominante é aprendida pelo grupo majoritário, assim como pelos grupos minoritários, mas a língua minoritária é aprendida somente pelos membros da língua minoritária. (GROSJEAN, 1982, p.123).

Os grupos de informantes ativos e passivos, porque promovem o contato PB-Hunsrückisch, estão mais suscetíveis à variação das plosivas bilabiais do que informantes que não falam e não entendem o dialeto, somente o PB. Esses informantes, normalmente, usam o PB-Hunsrückisch alternando-os para propósitos diferentes, em diferentes etapas da vida, com diferentes pessoas.

Os modos de vida dos informantes bilíngues estão em um contínuo, segundo Grosjean (*apud* MILROY e MUYSKEN, 1995). No modo de língua monolíngue, os bilíngues adotam a língua dos monolíngues, desativando a outra língua. No entanto, pode haver interferência da língua desativada. E no modo de língua bilíngue, as línguas em contato estão ativadas, mas os bilíngues usam uma língua-base. Porém, de acordo com a situação social, os bilíngues adotam os termos ou a língua adequados. Para Bourdieu (2008 p. 78), essas “ ‘escolhas’ constitutivas de uma relação com o mundo econômico e social são incorporadas sob a forma de montagens duradouras e subtraídas pelo menos em parte às amarras da consciência e da vontade.” Os informantes ativos e passivos desta pesquisa usam a língua-base, PB, e o Hunsrückisch no convívio diário, no trabalho ou nas relações em ambientes sociais, nas comunidades de prática em que circulam. A língua-base, alvo deste estudo, apresenta interferências do Hunsrückisch.

4 O PORTUGUÊS BRASILEIRO EM CONTATO COM O HUNSRÜCKISCH

As colônias alemãs formadas na fase de imigração enfrentaram diversas dificuldades para se estabelecer, pois não receberam todos os insumos agrícolas, vantagens e auxílios prometidos pelo governo. Dessa forma, organizaram-se em pequenos grupos para sobreviver, contribuindo para que a língua alemã que os imigrantes falavam se mantivesse entre eles, mesmo no Brasil. Os imigrantes construíram suas casas, escolas, igrejas, clubes, armazéns e vendas nas colônias. Segundo Spinassé (2008), a organização social nas comunidades era muito forte. Nelas,

[...] a escola não ensinava português, mas sim alemão, a única língua que o professor sabia. Da mesma forma, os cultos aconteciam em alemão, já que o pastor era, muitas vezes, um dos imigrantes. Assim, existia uma pequena “Alemanha” durante alguns anos dentro de um espaço linguístico do português. (SPINASSÉ, 2008, p. 119).

O ensino da língua era confiado ao professor ou a uma pessoa idosa mais adiantada em leitura, escrita e cálculo encarregado de instruir as crianças, de acordo com Roche (1969). O dialeto era variável conforme a região de origem dos imigrantes, pois ao Rio Grande do Sul chegaram diversos grupos de falantes de regiões rurais diferentes, como *Holstein*, *Hanover*, *Mecklembourg*, *Hunsruck* (ROCHE, 1969, p.158).

O Hunsrückisch é

uma variedade dialetal de descendentes de imigrantes alemães, denominada pelos próprios membros da comunidade de fala de *Hunsrückisch*, também *Hunsbucklisch*, em alusão ao grupo majoritário de imigrantes oriundos da região do Hunsrück, localizada entre os rios Mosela e Reno, na Renânia central. O termo não é próprio da Dialetologia alemã, mas se impôs no Rio Grande do Sul, de onde se difundiu para outras regiões, incluindo sobretudo Santa Catarina, Paraná e região amazônica. (ALTENHOFEN, 1998, p. 17).

A língua de imigração alemã, Hunsrückisch, é uma variedade dialetal. É considerada *coiné* porque possui traços de muitos dialetos alemães, ou seja, é um contínuo linguístico de base francônio-renano e francônio-moselano das regiões de origem dos imigrantes. Por isso, os imigrantes que tinham a mesma origem, falavam o mesmo dialeto e praticavam a mesma religião fundiram-se à grande heterogeneidade de outras bases dialetais, bem como ao contato com o PB.

No entanto, o golpe político do Estado Novo (1937-1945) por Getúlio Vargas, num dos períodos políticos mais autoritários do país, proibiu qualquer manifestação em língua

estrangeira. Ou seja, iniciou-se um período em que era proibido comunicar-se na língua alemã nas colônias de imigrantes alemães até a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Para os imigrantes aprenderem o PB, foram enviados às colônias pelo governo brasileiro professores que falassem português. Padres e pastores também deviam falar português, a fim de estabelecer uma identidade nacional. Como consequência dessa nacionalização, os imigrantes acabaram por não aprender efetivamente, nesse período, nem o alemão padrão (AP), tampouco o PB.

Na fala em PB, os imigrantes alemães permaneceram, por muitos anos, com traços linguísticos da variedade dialetal do Hunsrückisch. Muitos dos traços linguísticos foram superados e vêm, atualmente, desaparecendo do PB. Porém, percebem-se, ainda, a presença de alguns resquícios desse contato. Um deles, objeto de estudo desta pesquisa, é a realização das plosivas bilabiais, da desvozeada [p] em lugar da vozeada /b/ e vice-versa.

4.1 Variação das plosivas bilabiais

Dentre os fenômenos linguísticos estudados na fala do Hunsrückisch, Altenhofen (2003, p.158) conclui, no artigo “O contato entre português e as línguas de imigrantes no Brasil: o exemplo do Hunsrückisch”, que “a pesquisa atual carece de descrições mais sólidas das interferências do português nas línguas de imigrantes, e vice-versa, e isso em todos os níveis de análise (fonético-fonológico, morfossintático, pragmático etc.)”. A presente pesquisa aborda o tema da realização variável, na fala em língua portuguesa, da plosiva bilabial desvozeada [p] em lugar da vozeada /b/ e vice-versa, procurando contribuir com essas descrições.

Conforme Spinassé (2008), há processos no próprio Hunsrückisch resultantes do contato com o português, como a forte pronúncia das oclusivas sonoras [b], [d] e [g], que soam como as respectivas surdas [p], [t] e [k], e o processo pelo qual as surdas soam como as sonoras de [p] para [b]. A autora afirma:

O interessante é que tais fenômenos também aparecem com palavras do português que estejam sendo usadas no lugar das correspondentes alemãs:
 nhd. der Kater / port. *o gato* / hrs. der **K**ato
 nhd. der Kleiderbügel / port. *o cabide* / hrs. der **G**abide
 nhd. die Kartoffel / port. *a batata* / hrs. die **P**atata
 nhd. die Schenke / port. *a bodega* / hrs. die **P**utega
 (SPINASSÉ, 2008, p. 122).

Cada língua é caracterizada por um grupo de fonemas, os quais são definidos pela função contrastiva que carregam com respeito aos outros, segundo Wiese (2006). São apresentados, nos Quadros 2, 3 e 4 e com símbolos fonéticos, os fones do PB, AP e Hunsrückisch, para demonstrar a variação das plosivas bilabiais nos três sistemas linguísticos.

No PB, há a plosiva bilabial desvozeada (/p/) e a plosiva bilabial vozeada (/b/). A caracterização fonética para ambas ocorre da seguinte forma, segundo Cristófar-Silva¹⁵:

- a) Tipo de obstrução: total (oclusão);
- b) Articulador ativo: lábio inferior;
- c) Articulador passivo: lábio superior;
- d) Posição do véu palatino: levantado;
- e) Estado da glote: aberta para (/p/) e fechada para (/b/).

O modo de articulação plosivo, segundo Cristófar-Silva (2003, p. 33), ocorre quando “os articuladores produzem uma obstrução completa da passagem da corrente de ar através da boca. O véu palatino está levantado e o ar que vem dos pulmões encaminha-se para a cavidade oral. Oclusivas são portanto consoantes orais.” No Quadro 2, observam-se as plosivas (oclusivas) bilabiais e outros fones do português:

Quadro 2 – Símbolos fonéticos consonantais relevantes para transcrição do português

Articulação		Bilabial	Labiodental	Dental ou Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Maneira	Lugar							
Oclusiva	desv voz	p b		t d			k g	
Africada	desv voz				tʃ dʒ			
Fricativa	desv voz		f v	s z	ʃ ʒ		x ɣ	h ɦ
Nasal	voz	m		n		ɲ ɣ̃		
Tepe	voz			r				
Vibrante	voz			ʀ				
Retroflexa	voz			ɻ				
Lateral	voz			l ɭ		ʎ ɸ		

Fonte: Cristófar-Silva (2003, p. 37).

¹⁵ Conforme o site: http://www.fonologia.org/fonetica_consoantes.php. Acesso em: 13 jan. 2013.

No AP, há seis fonemas plosivos, como no PB. O que diferencia o sistema do AP do sistema do PB é, na realização fonética, o grau de desvozeamento¹⁶. O Quadro 3 apresenta em símbolos fonéticos as realizações consonantais do AP¹⁷:

Quadro 3 – Símbolos fonéticos consonantais do alemão padrão

	Bilabial	Labio-dental	Dental	Alveolar	Post-alveolar	Palatal	Velar	Uvular	Glottal
Plosive	p b			t d			k g		ʔ
Nasal	m			n			ŋ		
Fricative		f v		s z	ʃ ʒ	ç		χ ʁ	h
Approximant						j			
Lateral Approximant				l					

Fonte: Kohler (1999, p.86).

Altenhofen (1996) apresentou o inventário fonêmico do Hunsrückisch. Os fonemas do Hunsrückisch com o diacrítico apresentam o processo de desvozeamento do AP e também do PB, podendo ser completo ou não. No Quadro 4, está o inventário fonêmico do Hunsrückisch:

Quadro 4 – Inventário fonêmico do Hunsrückisch

/b̥/	/d̥/	/g̥/	/l/	/j/
/pʰ/	/tʰ/	/kʰ/	/r/	
/v/				
/f/	/s/	/ʃ/	/x, ç/	
/h/				
/w/				
/m/	/n/	/ŋ/		

Fonte: Altenhofen (1996, p. 344).

¹⁶ Ver a produção dos sons das consoantes do AP no site.

Disponível em: <http://www.uiowa.edu/~acadtech/phonetics/german/frameset.html> acesso em: 13 jan. 2013.

¹⁷ Há várias análises do AP, nem todas convergentes.

As plosivas bilabiais do Hunsrückisch apresentam desvozeamento. Por exemplo, a palavra “pão”, com plosiva inicial vozeada em AP, realiza-se com plosiva desvozeada em Hunsrückisch. Veja-se o Quadro 5:

Quadro 5 – Palavra “pão” no AP, PB e Hunsrückisch

AP	PB	Hunsrückisch
[ˈbɾot]	[ˈpãw]	[ˈbʁot ^h] ¹⁸

De acordo com Altenhofen e Margotti (2011), no nível fonético-fonológico o traço característico do português de contato com o adstrato alemão mais evidenciado é a desvozeamento de consoantes sonoras, como em [ˈpɔlə] por [ˈbɔlə]. Segundo os autores, o traço da desvozeamento é um dos mais estigmatizados socialmente e mais perceptível por um membro de outra comunidade de fala. Esse fato é utilizado para fins humorísticos, contribuindo para estereotipar os imigrantes alemães¹⁹.

O fenômeno linguístico da variação do uso das plosivas do PB (/p, b/), segundo Gewehr-Borella e Altenhofen (2012, p. 2), “configura uma marca social bastante estigmatizada, com conotações negativas relacionadas aos falantes de línguas de imigração alemã, vista como ‘fala de colono’.”

Altenhofen e Margotti (2011, p. 299) afirmam que a “desvozeamento das consoantes sonoras explica-se pela inexistência, na língua materna (Hunsrückisch), da oposição desvozeada-vozeada, a qual leva à ausência de distinção em português, inclusive na escrita, levando ao que os professores costumam chamar de ‘troca de letras’”.

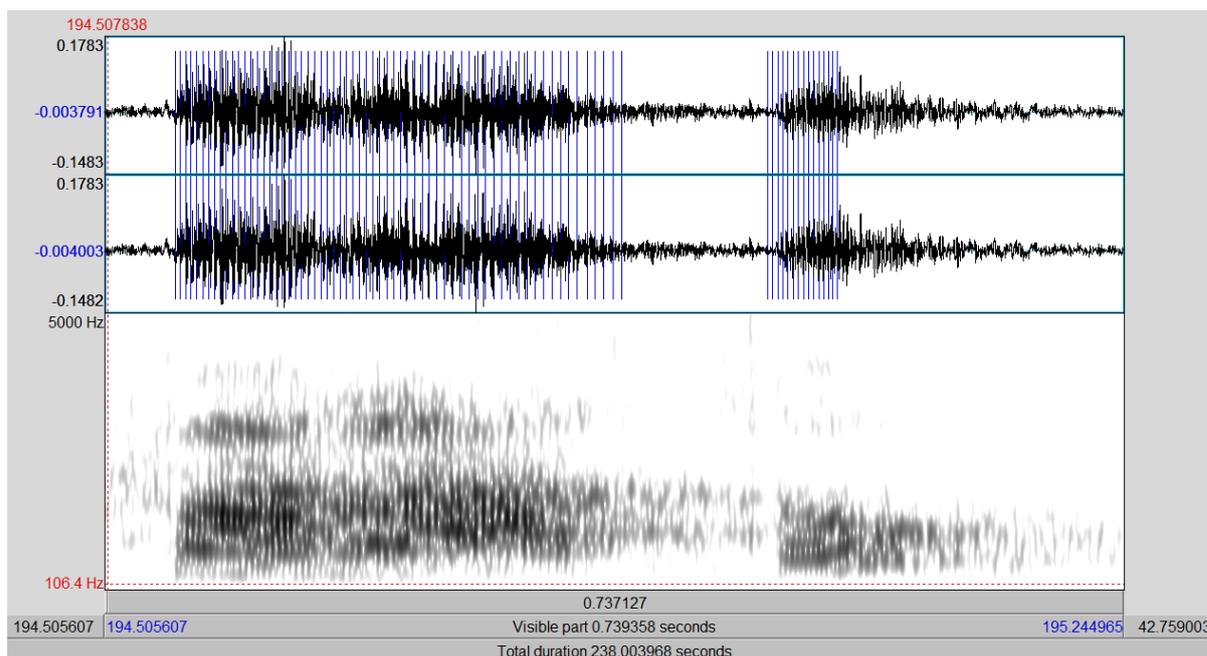
Com o auxílio do programa computacional Praat, (BOERSMA, WEENINK, 2013 - versão 5.3.39),²⁰ observou-se o processo de desvozeamento da palavra *barato*, em PB, na fala do informante I.L. ([b̥aˈrato]). Veja-se o espectrograma na Figura 9:

¹⁸ Nesta pesquisa, a variação das plosivas bilabiais é captada de oitiva, da gravação da fala do entrevistado com o entrevistador. É necessário um estudo de percepção e produção dos sons para confirmar, ou não, tal asserção.

¹⁹ São exemplos de estereótipos os personagens Willmutt e Truff Catuch. Willmutt é de Marechal Cândido Rondon/PR. Disponível em <http://www.willmutt.com.br/sobre.php>. Truff Catuch é de Novo Hamburgo/RS. Disponível em <http://jacorudiplitzlamp.tumblr.com/>. Acesso em: 24 set. 2012.

²⁰ O Praat é um programa computacional em que se pode analisar, sintetizar e manipular a fala. Disponível em: <http://www.praat.org>. Acesso em: 13 jan. 2013.

Figura 9 – Onda e espectrograma de [b̥a'ratu]



Na palavra *barato*, notou-se que o fonema plosivo bilabial vozeado sofreu desvozeamento, realizando-se [b̥a'ratu]. Desse modo, pode-se afirmar que a fala, em PB, dos informantes da pesquisa em contato com o Hunsrückisch sofre o processo de desvozeamento da plosiva bilabial vozeada. O processo inverso, de vozeamento da plosiva /p/, pode também se verificar.

4.2 Estudo de rede social e o Hunsrückisch

Muitos estudos de redes sociais²¹, segundo Labov (2001), têm-se focado em situações em que o grupo menor é expoente de um dialeto não padrão e recua sob o impacto de padrões regionais que o cercam. O resultado esperado é o de que membros de redes sociais densas e multiplexas manterão o dialeto local mais do que outros. Os falantes com conexões em diferentes grupos (laços fracos) mostrarão influência dessa mobilidade na fala.

O estudo de Altenhofen (1990) analisou o papel e o significado da aprendizagem do português, como segunda língua, nas relações sociais dos membros de um grupo minoritário de origem alemã, no município de Harmonia/RS. A interferência dos traços fonológicos deste

²¹ São estudos de rede social o de falantes de inglês afro-americano vernacular do Harlem, (LABOV, 1972b) e da Filadélfia (LABOV e HARRIS, 1986).

contato, constatada pelo autor, resulta nos erros ortográficos dos alunos que “trocam as letras”, ou seja, não distinguem as consoantes surdas e sonoras por não haver a distinção na língua materna, o Hunsrückisch. Logo, as variantes do português caracterizam-se pelo desvozeamento das consoantes sonoras em sílaba tônica, em índices elevados.

Os problemas de aprendizagem do português devidos ao uso do alemão estão centrados em duas das mais importantes esferas da comunidade, a educação e a administração. Esses problemas manifestam-se no conjunto de atitudes negativas a respeito da língua minoritária, Hunsrückisch. Proíbe-se, condena-se e culpa-se o Hunsrückisch, desconsiderando-se o seu valor no grupo. Essas atitudes depreciativas apresentam origens históricas e manifestam-se dependendo do contexto de uso da língua.

No contexto social de Harmonia/RS, o autor, ao investigar as relações interpessoais nas redes de comunicação locais, constatou que a sobrevivência do Hunsrückisch deve-se ao peso das relações em rede do grupo. Caracterizou o grupo rural como “um sistema com uma rede de comunicação de alta densidade e altamente multiplex, um sistema bastante uniforme, com elevados índices de bilinguismo, aumentando a coesão do grupo, um sistema situado num meio eminentemente rural.” (ALTENHOFEN, 1990, p. 209).

Em relação aos valores atribuídos ao uso de uma língua, o alemão envolve um grau de intimidade maior. A maioria dos falantes de alemão participa de uma rede de comunicação densa, reforçando a coesão do grupo com o uso do mesmo código. Essas redes são altamente multiplexas. Os participantes desempenham vários papéis, como o padre, o prefeito, o professor, o colega de trabalho relacionam-se em rede com amigos, parentes, fregueses, vendedores, vizinhos e conciliam o uso linguístico ao interlocutor.

5 METODOLOGIA

O método de análise quantitativa utilizado para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa conforma-se à Teoria da Variação, elaborada por Labov (2008 [1972]), e envolve análise de regra variável, como já descrito na seção 2, em 2.4.

Para saber quais os elementos que favorecem ou desfavorecem o fenômeno linguístico variável do vozeamento/desvozeamento das plosivas bilabiais /p/ e /b/ e verificar se tal tem tendência a progredir, regredir ou manter-se estável na comunidade, faz-se a quantificação de dados, para obter o índice da frequência de aplicação da regra, os fatores envolvidos e os valores correspondentes à interação desses fatores, os pesos relativos. Usa-se o pacote de programas VARBRUL, versão GoldVarb X, para tanto.

A análise quantitativa de regra variável, laboviana, e a análise qualitativa de rede social, conforme Milroy (1987, 2002), são realizadas nesta pesquisa. As redes sociais estabelecem-se entre indivíduos que interagem em comunidades de prática (ECKERT, 2000), consideradas na análise por essa razão.

Conforme Brescancini (2002), seis são as etapas envolvidas na metodologia da análise de regra variável. As três etapas iniciais a serem cumpridas na análise de regra variável são:

- 1- Definir a variável dependente: delimita-se precisamente o fenômeno linguístico variável a ser estudado, bem como o levantamento de todo o conjunto de variantes que o envolve. Analisa-se a aplicação ou não da regra em uma análise binária (duas variantes). Em alguns estudos, a variável dependente pode ser ternária ou eneária (três ou mais variantes).
- 2- Definir as variáveis independentes: formulam-se as hipóteses iniciais para o tipo de condicionamento que se espera encontrar a partir das variáveis linguísticas (características internas do sistema da língua) e variáveis extralinguísticas (características externas do sistema linguístico) que influenciam a frequência da aplicação de uma ou outra variável dependente.
- 3- Delimitar a amostra e obter os dados: selecionam-se os informantes que constituirão a amostra com base no método aleatório estratificado, em que os informantes são divididos em células com características sociais iguais. A coleta dos dados dá-se a partir do contato que o entrevistador estabelece com os informantes, agendando o melhor horário e dia para realizar a entrevista. Então, procede-se à gravação da fala.

É o que será descrito nas seções 5.1 e 5.2.

5.1 Delimitação da amostra e obtenção dos dados

Os dados para a análise de regra variável foram levantados de entrevistas sociolinguísticas em que foi gravada a conversa o mais espontânea possível com o entrevistador, conforme um roteiro.

Foram contatados 24 informantes. Organizou-se a coleta de dados conforme a disponibilidade dos informantes. Posteriormente, elaborou-se a matriz de relacionamento em rede social dos informantes, que revelou comunidades de prática locais.

5.1.1 Sujeitos

Para a constituição da amostra, foram selecionados 24 informantes, residentes na zona rural de Estrela/RS e distribuídos em três faixas etárias (15 – 30 anos, 31 – 46 anos, 47 anos ou mais), três níveis de escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior) e dois gêneros (feminino e masculino). O Quadro 6 mostra a distribuição:

Quadro 6 – Distribuição dos informantes

Local	Gênero	Faixa etária	Escolaridade	Informantes
Zona Rural	Feminino	15 – 30 anos	Ensino fundamental Ensino médio Ensino superior	D.A.; A.L. T.L. G.S.
		31 – 46 anos	Ensino fundamental Ensino médio Ensino superior	M.K.; I.T. A.S. I.F.
		47 anos ou mais	Ensino fundamental Ensino médio Ensino superior	I.L.; C.C. D.L. I.B.
	Masculino	15 – 30 anos	Ensino fundamental Ensino médio Ensino superior	F.F.; A.C. M.L. D.M.
		31 – 46 anos	Ensino fundamental Ensino médio Ensino superior	L.S.; V.K. C.S. C.L.
		47 anos ou mais	Ensino fundamental Ensino médio Ensino superior	J.G.; E.L. P.P. S.S.

5.1.2 Coleta de dados

A coleta de dados organizou-se de forma que o primeiro contato da pesquisadora com os moradores da comunidade de fala foi através de uma conversa cujo objetivo era o de saber se a pessoa gostaria de participar e colaborar, espontaneamente, de um trabalho.

A pessoa, ao aceitar o convite, sugeriu contatos posteriores, o que viabilizou o estudo de rede. O primeiro informante foi uma mulher, com mais de 47 anos; nível de escolaridade ensino superior e bilíngue passiva, I.B foi diretora da escola e conhece as famílias de Glória. Para o registro das características sociais dos informantes, foi preenchida a ficha social (anexo D). Após, foi realizada a gravação de fala com a pesquisadora, a partir do roteiro de perguntas sobre práticas cotidianas e a comunidade (anexo E). O roteiro consistiu de perguntas sobre a participação do indivíduo na comunidade, o convívio diário no local, a ocupação com as atividades profissionais e de lazer, as festividades relevantes para os moradores, o ponto de vista sobre a comunidade e outros aspectos relevantes do local onde vive. A pesquisadora não utilizou a fala dialetal, somente o PB durante a entrevista. Mesmo assim houve alguma alternância de código para o dialeto alemão porque o informante sabia que a pesquisadora fez parte da comunidade de Glória.

5.2 Definição das variáveis

5.2.1 Variável dependente

A variável dependente é o vozeamento de /p/ e desvozeamento de /b/, respectivamente. Em outras palavras, empregar [b] por /p/, [p] por /b/. De modo um pouco mais informal, pode-se dizer que a variável dependente é “a troca das plosivas”. Na codificação dos dados, atribui-se (1) na aplicação da regra (budim por pudim, ponito por bonito) e (0) na não-aplicação da regra. O Quadro 7 mostra a codificação para a variável dependente.

Quadro 7 – Controle da variável dependente

Variável dependente	Aplicação	Não-aplicação
	1	0

5.2.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes são de dois tipos: variáveis linguísticas, que se relacionam internamente ao sistema da língua, e variáveis extralinguísticas, que se caracterizam como externas ao sistema linguístico. São as variáveis sociais. As variáveis independentes influenciam a variável dependente.

5.2.2.1 Variáveis linguísticas

Os 5 grupos de fatores linguísticos desta pesquisa serão apresentados a seguir.

5.2.2.1.1 Contexto precedente

O segmento que precede a consoante-alvo /p, b/ ou eventualmente a ausência de segmento, pode exercer influência na realização das plosivas bilabiais. Assim, controlaram-se os fatores:

- a) Vazio (**_**pouco; **_**balneário);
- b) Nasal (limpo; campo);
- c) Tepe alveolar (urbana; corpo);
- d) Fricativa alveolar (disputa; esposa);
- e) Vogal anterior (dependi; época; tipo);
- f) Vogal central (rapadura; sabe);
- g) Vogal posterior (sopa; obra; grupo);
- h) Lateral alveolar (galpão; desculpa).

A hipótese é a de que o contexto fonológico precedente vazio tende a condicionar a aplicação da regra.

5.2.2.1.2 Contexto seguinte

O segmento que segue imediatamente a consoante-alvo /p, b/ também pode ter efeito sobre a variação da plosiva bilabial. A hipótese para o contexto seguinte é a de que a vogal

central tende a favorecer o vozeamento/desvozeamento da consoante-alvo. Dessa forma, controlaram-se os fatores seguintes:

- a) Vogal anterior (**c**abelo; **t**ambém; **b**icicleta);
- b) Vogal central (**a**caba; **t**rabalha);
- c) Vogal posterior (**b**onito; **p**ossam; **b**usca);
- d) Tepe alveolar (**s**empre; **b**rincar);
- e) Lateral alveolar (**b**loco; **p**lanta);
- f) Fricativa (**p**cisava; **o**bjetivo);
- g) Nasal (**s**ub**m**issas);
- h) Oclusiva (**o**ptam; **o**ptaram).

5.2.2.1.3 Sonoridade da consoante-alvo

A consoante vozeada pode sofrer desvozeamento (*bloco~ploco*) e a desvozeada, vozeamento (*pudim~budim*). A hipótese testada nesta pesquisa é a de que a consoante-alvo desvozeada condicione a regra, dado o desvozeamento das plosivas realizado no Hunsrückisch, este em contato com o PB local. Controlam-se os seguintes fatores:

- a) Vozeada (**ô**nibus; **s**abe);
- b) Desvozeada (**r**oupa; **p**essoa).

5.2.2.1.4 Tonicidade da sílaba

Controla-se a tonicidade da sílaba para testar a hipótese de que a consoante-alvo localizada na sílaba tônica seja favorecedora da aplicação da regra variável. A tonicidade está subdividida em um conjunto de três fatores:

- a) Tônica (**b**aile; **t**rabalho);
- b) Pretônica (**p**udim; **p**ertinho);
- c) Postônica (**m**unicípio; **t**empo).

5.2.2.1.5 Número de sílabas

A hipótese de que a aplicação da regra variável seja condicionada por palavras cujo número de sílabas é maior, ou seja, palavras trissílabas e polissílabas, é testada pelo controle dos seguintes fatores:

- a) Monossílabas (bom; pai);
- b) Dissílabas (bairro; pode);
- c) Trissílabas (trabalha; esporte);
- d) Polissílabas (abandonada; princesinha).

5.2.2.2 Variáveis extralinguísticas

Os grupos de fatores sociais que compõem as variáveis extralinguísticas serão apresentados abaixo.

5.2.2.2.1 Gênero

Conforme Paiva (2007), ao controlar a variável gênero no estudo da variação e mudança linguística, é importante considerar o valor social da variante inovadora. Um processo de mudança pode atrelar-se à instalação de uma forma prestigiada ou desuso de uma forma estigmatizada na sociedade. Observa-se que, em muitos estudos sociolinguísticos, as mulheres tendem a implementar na língua formas prestigiadas pela sociedade. No entanto, quando se verifica o processo de implementação de uma forma estigmatizada, são os homens que lideram o processo.

Dessa forma, pretende-se testar a hipótese de que o gênero masculino condicione a aplicação da regra variável, dada a estigmatização que as formas resultantes da troca das plosivas sofrem na fala regional.

5.2.2.2.2 Idade

Segundo Naro (2007), o indivíduo na puberdade encerra o processo de aquisição da linguagem e a língua a partir desse momento torna-se estável. Por isso, o falante na fase

adulta reflete o estado da língua adquirida até aproximadamente os 15 anos de idade. Uma pessoa com 50 anos hoje representaria a língua de 35 anos atrás.

A hipótese para a variável idade é a de que a variação das plosivas bilabiais é mais frequente nos grupos etários mais velhos. A variável idade compreende os fatores:

- a) 15 – 30 anos;
- b) 31 – 46 anos;
- c) 47 anos ou mais.

5.2.2.2.3 Escolaridade

Nesta pesquisa, a hipótese referente à variável escolaridade é a de que os níveis de escolaridade ensino fundamental e ensino médio condicionam o fenômeno linguístico. Quanto maior a escolaridade, a exposição ao português e a idealização de práticas sociais em português, menos ocorre a troca das plosivas. A variável escolaridade agrupa três fatores:

- a) Ensino fundamental;
- b) Ensino médio;
- c) Ensino superior.

5.2.2.2.4 Bilinguismo

Na comunidade bilíngue de imigração alemã deste estudo, observa-se a variação de plosivas bilabiais vozeadas em lugar de desvozeadas, e vice-versa. Com base em Bovo (2004), controlam-se os fatores ativo (fala e entende dialeto alemão), passivo (entende, mas não fala o dialeto) e zero (não fala e não entende dialeto). A hipótese é a de que os informantes ativos tendem a favorecer a aplicação da regra variável por conta do contato com a língua minoritária alemã.

Reúne-se no Quadro 8 o conjunto de variáveis independentes controladas, linguísticas e extralinguísticas.

Quadro 8 – Controle dos grupos de fatores das variáveis independentes

Variáveis linguísticas	Variáveis extralinguísticas
Contexto precedente Vazio (_pouco; _balneário) Nasal (limpo; campo) Tepe alveolar (urbana; corpo) Fricativa alveolar (disputa; esposa) Vogal anterior (dependi; época; tipo) Vogal central (rapadura; sabe) Vogal posterior (sopa; obra; grupo) Lateral alveolar (galpão; desculpa)	Gênero Feminino Masculino
Contexto seguinte Vogal anterior (cabelo; também; bicicleta) Vogal central (acabado; trabalha) Vogal posterior (bonito; possam; busca) Tepe alveolar (sempre; brincar) Lateral alveolar (bloco; planta) Fricativa (pcisava; objetivo) Nasal (submissas) Oclusiva (optam; optaram)	Idade 15 a 30 anos 31 a 46 anos 47 anos ou mais
Sonoridade da consoante-alvo Vozeada (ônibus; sabe) Desvozeada (roupa; pessoa)	Escolaridade Ensino fundamental Ensino médio Ensino superior
Tonicidade da sílaba Tônica (baile; trabalho) Pretônica (pudim; pertinho) Postônica (município; tempo)	Bilinguismo Ativo Passivo Zero
Número de sílabas Monossílaba (bom; pai) Dissílaba (bairro; pode) Trissílaba (trabalha; esporte) Polissílaba (abandonada; princezinha)	

5.3 Etapas e procedimentos do tratamento de dados

Segundo Brescancini (2002), como vimos, seis são as etapas envolvidas na metodologia da análise de regra variável. As três primeiras (definição das variáveis dependente e independente, delimitação da amostra e obtenção dos dados) já foram descritas no que se refere a esta pesquisa nas seções 5.1 e 5.2. As três etapas seguintes são:

1- Transcrever e codificar os dados: planeja-se o sistema de codificação, em que se define para cada fator das variáveis dependente e independentes (linguísticas e extralinguísticas) um código. Após, ouvem-se as entrevistas a fim de levantar os contextos de ocorrência do fenômeno linguístico. Na etapa da codificação, atribuem-se os códigos para cada contexto levantado na análise oitiva.

2- Quantificar os dados: mede-se a influência dos fatores linguísticos e extralinguísticos na aplicação da regra. Para cada fator da pesquisa, será atribuído um valor numérico estatístico (percentuais e pesos relativos), com o auxílio do pacote de programas VARBRUL, versão GoldVarb X.

3- Interpretar os resultados: envolvem-se, nessa etapa, a compreensão e análise dos resultados obtidos pelo programa. Discutem-se os valores de percentuais e pesos relativos frente às hipóteses da pesquisa para confirmá-las ou refutá-las, para saber quais os grupos de fatores (linguísticos e extralinguísticos) condicionadores da aplicação ou não da regra variável do fenômeno estudado, e a tendência de a regra progredir ou regredir na comunidade.

Das gravações das entrevistas, extraíram-se por oitiva os contextos de ocorrência do fenômeno linguístico. Atribuíram-se, então, os códigos para cada conjunto de fatores das variáveis dependente e independentes. Para exemplificar a etapa da codificação dos dados, são apresentados no Quadro 9 contextos e suas cadeias de codificação, conforme necessário ao programa computacional:

Quadro 9 – Codificação de ocorrência

Ocorrência	Codificação
<u>b</u> aile	(0XHBF2fvid
a <u>p</u> acaxi	(1AHBQ4fvid
<u>p</u> essoas	(0XYPQ3mvid
<u>b</u> rincesinha	(1XRPQ4mvid

Os códigos **1** e **0** referem-se à variável dependente, em que **1** é registrado quando se aplica a regra variável em questão (empregar [b] por /p/, [p] por /b/) e **0** quando não ocorre a aplicação da regra. As variáveis independentes são codificadas na seguinte ordem: contexto precedente, contexto seguinte, sonoridade da consoante-alvo, tonicidade da sílaba, número de sílabas, gênero, idade, escolaridade e bilinguismo.

A ocorrência *baile* não apresenta a variação da plosiva bilabial, portanto, é atribuído (0). O contexto precedente é vazio (_baile, por isso, o código é **X**; o contexto seguinte é uma vogal central, /a/, código **H**, a consoante-alvo /b/ é vozeada (**B**); a sílaba em que se encontra a consoante-alvo é tônica (**F**) e o número de sílabas é **2**. Isso diz respeito a um informante do gênero feminino (**f**) que tem mais de 47 anos (**v**), frequentou o ensino fundamental (**i**) e o grau de bilinguismo é (**d**), ativo. Essa informante realiza a variação da plosiva bilabial na ocorrência (apacaxi), código (**1**). O contexto precedente e o contexto seguinte são vogais centrais, respectivamente, (**A**) e (**H**); a consoante-alvo é /b/ nessa realização, portanto (**B**); a tonicidade da sílaba (**Q**) é pretônica e essa é uma palavra polissilábica (**4**).

A ocorrência (pessoas) é registrada com (0) porque não houve aplicação da regra variável enquanto a ocorrência (brincesinha) marca a variação (**1**). O contexto precedente das ocorrências (_pessoas) e (_brincesinha) é vazio (**X**), já o contexto seguinte da primeira é uma vogal anterior (**Y**) e da segunda um tepe alveolar (**R**); a sonoridade da consoante-alvo é (**P**) para a primeira e (**P**) para a segunda. Ambas são pretônicas (**Q**) e, quanto ao número de sílabas, *pessoas* é trissilábica (**3**) e *brincesinha*, polissílaba (**4**). O informante é masculino (**m**), com mais de 47 anos (**v**), estudou até o ensino fundamental (**i**) e é ativo (**d**) o seu grau de bilinguismo.

Com o arquivo de dados codificado, revisado e verificado pelo pacote de programas, efetuou-se a primeira rodada. Subsequentes rodadas foram necessárias para o refinamento dos resultados, a fim de obter o melhor conjunto de resultados estatísticos. Os resultados da análise quantitativa serão apresentados na seção 6.1, capítulo 6.

5.3.1 Pacote de programas VARBRUL, versão GoldVarb X

A análise estatística da variação entre o vozeamento/desvozeamento das plosivas bilabiais (/p, b/) foi realizada com o auxílio do pacote de programas computacionais VARBRUL, versão GoldVarb X, desenvolvido a fim de realizar estudos sociolinguísticos quantitativos. A descrição dos procedimentos seguidos para o tratamento estatístico dos dados está embasada em Brescancini (2002).

O primeiro procedimento, após a codificação dos dados (*tokens*), foi criar um arquivo digitado no formato **.tkn**. Em seguida, gerou-se o arquivo de especificações em que se especificaram as variáveis e os fatores. Logo após, corrigiram-se os erros (de digitação ou de codificação) no arquivo **.tkn**, através do comando *Check Tokens*.

O segundo procedimento foi criar um arquivo de condições, no formato **.cnd**, para operar os dados e obter os resultados. Nesse arquivo, registraram-se a exclusão de grupos de fatores ou alguns fatores de um grupo, retirada de *Knockouts*, amalgamação de fatores ou cruzamentos entre as variáveis.

No terceiro procedimento da análise, foram verificadas as células que foram criadas no arquivo **.cel**. Esta é a análise *unidimensional*, pois indica o percentual total de aplicação da regra para cada conjunto de fatores. Gera-se um arquivo no formato **.res**.

A análise *multidimensional* foi executada no quarto procedimento. O programa selecionou as variáveis mais significativas, bem como indicou fatores a serem excluídos ou amalgamados. Foram executados os comandos *step-up* e *step-down* da rodada para obter os valores em pesos relativos.

5.4 Análise qualitativa

5.4.1 Análise de rede social

A análise qualitativa foi desenvolvida nesta pesquisa por meio da análise de rede social, conforme Milroy (1987, 2002). “Os estudos de redes sociais mostram claramente que a densidade e multiplexidade são excelentes indicadores das pressões sobre uma pessoa a adotar as normas e valores, incluindo as normas linguísticas e valores da comunidade local”, segundo (MILROY, 1987, p. 139).

Na realização das entrevistas sociolinguísticas, obtiveram-se também informações para a análise de rede social (anexo F). As informações foram coletadas para a elaboração da matriz de relacionamentos em rede.

A partir dos estudos de Blake e Josey (2003), a escala de 1-4 graus de relacionamento foi adaptada para a escala de 1-3, conforme os relacionamentos verificados em Glória como também seu significado nas interações locais. O grau negativo (-) não foi necessário, pois todos os informantes se conhecem e se dão bem.

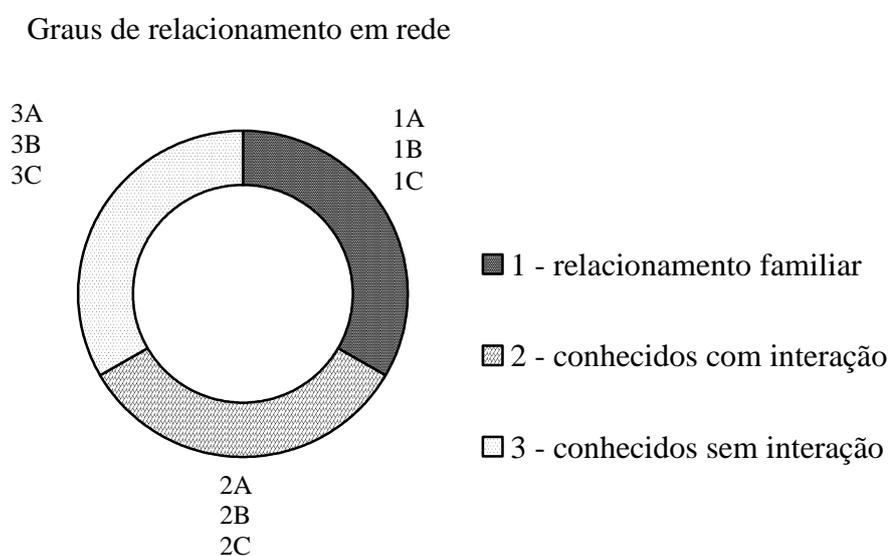
Atribuiu-se, então, com os graus adaptados, o valor máximo de conectividade (1) para o convívio diário; (2) para a frequência de encontro semanal (regular) ou mensal (eventual) e o valor mínimo de conectividade (3) para pouca frequência, ou seja, encontro anual (raro) ou para os informantes que apenas se conhecem. A hipótese foi a de que, no convívio diário,

haveria a maior influência do padrão de fala de um indivíduo sobre o de outro, na ausência de convívio, a influência seria mínima.

Para melhor caracterizar a relação dos informantes, cada grau compreende outras três subcategorias de relacionamento. Assim, o grau (1) compreende: 1A – relacionamento familiar (marido, esposa, filha/filho, irmã/irmão); 1B – vizinhos, amigos íntimos (próximos); e 1C – relação de trabalho ou atividade nos grupos. No grau (2), as subdivisões são 2A – relação de parentesco (tia/tio, sobrinha/sobrinho, prima/primo), 2B – vizinhos, amigos que se encontram, geralmente, no final de semana, e 2C – relação de trabalho ou atividade mensal (eventual). O grau (3) compreende 3A – relacionamento de familiares com pouca interação; 3B – vizinhos, amigos distantes; e 3C – uma relação em que os informantes se conhecem, sabem uns dos outros e se localizam dentro da comunidade de Glória ou que, no passado, já participaram de atividades comuns, mas atualmente não interagem mais.

Os graus de relacionamento estão assim distribuídos (Gráfico 1):

Gráfico 1 – Graus de relacionamento em rede



No terceiro momento, foram investigadas as atividades comunitárias realizadas pelos informantes. São dez atividades, empreendidas em grupos, aqui entendidas como comunidades de prática: escola²²; coral; bolão; ginástica; teatro; grupo de 3ª idade; apostolado da oração; vôlei; clube de mães e igreja.

²² A escola caracterizada como comunidade de prática é a Escola Estadual de Ensino Fundamental Pedro Braun. Informantes com mais de 47 anos também referiram na entrevista sociolinguística a Escola Católica Paroquial, uma escola particular que havia em Glória, em que se ensinava alemão até a década de 60.

As informações quanto às atividades ou ocupações diárias dos informantes são relevantes na pesquisa para compreender a conexão entre os informantes. Sobressaem-se na comunidade três subcategorias de atividades (ocupações): local (trabalham na comunidade em atividades agrícolas e em casa), exemplo de informantes locais: T.L.; L.S.; D.A., não-locais (deslocam-se para outros lugares a fim de desenvolverem atividades profissionais), C.L.; P.P.; A.L. e aposentados (os que se aposentaram na agricultura e os que se aposentaram por outras profissões), I.F.; S.S.; J.G. e agora passam os dias na comunidade.

Para mensurar essa influência nos padrões linguísticos, em específico no que se refere à variação das plosivas bilabiais [p, b] na comunidade de Glória, foi usado um instrumento para identificar os graus de relacionamento entre os informantes (ver Gráfico 1).

No instrumento (ver anexo F), a questão 1 procurou saber se os 24 informantes conheciam-se e sabiam o lugar de cada um na comunidade: a ocupação de cada um, as atividades que desenvolvem e a participação dos mesmos em diferentes grupos.

A questão 2 do instrumento, “Participação em atividades comunitárias”, foi o item que abordou quais as atividades comunitárias dos informantes e a participação dos informantes nessas atividades.

A questão 3 forneceu informações a respeito das ocupações diárias dos informantes. As ocupações relevantes na comunidade são locais (trabalham na comunidade em atividades agrícolas e em casa), não-locais (deslocam-se para outros lugares a fim de desenvolverem atividades profissionais) e aposentados (os que se aposentaram na agricultura e os que se aposentaram por outras profissões).

Essas três, combinadas, se abriram em mais outras três categorias, totalizando seis, assim identificadas no Quadro 10:

Quadro 10 – Ocupações diárias dos informantes

Ocupações diárias:	
L	Local
N	Não-local
A	Aposentado
L/N	Local/Não-local
L/A	Local/Aposentado
L/N/A	Local/Não-local/Aposentado

Na última etapa, analisaram-se os graus de relacionamento em rede e participou-se de atividades nas comunidades de prática, para verificar a influência das conexões em rede na difusão ou refreio da difusão da regra e o valor social das alternantes.

5.4.1.1 Análise de comunidades de prática

O estudo das comunidades de prática é uma maneira de o pesquisador observar os informantes da pesquisa no dia a dia, em seus usos linguísticos. Acompanham-se as atividades cotidianas por meio do trabalho de campo, com observação sem participação, e observação com participação, quando o pesquisador realiza atividades com os próprios membros das comunidades de prática. Acompanhar essas atividades oportuniza ao pesquisador obter dados quanto à visão dos membros sobre si próprios, à identificação dos elementos centrais e elementos marginais das comunidades de prática, ao lugar de cada um nessa estrutura e sobre a relevância da comunidade como um todo na constituição da rede social local.

Com o objetivo de investigar o relacionamento em rede e a influência das práticas sociais advindas das comunidades de prática dos falantes sobre o processo variável das plosivas bilabiais, identificaram-se as comunidades de prática escola, coral, bolão, ginástica, teatro, grupo de 3ª idade, apostolado da oração, vôlei, clube de mães e igreja. Essa identificação baseou-se no item 2 “Participação em atividades comunitárias” do instrumento para a análise da rede social dos informantes (anexo F).

Nessa etapa, perguntou-se em quais atividades comunitárias o informante tinha maior engajamento. Enumeraram-se, então, os grupos de que cada informante fazia parte, na ordem de maior para menor participação. Dessa forma, pretendeu-se testar a hipótese de que, nas comunidades de prática, a variação das plosivas bilabiais é mantida pelos pares.

Ao participar das comunidades de prática clube de mães, coral, teatro e igreja, durante o ano de 2012, observei a interação dos informantes nas práticas sociais, averiguando o engajamento dos informantes na realização das atividades na comunidade e o valor social das variantes nos grupos.

6 RESULTADOS

Este capítulo apresenta os resultados da análise quantitativa de regra variável, conforme as variáveis linguísticas e extralinguísticas descritas no capítulo 5, seção 5.2. Serão também apresentados os resultados da análise qualitativa, de rede social, descrita na seção 5.4 do capítulo anterior.

6.1 Análise de regra variável e discussão

Ao seguir as etapas mencionadas na metodologia desta pesquisa, e considerando-se a definição da variável dependente e das variáveis independentes, foram ouvidas as 24 entrevistas dos informantes para o levantamento dos contextos em que a variação das plosivas bilabiais pudesse ocorrer.

Levantaram-se o total de 14.189 contextos. Esses dados foram codificados e submetidos ao pacote computacional de programas VARBRUL, versão GoldVarb X. Obteve-se a proporção total de aplicação de 1,6%, em apenas 223 ocorrências.

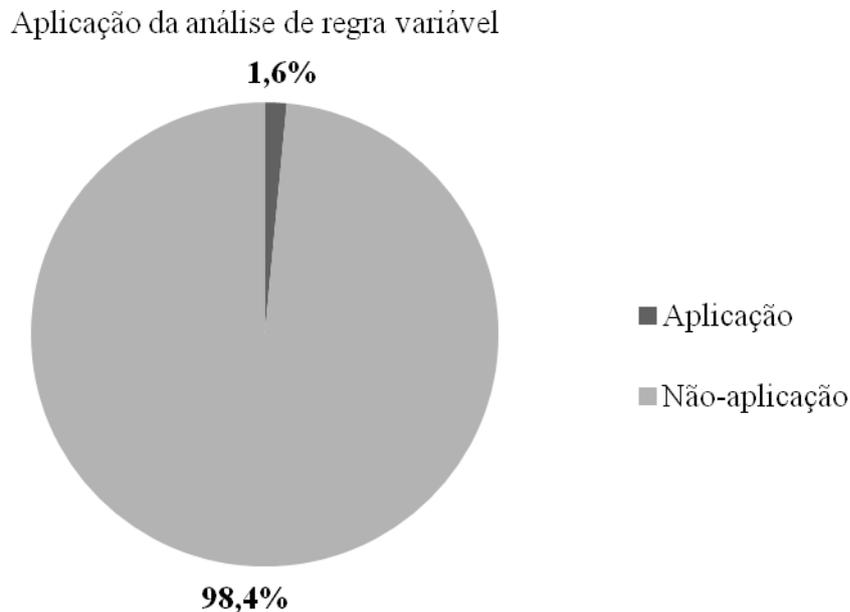
Essa baixa proporção de aplicação, como afirma Tagliamonte (2007, p.197), indica que a realização em questão não resulta de um processo efetivamente variável: “Guy (1988) argues that any context over 95% or under 5% should be removed from a variable rule analysis. Why? They simply aren't variable²³.”

Nesta pesquisa, 1,6% de aplicação sugere que a realização analisada seja residual, esteja em desaparecimento. A análise de regra variável realizada revela, então, os grupos de fatores que ainda sustentam essa realização.

O Gráfico 2 apresenta o total de contextos e de aplicação da regra variável em estudo:

²³ Guy (1988) argumenta que qualquer contexto acima de 95% ou abaixo de 5% deve ser removido a partir de uma análise de regra variável. Por quê? Eles simplesmente não são variáveis.

Gráfico 2 – Aplicação da variação da plosiva bilabial desvozeada [p] em lugar da vozeada /b/ e vice-versa



Foram realizadas quatro rodadas de dados com o objetivo de verificar quais fatores linguísticos e extralinguísticos influenciaram a realização variável. Para viabilizar a operação adequada no GoldVarb X, as variáveis **contexto precedente**, **tonicidade da sílaba** e **bilinguismo** foram rodadas em etapas diferentes na terceira e quarta rodadas. Esse procedimento justifica-se em função da ortogonalidade²⁴ entre os grupos de fatores.

A primeira rodada dos dados, como se afirma, considerou 14.466 contextos, sendo 224 as ocorrências de plosiva vozeada em lugar de desvozeada e vice-versa, com a aplicação da regra de 1,5%. Ocorreram *knockouts*, ou seja, o programa encontrou fatores com 100% ou 0% de aplicação da regra, esses foram eliminados com as amalgamações realizadas.

Desses procedimentos para o refinamento dos dados, resultou o total de 14.189 contextos na quarta rodada, em que houve 223 ocorrências do processo e a aplicação da regra de 1,6%.

²⁴ Para viabilizar a operação adequada do programa, as variáveis **contexto precedente**, **tonicidade da sílaba** e **bilinguismo** foram controladas separadamente nas rodadas quando estavam as variáveis **contexto seguinte**, **número de sílabas** e **idade**, a fim de não sobrepor fatores desses grupos.

6.1.2 Resultados

Os resultados dos grupos de fatores serão apresentados na seguinte ordem, conforme a seleção efetuada pelo programa na quarta rodada:

- a) Sonoridade da consoante-alvo;
- b) Escolaridade;
- c) Contexto precedente;
- d) Bilinguismo;
- e) Gênero;
- f) Tonicidade da sílaba.

Os grupos de fatores **contexto seguinte**, **número de sílabas**, **idade** foram retirados da rodada para não se sobrepor aos demais grupos de fatores. Os resultados referentes a eles virão em seguida, obtidos na terceira rodada.

6.1.2.1 Sonoridade da consoante-alvo

Observou-se, na variável sonoridade da consoante-alvo, que a consoante vozeada condiciona o processo variável. Ou seja, a consoante vozeada /b/ tende a sofrer desvozeamento, o que confirma a hipótese da pesquisa. Exemplos: **ba**ile ~ **p**aile; tra**ba**lho ~ tra**p**alho.

Tabela 1 – Sonoridade da consoante-alvo

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
/b/	202/4481	4,5	0,91
/p/	21/9708	0,2	0,25
TOTAL	223/14189	1,6	

Input: 0,003

significância: 0,000

A Tabela 1 apresenta os resultados, sendo a consoante plosiva bilabial vozeada condicionadora do processo, com o peso relativo (0,91). A plosiva bilabial desvozeada é desfavorecedora, com peso relativo (0,25), ou seja, abaixo do ponto neutro (0,5). Como afirmamos anteriormente, há no Hunsrückisch um processo ativo de desvozeamento das plosivas, que provavelmente se estendeu ao português local.

6.1.2.2 Escolaridade

O controle do grupo de fatores escolaridade mostra que os informantes com o nível de instrução mais baixo (ensino fundamental) tendem a aplicar a regra de variação das plosivas bilabiais (/p, b/), com peso relativo (0,81), os informantes de nível superior (0,30) e ensino médio (0,15) desfavorecem o processo. Veem-se na Tabela 2 os resultados:

Tabela 2 – Escolaridade

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Ens. fundamental	207/6468	3,2	0,81
Ens. superior	12/4172	0,3	0,30
Ens. médio	4/3549	0,1	0,15
TOTAL	223/14189	1,6	

Input: 0,003

significância: 0,000

Confirmou-se a hipótese de que os informantes com menor grau de instrução (ensino fundamental) favorecem a aplicação da regra. Chama a atenção a oposição entre os níveis fundamental e médio, de um lado, e o nível superior, de outro.

6.1.2.3 Contexto precedente

Nos resultados da variável contexto precedente, observou-se o enviesamento dos fatores vazio e vogais anterior e posterior. Para solucionar o problema, foram investigadas as rodadas e a variável sonoridade da consoante-alvo não foi incluída na rodada de que se retiraram os resultados de contexto precedente. Assim, o fator tepe alveolar manteve o peso relativo (0,99) e o da vogal central foi de 0,62. Esses dois fatores foram considerados favorecedores. O fator vazio apresentou peso relativo de 0,52, as vogais anterior e posterior, de 0,46, mostrando-se neutras à variação das plosivas. O fator nasal (0,29) desfavorece o processo. Os resultados estão na Tabela 3:

Tabela 3 – Contexto precedente

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Tepe alveolar (urbana)	22/61	36	0,99
Vogal central (sabe)	27/1490	1,8	0,62
Vazio (_pouco)	145/9024	1,6	0,52
Vogais anterior (dependi) e posterior (sopa)	18/1749	1,0	0,46
Nasal (campo)	11/1865	0,6	0,29
TOTAL	223/14189	1,6	

Input: 0,003

significância: 0,000

Refutou-se a hipótese de que o contexto fonológico precedente vazio tende a condicionar a aplicação da regra, pois os resultados da análise de regra variável para esse fator apontaram como condicionadores do processo tepe (0,99) e vogal central (0,62).

6.1.2.4 Bilinguismo

O grupo de fatores bilinguismo indica que os informantes ativos (fala e entende dialeto alemão) tendem (0,70) a influenciar a aplicação da regra variável. Os pesos relativos dos informantes passivos (entende, mas não fala o dialeto) e dos informantes zero (não fala e não entende dialeto), de 0,33 e 0,06, respectivamente, apontam-nos como desfavorecedores. A Tabela 4 apresenta os resultados:

Tabela 4 – Bilinguismo

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Ativo	210/7961	2,6	0,70
Passivo	12/4889	0,2	0,33
Zero	1/1339	0,1	0,06
TOTAL	223/14189	1,6	

Input: 0,003

significância: 0,000

Confirmou-se a hipótese de que os informantes ativos tendem a favorecer a aplicação da regra variável, por conta do contato com a língua alemã.

6.1.2.5 Gênero

As mulheres tendem a promover a regra (0,61), os homens, a inibi-la (0,38). Na Tabela 5, os resultados são apresentados:

Tabela 5 – Gênero

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Feminino	172/7261	2,4	0,61
Masculino	51/6928	0,7	0,38
TOTAL	223/14189	1,6	

Input: 0,003

significância: 0,000

A hipótese de que o gênero masculino condicione a aplicação da regra variável não se confirmou pela análise de regra variável. O gênero feminino (0,61) é o que condiciona o processo em estudo. Cruzamentos com outras variáveis sociais, expostos na seção 6.1.3,

auxiliarão a elucidar esse comportamento de gênero frente ao vozeamento/desvozeamento das plosivas bilabiais.

6.1.2.6 Tonicidade da sílaba

Ocorreu o enviesamento dos fatores sílaba pretônica e sílaba tônica. Logo, realizou-se uma rodada para averiguar qual grupo de fatores estava interagindo com tonicidade da sílaba. Retirou-se a variável sonoridade da consoante-alvo e obtiveram-se os seguintes valores: peso relativo de 0,58 na sílaba tônica, favorecendo a aplicação da regra variável; as sílabas pretônica (0,46) e postônica (0,35) aparecem como desfavorecedoras. Na Tabela 6, são expressos os valores:

Tabela 6 – Tonicidade da sílaba

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Tônica (baile)	111/5698	1,9	0,58
Pretônica (pudim)	84/6603	1,5	0,46
Postônica (tempo)	28/1888	1,5	0,35
TOTAL	223/14189	1,6	

Input: 0,003

significância: 0,000

A hipótese de que a consoante-alvo localizada na sílaba tônica seja favorecedora da aplicação da regra variável foi confirmada.

Os resultados referentes ao **contexto seguinte, número de sílabas e idade**, obtidos na terceira rodada, serão apresentados a seguir.

6.1.2.7 Contexto seguinte

Observou-se que os fatores vogal anterior e tepe alveolar estavam enviesados. Assim, procedeu-se a uma nova rodada. Foi retirado o grupo de fatores sonoridade da consoante-alvo, responsável pelo enviesamento de fatores. A Tabela 7 aponta como condicionador da aplicação da regra variável o fator vogal central (**trabalha**), com peso relativo de 0,66. A vogal anterior (**bicicleta**) apresenta-se no ponto neutro (0,52) e os demais fatores, tepe alveolar (**brincar**) e vogal posterior (**bonito**), são desfavorecedores, com peso relativo de 0,43 e 0,40, respectivamente. Na Tabela 7, veem-se os resultados:

Tabela 7 – Contexto seguinte

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Vogal central (trabal <u>h</u> a)	84/2984	2,8	0,66
Vogal anterior (b <u>i</u> cicleta)	60/3917	1,5	0,52
Tepe alveolar (br <u>i</u> ncar)	36/3528	1,0	0,43
Vogal posterior (bon <u>i</u> to)	37/3638	1,0	0,40
TOTAL	217/14067	1,5	

Input: 0,002

significância: 0,005

A confirmação da hipótese para o contexto seguinte deu-se pelo papel favorecedor da vogal central no vozeamento/desvozeamento da consoante-alvo.

6.1.2.8 Número de sílabas

Quanto ao número de sílabas, as palavras dissílabas (0,55) condicionam o processo; trissílabas (0,53) e polissílabas (0,49) são neutras, monossílabas (0,36) desfavorecem a aplicação da regra variável.

Tabela 8 – Número de sílabas

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Dissílabas	109/5599	1,9	0,55
Trissílabas	64/3884	1,6	0,53
Polissílabas	24/1934	1,2	0,49
Monossílabas	26/2772	0,9	0,36
TOTAL	217/14067	1,5	

Input: 0,002

significância: 0,005

As palavras dissílabas e trissílabas refutam a hipótese de que palavras cujo número de sílabas é maior sejam favorecedoras da aplicação da regra variável.

6.1.2.9 Idade

O grupo etário em que se encontram os mais velhos (mais de 47 anos) lidera a troca das plosivas bilabiais (0,86), seguido do grupo entre 31 a 46 anos (0,48). Os jovens (15 a 30 anos) são os que menos aplicam a regra, desfavorecendo-a (0,12). Os resultados estão na Tabela 9:

Tabela 9 – Idade

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
47 ou mais	177/4833	3,7	0,86
31-46 anos	40/4904	0,8	0,48
15-30 anos	6/4452	0,1	0,12
TOTAL	217/14067	1,5	

Input: 0,002

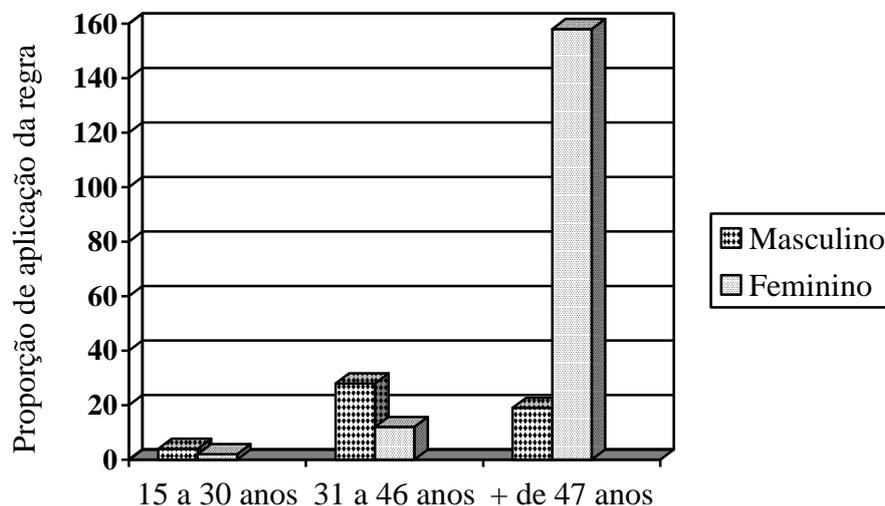
significância: 0,005

A hipótese de que são os informantes mais velhos (mais de 47 anos) os que condicionam o fenômeno linguístico observado, enquanto os jovens desfavorecem-no, confirmou-se.

6.1.3 Cruzamentos de grupos de fatores

Para aprofundar a compreensão do papel do gênero feminino na aplicação do vozeamento/desvozeamento das plosivas, procedeu-se a cruzamentos de grupos de fatores, como o das variáveis gênero e idade. O resultado desse cruzamento apresenta-se no Gráfico 3:

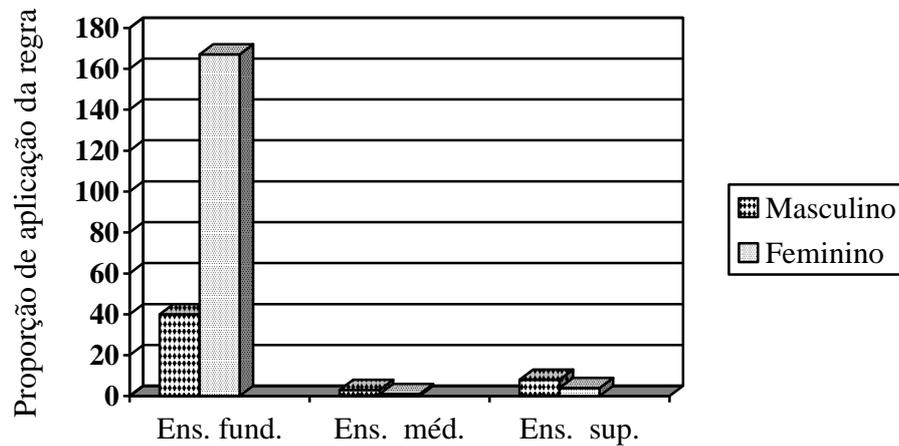
Gráfico 3 – Cruzamento entre gênero e idade



O cruzamento mostra que, nos grupos etários mais jovens, o gênero masculino apresenta uma proporção de aplicação da regra levemente maior do que a do gênero feminino. É no grupo etário mais velho que esse comportamento se inverte: a proporção de aplicação do gênero feminino é bastante maior do que a do gênero masculino. Talvez o fato de os homens mais velhos (+ de 47 anos) terem tido a oportunidade de seguir seus estudos em centros

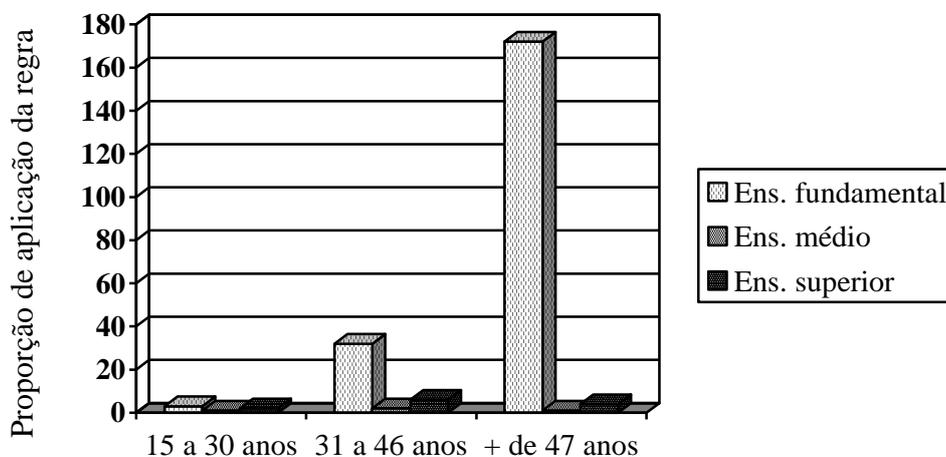
urbanos quando jovens, e as mulheres não, justifique esse comportamento. Por isso, realizou-se o cruzamento entre gênero e escolaridade. Os resultados estão no Gráfico 4:

Gráfico 4 – Cruzamento entre gênero e escolaridade



Apenas no nível fundamental de escolaridade há diferenças palpáveis entre os gêneros na aplicação da regra, em que se destaca o gênero feminino. Nos outros níveis, o contraste entre os gêneros é quase inexistente. Isso sustenta a ideia de que, se o gênero feminino e não o masculino, como se esperava, promove a regra, tal o papel se relacione com menores índices de escolaridade. Mais elucidativo é o cruzamento das variáveis idade e escolaridade, cujos resultados vão no Gráfico 5:

Gráfico 5 – Cruzamento entre idade e escolaridade

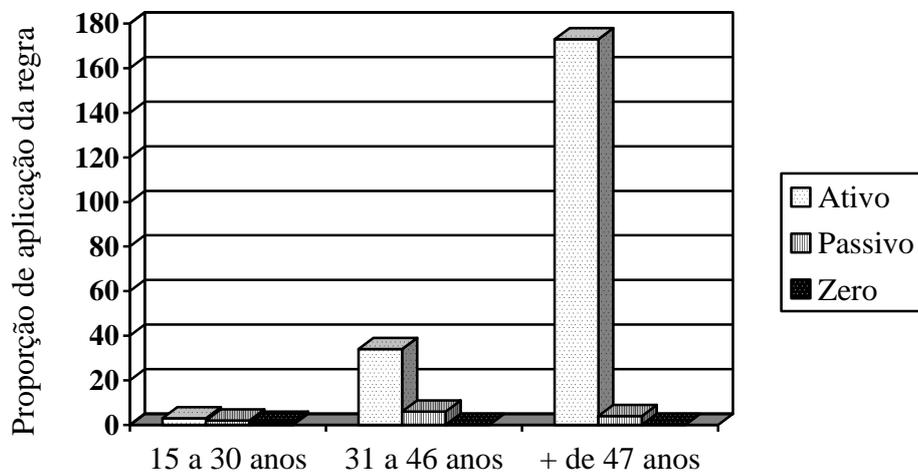


No grupo etário mais jovem, a diferença entre os níveis de escolaridade é irrelevante. À medida que a idade aumenta, o nível fundamental de escolaridade passa a ter papel na

aplicação da regra. Reforça-se a ideia de que, quanto maior a escolaridade, o contato com o PB e a realização de práticas sociais em PB, menor é a incidência da realização do processo variável. A escolarização hoje no Brasil é mais efetiva do que foi a 30 ou 40 anos, quando menos pessoas cursavam ensino universitário e os níveis de escolarização nas comunidades rurais eram muito baixos.

O cruzamento de idade e bilinguismo é também bastante esclarecedor, como se vê no Gráfico 6:

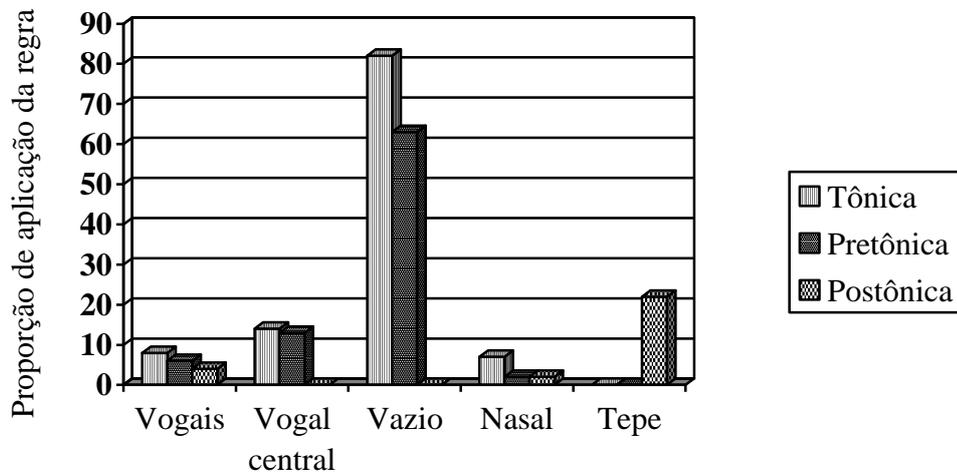
Gráfico 6 – Cruzamento entre idade e bilinguismo



Os informantes ativos (fala e entende dialeto alemão), em todos os grupos etários, são os que promovem a aplicação da regra, mesmo entre os jovens, que menos aplicam a regra. Mas é no grupo etário mais velho que o bilinguismo ativo tem impacto maior sobre a aplicação da regra. Mesmo que tenham algum conhecimento de Hunsrückisch, os jovens usam predominantemente o PB em suas práticas diárias. Já os informantes mais velhos, como se verá no estudo de rede e de comunidade de prática, ainda hoje têm oportunidades diárias de usar o Hunsrückisch em suas atividades.

No que se refere às variáveis linguísticas, o controle de contexto fonológico precedente refutou a hipótese de que vazio condicionaria a regra. É tepe precedente que condiciona a aplicação. O cruzamento da variável contexto fonológico precedente com tonicidade pode auxiliar a compreender por quê. Veja-se o Gráfico 7:

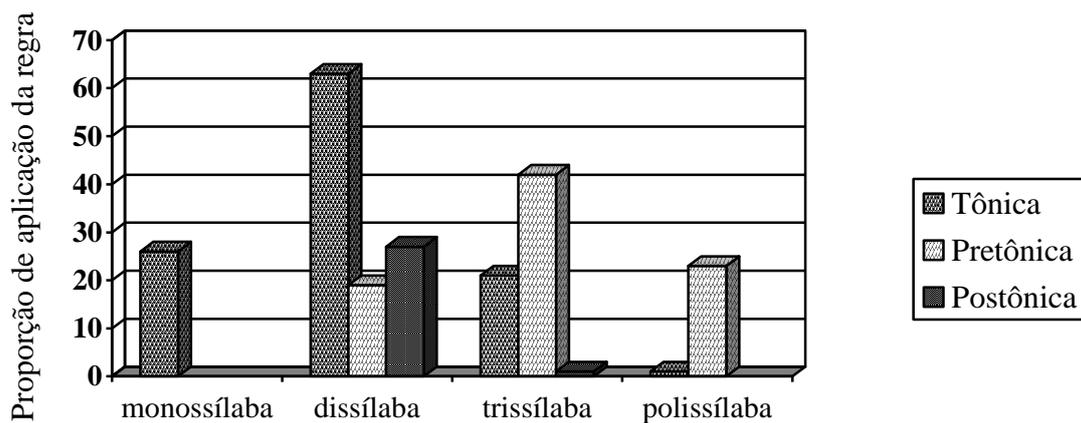
Gráfico 7 – Cruzamento entre contexto precedente e tonicidade da sílaba



As sílabas tônica e pretônica correlacionam-se à maior proporção de aplicação da regra com contexto precedente vocálico ou vazio. Nesse último, o papel das sílabas tônicas sobressai-se. É na sílaba postônica que o papel de tepe se revela. Foram 22 as ocorrências da palavra *kerb*, que se realizou como ['kɛɾpɪ].

As variáveis tonicidade da sílaba e número de sílabas também foram cruzadas. O resultado do cruzamento está no Gráfico 8:

Gráfico 8 – Cruzamento entre tonicidade da sílaba e o número de sílabas



As sílabas tônicas destacam-se na aplicação da regra em dissílabos, talvez porque dissílabos paroxítonos com plosiva na penúltima sílaba sejam muito frequentes no corpus. Nos trissílabos e polissílabos, devido ao maior número de sílabas, há mais palavras com plosivas nas sílabas átonas, em que se destaca a pretônica.

Os resultados da análise de regra variável e dos cruzamentos auxiliaram a compreender tanto a baixa aplicação da regra de vozeamento/desvozeamento das plosivas bilabiais quanto as variáveis a que se correlaciona essa característica residual do contato PB-Hunsrückisch no português falado em Glória. Do ponto de vista social, o gênero feminino, falantes com mais de 47 anos, com nível fundamental e médio de escolaridade e bilíngues ativos condicionam a aplicação da regra. Do ponto de vista linguístico, têm papel a consoante-alvo /b/, o tepe precedente, a sílaba tônica. A tendência geral de aplicação da regra, expressa pelo input 0,003, é muito baixa, o que sugere que o vozeamento/desvozeamento variável venha a desaparecer da fala em PB num futuro relativamente próximo.

A análise de rede social, com consideração às comunidades de prática em que as redes se consolidam, auxilia a esclarecer, em um nível mais próximo ao dos indivíduos, o que a análise de regra variável constatou. É o que se aborda na seção seguinte.

6.2 Rede social: análise e discussão

A análise de rede social, de acordo com Milroy (1987), indica o quanto uma pessoa influencia ou é influenciada por seus contatos nas comunidades de que faz parte.

Na seção 5.4.1, capítulo 5, descreveu-se a metodologia para a obtenção dos dados na análise de rede social. A Figura 10 contempla os informantes da pesquisa, o grau de escolaridade, gênero e ocupação. Cada informante é relacionado aos demais por algum grau de relacionamento, ou seja, o grau apresentado na matriz representa a conectividade do informante com os demais. Da forma como se procedeu, foi possível elaborar a matriz de relacionamento em rede dos 24 informantes, conforme a Figura 10:

Figura 10 – Matriz de relacionamento em rede

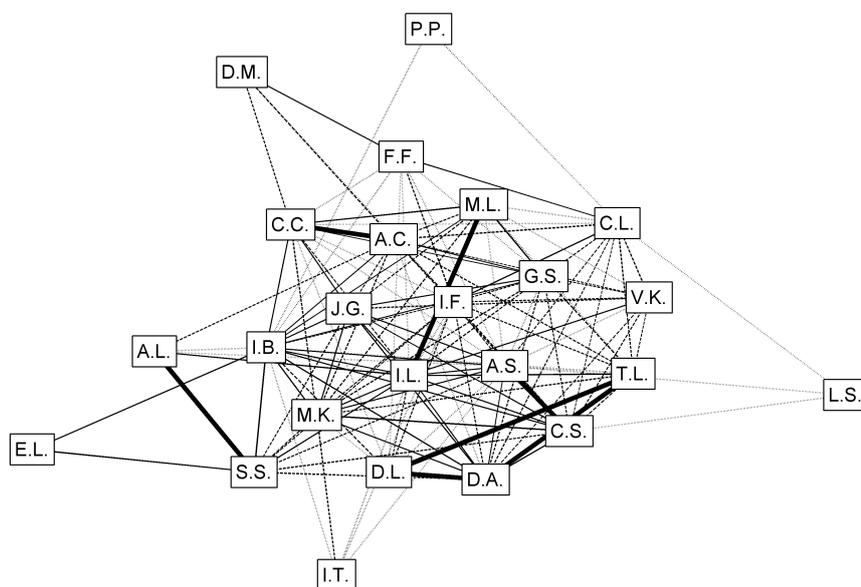
	D.A.	AL.	T.L.	G.S.	M.K.	I.T.	A.S.	I.F.	LL.	C.C.	DL.	IB.	FF.	AC.	ML.	DM.	L.S.	V.K.	C.S.	CL.	J.G.	EL.	PP.	S.S.
Idade	15	18	25	25	46	45	39	45	56	57	50	63	23	17	30	23	37	38	44	37	59	96	55	70
Gênero	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	F	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M	M
Ocupação	L	N	L	LN	LN	L	LN	LA	LNA	L/A	LN	A	N	N	N	N	L	LN	LN	N	L/A	L/A	N	A
D.A.	X	3C	1Ae1C	2C	2C	3C	1C	2C	1Ce2B	3C	1Ae1C	1C	3C	3B	3C	3C	3C	3C	1C	2C	1C	3C	3C	2C
AL.	3C	X	3C	3C	3C	3C	3B	3C	1C	3C	3C	3C	3C	2B+3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	1A
T.L.	1Ae1C	3C	X	2Ce3B	2C	3C	3B	2C	1B	3C	1Ae1C	3C	3C	2C	3B	3C	3C	3B	3C	2C	3C	3C	3C	3C
G.S.	2C	3C	2Ce3B	X	2C	3C	3B	2C	3C	1Be1C	3C	1Be3C	3C	1B+2C	2B	3C	3C	3B	2C	2C	1B	3C	3C	3C
M.K.	1C	3C	2C	2C	X	2B	1C	2C	1C	2B	3B	1Be1C	3C	2B	2B	3C	3C	3C	1C	3C	1C	3C	3C	2C
I.T.	3C	3C	3C	3C	2B	X	3B	3B	3B	3C	3C	3B	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C
A.S.	1C	3C	3C	3C	1C	3C	X	2B+2C	1C	3C	3B	1C	3C	3C	3C	3C	3B	1Ae1C	3C	3C	1C	3C	3C	2C
I.F.	2B	3C	2C	2C	2C	3C	2B+2C	X	3B	3B	2C	2Ce3C	2A+2B	2C	3C	3C	3C	2C	2C	1B+2A	3C	3C	3C	2C
LL.	1Ce2B	1C	1B	2C	1C	3B	1C	3B	X	2B	2B+2C	1C	3B	3C	1Ae1C	3C	3C	1C	1C	3C	1C	3C	3C	1C
C.C.	3C	3C	3C	1Be2C	2B	3C	3B	3B	2B	X	3B	1Be1C	3B	1A	2B	2A	3C	3C	3C	3C	1B	3C	3C	3C
DL.	1Ae1C	3C	1Ae1C	3C	3B	3C	3B	2C	2B+3C	3B	X	2C	3B	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C
IB.	1C	3Be3C	3Be3C	1Be3C	1Be1C	3C	1C	2Ce3C	1C	1Be1C	2C	X	3B	1B	2B	3C	3C	3C	1C	3C	1C	1C	3B	1C
FF.	3C	3C	3C	3B	3C	3C	3B	2A+2B	3C	3C	3C	3C	X	3C	3C	3C	3C	3C	3C	1B+2A	3C	3C	3C	3C
AC.	3C	2B+3C	2C	1Be2C	2B	3C	3C	2C	3C	1A	3C	1B	3C	X	2B	2A	3C	2C	2C	2C	2B	3C	3C	3C
ML.	3C	3C	3B	1Be3C	2B	3C	3B	3C	1Ae1C	1B	3C	1B	3C	2B	X	3C	3C	3B	3C	3B	2B	3C	3C	3C
DM.	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3B+3C	3C	2A	3C	3C	1B	2A	3C	X	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C
L.S.	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3B	3C	3C	X	3C	3C	3B	3C	3C	3C	3C							
V.K.	2C	3C	2Ce3B	2Ce3C	3C	3C	3B	2C	1C	3C	3C	3C	3C	2C	3B	3C	3C	X	2C	3B	2A	3C	3C	3C
C.S.	1C	3C	2C	2C	1C	3C	1Ae1C	2B+2C	1C	3C	3C	1C	3C	2C	3C	3C	3B	2C	X	2C	1C	3C	3C	2C
CL.	2C	3C	2Ce3C	2Ce3C	3C	3C	2C	1B+2A	3C	3B	3C	3C	3C	2C	3B	3C	3B	2C	2C	X	3C	3C	3B	3C
J.G.	1C	3C	3C	1B	1C	3C	1C	3C	1Ce2B	1B	3C	1C	3C	2B	2B	3C	3C	2A	1C	3C	X	3C	3C	2C
EL.	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	1C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	X	3C	1C
PP.	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	3C
S.S.	2C	1A	3C	3C	2C	3C	2C	2C	1C	3C	3C	1C	3C	3C	3C	3C	3C	3C	2C	3C	2C	1C	3C	3C

A matriz na Figura 10 representa uma rede de alta densidade e multiplexa: todos os informantes se conhecem, ao menos no grau de relacionamento 3C, que apresenta 327 ocorrências do total de 599 ocorrências da matriz. As 327 ocorrências de relacionamento através do grau 3C correspondem a um mínimo de conhecimento uns dos outros na comunidade, isto é, uma relação em que os informantes se conhecem, sabem uns dos outros e se localizam dentro da comunidade. Ou ainda, já participaram de atividades em comum, mas no momento não interagem mais.

A zona de primeira ordem, em que se estabelecem os laços fortes, graus de relacionamento 1A, B e C e 2A, B e C, apresentam 220 ocorrências na matriz. Na Figura 11, esses laços são representados na rede pelos traços da linha contínua grossa (—). A linha contínua fina (—) representa os relacionamentos de 2º grau e a linha tracejada (---) mais fina está representando a interação dos informantes de grau 3. A linha pontilhada (....) conecta os informantes pelo grau 3C, ou seja, que apenas se conhecem, mas não interagem. A Figura 11²⁵ expressa as conexões em rede entre os informantes, cujas iniciais estão nos pontos de rede, em retângulos:

Figura 11 – Rede: informantes

Rede: informante



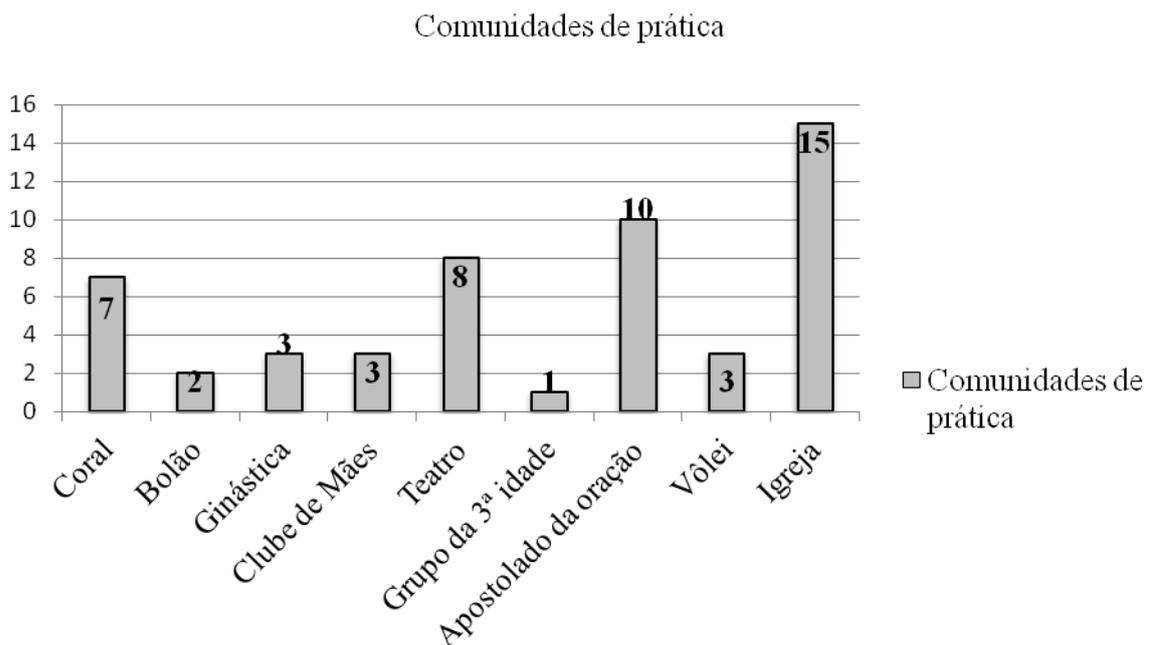
²⁵ Todas as figuras de rede (Figuras 11, 12 e 13) foram elaboradas, a partir da matriz na Figura 10, pelo Prof. Ms. Adalberto Ayjara Dornelles Filho (CCET, UCS), a quem vão sinceros agradecimentos.

Nos graus (1) e (2), verificam-se os laços mais fortes estabelecidos em comunidades de prática. A maioria dos indivíduos conecta-se múltiplas vezes, por participarem de mais de uma comunidade de prática ou serem familiares íntimos. Um exemplo disso são os informantes A.S. e C.S. que participam nas comunidades de prática coral e igreja e são casados, portanto agregam-se aos graus 1A e 1C. Um exemplo que mescla os graus 1B e 2C é o dos informantes G.S e A.C., que são vizinhos e participam do grupo de teatro.

Ao afirmar que a matriz de relacionamento, Figura 10, e a rede dos informantes, Figura 11, representam uma rede social pessoal densa e multiplexa tem-se por base o grande número de indivíduos conectados por mais de uma forma de ligação. Os membros dessa rede, localmente ou não, estão em contato por motivos de parentesco, amizade ou por razões profissionais, participando de atividades em comum na comunidade. Dessa forma, sua interinfluência é grande, o que afeta inclusive as práticas linguísticas.

As comunidades de prática escola, coral, bolão, ginástica, teatro, grupo de 3ª idade, apostolado da oração, vôlei, clube de mães e igreja foram identificadas por serem os polos de encontro salientados pelos informantes nas entrevistas sociolinguísticas: no Gráfico 9, foram distribuídos os informantes conforme a participação dos mesmos nas comunidades de prática. Ressalta-se que o mesmo informante pode estar presente em mais de uma atividade.

Gráfico 9 – Distribuição dos informantes nas comunidades de prática



Em 1º lugar está a comunidade de prática escola. Embora não interajam hoje no espaço escolar, todos os informantes referiram conhecimento mútuo da escola, como membros do CPM (Conselho de Pais e Mestres), ex-alunos, mãe ou pai de ex-alunos, diretora.

A escola foi e continua sendo uma instituição muito importante para a comunidade. Os informantes mais velhos relatam que iam para a escola só sabendo o dialeto alemão. Na escola, era proibido falar alemão, tinham de aprender o PB. Essa proibição causou muitos problemas de adaptação à escola. Por isso, eles tinham a preocupação de que seus filhos não passassem por situações constrangedoras, como aconteceu com eles. Logo, trataram de ensinar o PB desde cedo em casa, a fim de que os filhos fossem para a escola já sabendo português. O relato de M.K. revela o valor social associado ao saber português:

[...] fui no colégio com sete anos não sabendo fala(r) português e aí a professora não sabia fala(r) alemão. Então, às vezes, eu precisava ir no banheiro, eu dizia, a professora não entendia. O que eu fazia, eu ia e a pessoa sabia: ah, é isso que ela que(r)! Foi muito difícil, hoje não tem mais isso! Hoje em dia ninguém vai pro colégio e não sabe fala(r) o português. Aí, na época, a minha irmã e meu irmão se deram bem, porque eu comecei a fala(r) português, aí eles se deram bem. É que eu so(u) a mais velha, eu me dei mal e eles se deram bem. (M.K., 46 anos).

O contato com o PB deu-se de forma abrupta para muitos dos informantes, conforme relatos nas entrevistas. Eles evidenciam que, mesmo aprendendo a falar PB, tinham dificuldades para se comunicar porque ora recorriam ao dialeto, ora ao português, para encontrar a palavra que queriam expressar. Isso colaborou para que o PB viesse a ter traços advindos da língua materna, o Hunsrückisch.

No Gráfico 9, visualizam-se as comunidades de prática em que há maior engajamento dos informantes (escola, igreja, apostolado da oração, teatro e coral). Duas delas estão relacionadas com a organização de Glória desde a sua fundação. Quando se estabeleceram na picada, os imigrantes preocuparam-se em fundar uma igreja e uma escola (Escola Católica Paroquial). Assim, garantiram o ensino e os rituais religiosos que faziam parte de seus valores culturais.

Em torno da igreja, os informantes praticam atividades como: preparação da liturgia nas missas, catequese, ou frequentam a missas com regularidade. Os informantes mais velhos contam que antigamente, no final das missas, havia um pequeno comércio na frente da igreja, pois era um dos momentos em que se encontravam para negociar a venda de produtos excedentes, a compra de materiais, terras ou insumos para o trabalho. Nesses momentos, os informantes falavam a língua em que se entendiam melhor, Hunsrückisch. Hoje, a fala é predominantemente em PB.

A 3ª comunidade que envolve os informantes é o apostolado da oração. Nessa comunidade de prática, apenas mulheres estão envolvidas em atividades mensais. Há a entrega de um folheto com mensagens cristãs para as sócias, que contribuem anualmente com uma quantia em dinheiro.

Na 4ª posição está o teatro, um grupo de pessoas que se envolve como atores na encenação tradicional do Natal. A juventude católica de Linha Glória foi a idealizadora deste grupo. Os jovens organizaram uma encenação natalina para contribuir com a comunidade. Os membros do grupo, hoje, são diversas pessoas da comunidade, pois o grupo cresceu e incorporou mais personagens à apresentação. Geralmente, nos meses de novembro e dezembro, todos os domingos, à noite, os membros do grupo se reúnem para os ensaios da encenação.

O coral é composto por um grupo de pessoas que canta nas missas, festas, eventos do município e em outras cidades. Está na 5ª posição entre as comunidades de prática referidas. É o grupo de pessoas que interage com mais regularidade e frequência, todas as terças-feiras se encontram para os ensaios.

As comunidades de prática vôlei, ginástica e clube de mães empataram na 6ª posição. E na 7ª posição está o bolão, uma prática esportiva. O fluxo de atividades dessas comunidades de prática é descontínuo, ou seja, as práticas esportivas vôlei e ginástica são ofertadas pela prefeitura do município durante o ano. No entanto, nos meses de janeiro, fevereiro e julho não há encontros para a prática. Também, o grupo de pessoas participantes é muito variável, há sempre membros novos. Alguns informantes também relataram que iniciam e depois desistem ou saem por diversos motivos. O bolão é uma atividade esportiva feminina e masculina, depende de campeonatos durante o ano. As práticas se intensificam quando há um campeonato. Nos meses em que não há competições, os membros não se encontram para treinar e jogar.

Verificou-se, durante as entrevistas sociolinguísticas e nas interações nas comunidades de prática, que os informantes, ao interagirem, praticam o bilinguismo de forma alternada: ora falam PB, ora dialeto alemão. Por exemplo, isso ocorreu em uma situação em que um membro, feminino, com mais de 47 anos, participante do coral chegou para o ensaio e cumprimentou os demais falando dialeto alemão. Observei que muitos responderam o cumprimento no dialeto, mas os mais jovens cumprimentaram em PB e, imediatamente, o membro que acabara de chegar os cumprimentou em PB. Outro exemplo ocorreu na festa da comunidade católica, entre os informantes: J.G. pediu à C.S. uma cerveja no dialeto alemão, enquanto, A.C. solicitou em PB. Observei que em diversos momentos da festa, no almoço, no

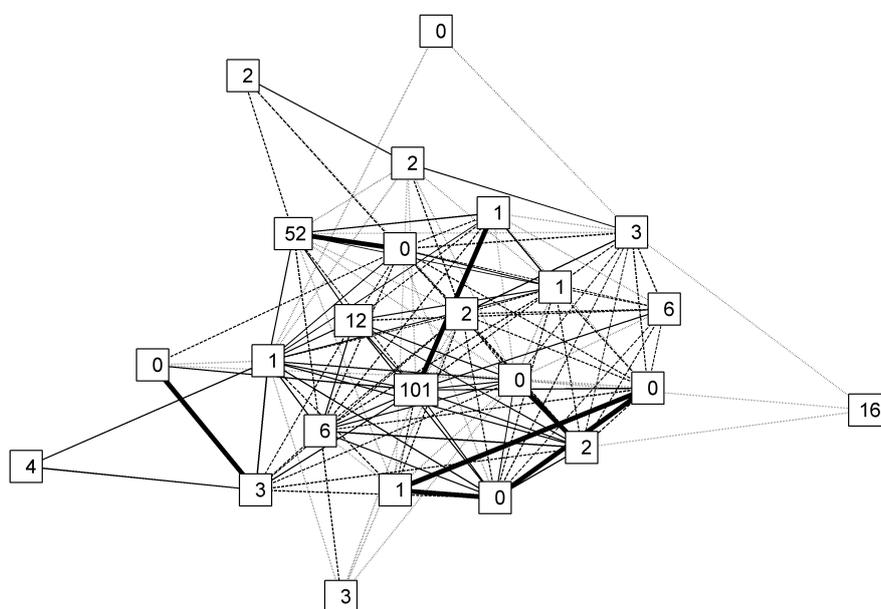
sorteio de prêmios, na venda de bebidas, por exemplo, houve a alternância de código para o dialeto alemão. Isso mostra que falar dialeto alemão é prática dos informantes com mais de 47 anos, bilíngues ativos e do gênero feminino. Tem valor para os mais velhos, enquanto os jovens optam por falarem, quase exclusivamente, em português.

As comunidades de prática são onde as redes sociais pessoais de relacionamento dos informantes se fixam e as formas se difundem ou são refreadas. Nas comunidades de prática de que os jovens de Glória participam, não há praticamente a troca das plosivas. Embora os idosos sejam centrais na rede e mantenham laços fortes com indivíduos de menor idade, não influenciam os jovens. Esses parece tomarem como pares as pessoas de fora da comunidade de fala, ou seja, as pessoas com que se relacionam no trabalho nos centros urbanos, onde não se promove o fenômeno linguístico em questão. Já nas comunidades de prática de que participam os informantes das faixas etárias 31 – 46 anos; 47 anos ou mais, a troca das plosivas bilabiais (/p, b/) ainda ocorre.

Na Figura 12, observa-se o número de trocas por informante:

Figura 12 – Número de trocas das plosivas bilabiais

Rede: Número de trocas /p, b/



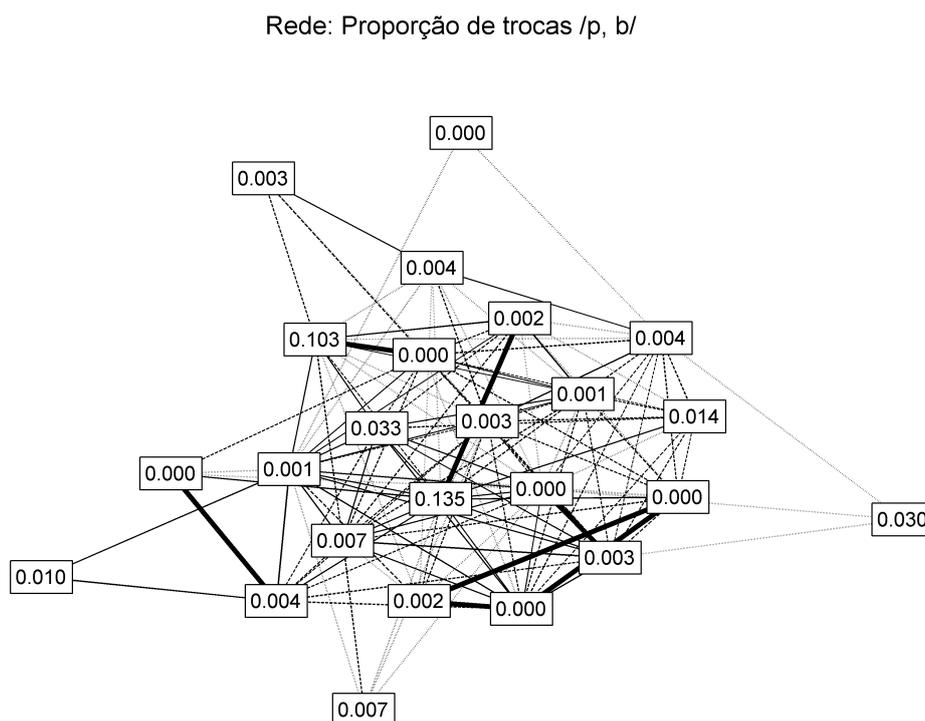
Na Figura 12, vê-se que só dois informantes realizam mais de 50 trocas. Dois informantes realizam entre 10 e 20 trocas. Os demais 20 informantes realizam menos de 10

trocas, mesmo que conectados por laços fortes aos informantes que mais aplicam a regra. Não se verifica aproximação no número de trocas realizadas por esses informantes.

O informante que realizou 101 trocas é do gênero feminino, com mais de 47 anos, tem o menor nível de escolaridade (ensino fundamental) e sua ocupação é L/A (Local/Aposentado). Os informantes das suas relações mais íntimas, que realizaram apenas 2 e 1 trocas, são do gênero feminino e masculino, encontram-se nas faixas etárias de 15 a 30 anos e 31 a 46 anos, têm ensino médio e superior e suas ocupações são não-locais. Isso indica que os informantes falam diferentemente em razão, principalmente, do contato com o PB da zona urbana, onde trabalham.

Na Figura 13, está a proporção de aplicação da regra variável por informante, baixa entre os jovens, na periferia da rede.

Figura 13 – Proporção de trocas das plosivas bilabiais



A ocupação dos informantes evidencia que 14 dos 24 entrevistados têm ocupações não-locais, deslocam-se para outros lugares a fim de desenvolverem outras atividades profissionais. Afirmam que, na comunidade, não há trabalho para todos e nem todos os tipos de trabalho que gostariam de executar. A informante D.L., na entrevista, opina que:

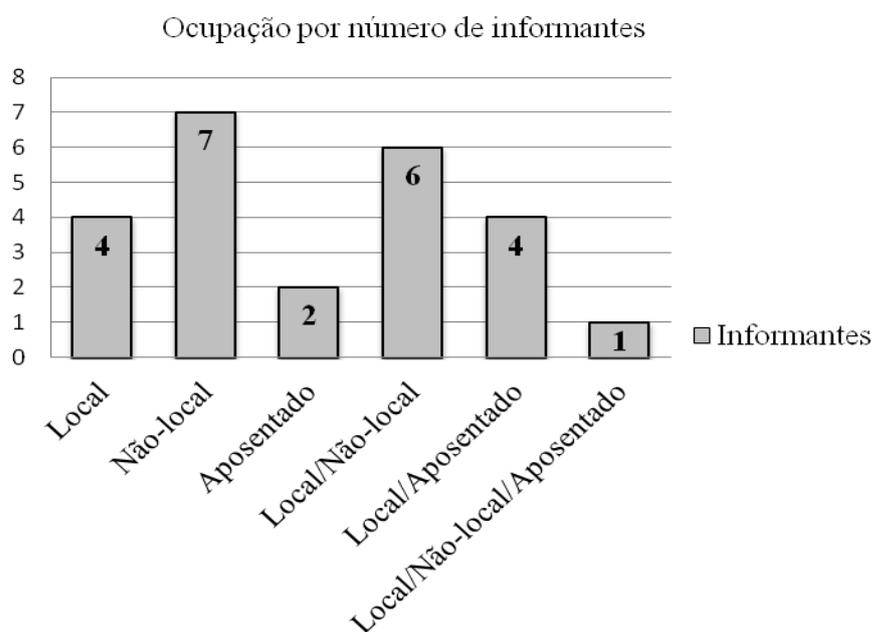
No município de Estrela ainda a prefeitura desloca os alunos para escolas do interior, de uma localidade pra outra. Assim, os jovens ainda permanecem mais na produção rural. Se fosse levar pra cidade, eles não voltariam a trabalhar no meio rural porque muda. (D.L., 50 anos).

Outros informantes destacam que precisam deslocar-se para o centro urbano ou para outros municípios da Região do Vale do Taquari a fim de trabalhar em diversas profissões que não se encontram na localidade de Glória. No entanto, os informantes que se deslocam para outros lugares praticam atividades locais quando possível, seja pelo menos no final do dia, quando retornam para casa, ou nos finais de semana. Esta característica é própria das ocupações categorizadas como locais: trabalham na comunidade em atividades agrícolas e em casa em algum momento do dia ou da semana. Por isso, há 7 informantes que responderam a questão 3 com duas alternativas possíveis: ocupação local e não-local.

A categoria aposentados (tanto os que se aposentaram na agricultura como os que se aposentaram por outras profissões) é citada por 7 informantes, que alegam, além de estar aposentados, desenvolverem, mesmo que informalmente, outras atividades, como o serviço de faxina e jardinagem e atividades locais na agricultura familiar.

Os 4 informantes que escolheram a categoria ocupação local trabalham na agricultura e/ou em casa. Não desenvolvem outras ocupações e sobrevivem da agricultura. No Gráfico 10, estão distribuídos o número de informantes por ocupação:

Gráfico 10 – Ocupação por número de informantes



O grupo exclusivamente não-local é o mais numeroso, pois na comunidade não há trabalho, segundo os informantes. Precisam deslocar-se diariamente para estudar ou trabalhar em centros urbanos. As mulheres permanecem mais nas atividades locais, pois os homens, ainda, são os que mais se dirigem aos centros urbanos em busca de trabalho diversificado.

6.2.1 Estudo de observação participante

6.2.1.1 Comunidade de prática: coral

No município de Estrela/RS, são comuns as práticas coralísticas. Muitos bairros da cidade e as comunidades da zona rural, como Glória, realizam essa atividade há muito tempo. Por essa razão, fez-se observação participante na comunidade de prática coral, em Glória. O coral Santa Cecília de Glória tem esse nome em homenagem à Santa Cecília, padroeira dos músicos e cantores.

O coral caracteriza-se como misto, pois há cantores do gênero feminino e masculino. A tradição do coral vem de muitas gerações. Os mais velhos contaram que desde pequenos já havia o coral e que seus pais cantavam nele. Hoje, o coral é composto por 28 membros, desde crianças até os mais velhos. Há, por exemplo, membros de três gerações no coral: avô, filho e neto.

A investida na participação de ensaios do coral, reunião e apresentações ocorreu no final do ano de 2012, nos meses de novembro e dezembro. No mês de novembro, a comunidade comemorou a tradicional festa de Glória, evento que reuniu os sócios e demais apreciadores da festa, tendo a fundamental participação do coral na missa.

As preparações para a festa são organizadas pela diretoria da comunidade, eleita a cada dois anos, que trabalha gratuitamente pela comunidade. São cinco casais organizadores que, durante o ano, encarregam-se desta festa, dentre outras atividades. No domingo da festa, pela manhã, é realizada a missa na igreja (católica). Após, os músicos encaminham as pessoas da missa para o centro comunitário (salão de festas e esportes). O almoço de que se participou foi preparado para mais de mil pessoas, segundo os festeiros da última festa. Há diversas atrações durante a festa, como sorteios, brincadeiras e jogos.

Na missa dessa festa, o coral foi responsável por todos os cantos. Essa missa foi especial porque foi a primeira apresentação do coral masculino, formado pelos homens que já compunham o coral misto. A ideia de compor um coral masculino foi debatida por muito tempo nas reuniões do coral. Surgiu a vontade de se organizar um coral masculino quando os

membros do coral apreciaram outros corais masculinos em bailes de corais, nos mais diversos municípios do Vale do Taquari. A aprovação da comunidade foi unânime, todos parabenizaram, ao final da missa, os coralistas e o maestro.

No mês de dezembro, na missa de Natal da comunidade o coral foi, ansiosamente, esperado para que cantasse. Especialmente porque, naquela missa, haveria os cantos tradicionais de Natal: Noite Feliz (Stille Nacht) e Pinheirinho de Natal (O Tannenbaum), em alemão. Segundo membros do coral, o ensaio para esses cantos é o único momento em que eles têm o contato com a escrita em alemão, no livro de cantos. Durante outros ensaios, não se utilizam de cantos em alemão e nas atividades do dia a dia nenhum deles manipula algum material na língua alemã.

Os ensaios do coral ocorrem semanalmente, sempre na terça-feira, entre as 20 horas e 22 horas. Os ensaios ocorrem na igreja. O regente, João Wilson Gregory (60 anos), está trabalhando com o grupo desde 1990. Atualmente, o filho de João, Charles Gregory (21 anos) estuda música, toca trombone e é o regente do coral masculino, pois o pai participa como cantor. Há cinco vozes no coral, 1^a, 2^a, tenor e baixo. As reuniões são coordenadas pelo grupo da diretoria do coral, o presidente é eleito pelos membros a cada dois anos. O presidente eleito convida os demais membros para compor os cargos de vice-presidente, secretário e tesoureiro. A atual diretoria é composta unicamente por mulheres.

O coral é um espaço, inicialmente, dentro da igreja católica. Segundo Petter (2010):

a fundação de escolas, igrejas e associações nas colônias alemãs estava relacionada à fundação das comunidades religiosas, protestantes e católicas. A história das Sociedades de Canto está diretamente ligada à história das comunidades. Nasceram no seio das comunidades religiosas, católica ou protestante, para atender as celebrações religiosas (missas, ofícios, festas comunitárias, casamentos e enterros). (PETTER, 2010, p. 34).

Os membros do coral relataram que mensalmente há bailes de corais nos municípios da região. Esses bailes são organizados pelos membros do coral que recebe os demais corais. Uma vez por ano, o coral de Glória realiza o baile de corais, em que se apresentam muitos corais convidados, cada coral pode cantar dois ou três cantos diversificados.

De acordo com Petter (2010), os valores culturais, como educação, trabalho e oração foram trazidos pelos imigrantes e aqui foram cultivados. “Na bagagem dos imigrantes também vieram a bíblia, o hinário, as ferramentas e os sonhos” (PETTER, 2010, p. 33). A prática da música, para os imigrantes, representava uma oportunidade de se encontrarem. Para os imigrantes alemães, o canto era uma forma de lembrar seus antepassados na Europa.

Trouxeram de lá a música popular, folclórica, canções como as apresentadas na missa de Natal.

Ao realizar as entrevistas sociolinguísticas com alguns membros do coral (7 informantes), observei a organização, a seriedade e o engajamento dos membros ao explicar o funcionamento do grupo. Na entrevista, o informante A.S. relata: “a gente faz pra comunidade, a gente vai trabalha(r) pro coral, pro Santa Cecília.” (A.S., 39 anos).

As práticas bilíngues realizadas pelos membros do coral ocorrem nos ensaios, nas reuniões, em ocasiões informais, mas restringem-se à interação de indivíduos bilíngues ativos e passivos. Nas ocasiões em que se apresentam, na missa ou em bailes, os coralistas manifestam-se em PB. O alemão aparece apenas nos cantos. Isso denota que o veículo de comunicação hoje é o PB. O falar dialetal alemão tem valor, é um elemento da memória local, que se faz presente em festividades coletivas, porém não é mais prática social diária, com que se constituem as identidades na comunidade, em grupos de que os habitantes de Glória fazem parte, como o coral. Os informantes não parecem ter vergonha ou menosprezar abertamente o falar dialetal alemão. Ele apenas vem perdendo força porque os indivíduos não fazem mais uso necessitam dele nas interações realizadas em seu cotidiano, na vida em sociedade. É o que se percebe até mesmo nas atividades realizadas pelo coral. Delas participam bilíngues ativos e passivos, mas o PB predomina na maior parte das interações.

7 CONCLUSÃO

A investigação da realização variável, na fala em PB, da plosiva bilabial desvozeada [p] em lugar da vozeada /b/ e vice-versa, pelos informantes da comunidade de Glória, situada na zona rural da cidade de Estrela/RS, constatou a baixa aplicação da regra.

Tanto a proporção total de aplicação da regra variável, de 1,6%, quanto o condicionamento pelos mais velhos indicam que a regra esteja em regressão. Num processo de fossilização, o falante ainda realiza no PB certos itens e traços do Hunsrückisch, sem que o processo seja de fato produtivo.

Mesmo sendo baixa a aplicação, o processo apresenta alguma sistematicidade. A análise de regra variável revelou que os grupos de fatores sonoridade da consoante-alvo, escolaridade, contexto precedente, bilinguismo, gênero e tonicidade da sílaba têm papel no vozeamento/desvozeamento das plosivas. A plosiva bilabial sonora, o tepe alveolar precedente e sílabas tônicas favorecem o processo. O nível de escolarização ensino fundamental, o bilinguismo ativo e os informantes femininos têm relevo na realização variável.

O estudo qualitativo, de rede social e comunidades de prática, contribuiu para a compreensão de aspectos linguísticos e culturais de Glória, Estrela/RS, envolvidos nesse padrão de troca das plosivas.

O relacionamento em rede dos falantes evidenciou que, nas redes densas e multiplexas, o vozeamento/desvozeamento das plosivas bilabiais não se difunde dos mais velhos aos mais jovens, apesar dos laços fortes entre eles. Os jovens da comunidade, por deslocarem-se com frequência diária para centros urbanos, praticam mais frequentemente o PB, têm maior influência da fala do PB sem contato com o Hunsrückisch.

As práticas bilíngues do contato PB-Hunsrückisch nas comunidades de prática investigadas, em especial no coral, são realizadas pelos informantes mais velhos, têm valor para os mais velhos. Mesmo que, na interação, o falante dirija-se a um jovem em Hunsrückisch, a réplica será em PB. Pode-se dizer que tanto o falar dialetal alemão quanto as marcas de seu contato com o PB são hoje despreferidos em Glória.

Desde a chegada dos primeiros imigrantes alemães, muitas foram as mudanças na comunidade e região. A paisagem geográfica foi alterada, justificada principalmente pelo progresso econômico, que trouxe qualidade de vida para os moradores. As práticas sociais também mudaram. Antes centradas na localidade, hoje são realizadas tanto na zona rural

quanto na urbana, com destaque para a última no que se refere à educação em níveis mais elevados, saúde, trabalho. Nesse cenário, as práticas linguísticas monolíngues-português ganham corpo, as marcas do contato do PB com o falar dialetal alemão, principalmente as tão salientes quanto a troca das plosivas, tendem a desaparecer.

O presente trabalho se valoriza porque mostra, a despeito do que sugerem as piadas e o estereótipo do descendente de imigrantes alemães, que a troca das plosivas é residual no PB falado em comunidades como a de Glória. É variação na mudança em progresso, alternância que favorece as formas esperadas no PB sem contato com o alemão, competição entre variantes que tende a brevemente se resolver.

8 REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística Parte I. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez Editora, v. 1, 6.ed., 2006.
- ALTENHOFEN, C. V. *A Aprendizagem do Português em uma Comunidade Bilíngue do Rio Grande do Sul: um estudo de Redes de Comunicação em Harmonia*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.
- ALTENHOFEN, C. V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul: Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1996.
- ALTENHOFEN, C. V. O estudo de línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do Hunsrückisch no Rio Grande do Sul. In.: *Cadernos do Instituto de Letras*, Porto Alegre, n. 18, p. 17-26, 1998.
- ALTENHOFEN, C. V. O contato entre o português e as línguas de imigrantes no Brasil: o exemplo do Hunsrückisch. In.: *Palavra*, Rio de Janeiro, n.11, p. 146-165, 2003.
- ALTENHOFEN, C. V.; MARGOTTI, F. W. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- BATTISTI, E. Rede social como contexto no estudo da variação linguística. In: BATTISTI, E.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). *Língua e linguagens: perspectivas de investigação*. Pelotas: EDUCAT, 2011.
- BATTISTI, E.; LUCAS, J. I. P. Língua, redes e práticas sociais. In: CHAVES, F. L.; BATTISTI, E. (Orgs.). *Cultura regional: língua, história, literatura*. Caxias do Sul: EDUCS, p. 113-131, 2006.
- BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A. A.; LUCAS, J. I. P.; BOVO, N. M. P. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – REVEL*. v. 5, p. 01-29, 2007. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: 09 set. 2012.
- BLAKE, R.; JOSEY, M. The /ay/ diphthong in a Martha's Vineyard community: what can we say 40 years after Labov? *Language in Society*, n. 32, v. 4, p. 451-485, 2003.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. *PRAAT: doing phonetics by computer*. Versão 5.3.39 (programa computacional). Disponível em: <http://www.praat.org>. Acesso em: 13 jan. 2013.
- BOVO, N. M. P. *A variação da vibrante e seu valor social*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional). Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2008 [1982].

- BRESCANCINI, C. R. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. R. (orgs.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- CAMACHO, R. G. Sociolinguística Parte II. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez Editora, v. 1, 6.ed., 2006.
- CRISTÓFARO-SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- CRISTÓFARO-SILVA, T. C. *Fonética & Fonologia: Sonoridade em Artes, Saúde e Tecnologia*. Disponível em: http://www.fonologia.org/fonetica_consoantes.php. Acesso em: 13 jan. 2013.
- ECKERT, P. *Linguistic variation as social practice*. Oxford, Blackwell, 2000.
- ESTRELA. Disponível em: <http://www.estrela-rs.com.br/site/home/pddi/>. Acesso em: 06 jan. 2010.
- FARACO, C. A. *Linguística Histórica uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo, Editora Ática, 2.ed., 1998.
- GEWEHR-BORELLA, S. *A influência da fala bilíngue Hunsrückisch - Português brasileiro na escrita de crianças brasileiras em séries iniciais*. Pelotas: UCPEL, 2010. 205f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística Aplicada) Pós-Graduação em Letras. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas.
- GEWEHR-BORELLA, S.; ALTENHOFEN, C. V. Macroanálise pluridimensional da variação de consoantes oclusivas do português por falantes de hunsriqueano. In: Seminário Internacional de Fonologia, IV, 2012, Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre: Ed. Instituto de Letras/UFRGS, 2012, p. 1-16. Disponível em <<http://www.pucrs.br/eventos/fonologia/>>. Acesso em: 09 ago. 2012.
- GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Harvard University Press, 1982.
- GUY, R. G. A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística. *Organon*, v. 14, n. 28-29, p. 17-32, 2000. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/30194/18703>. Acesso em: 28 nov. 2012.
- GUY, R. G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo, Parábola Editorial, 2007.
- GUZZO, N. B. *A elevação da vogal média anterior átona em Flores da Cunha (RS)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade). Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul.
- HEINZ, W. P. P. *A presença dos imigrantes alemães e sua contribuição para a economia e a cultura na cidade de Rio Grande (1824/1950)*. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2010.

HESSEL, L. *O Município de Estrela: história e crônica*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade, UFRGS/Martins Livreiro-Editor, 1983.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <http://ibge.gov.br>. Acesso em 06 jan. 2013.

KOHLER, K. German. In: *Handbook of the international phonetic association. A guide to the Use of the International Phonetic Alphabet*. United Kingdom: Cambridge, 1999, p-86-89.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford/Malden, Blackwell, 2001.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008 [1972]. Tradução de Marcos Bagno.

MILROY, L. *Language and Social Networks*. 2.ed. Oxford, Blackwell, 1987.

MILROY, L. Social Networks. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. Eds. *The handbook of language variation and change*. Oxford Blackwell Publishing, 2002.

NARO, A. J. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PETTER, R. E. Aspectos culturais e sociais no canto coral: uma reflexão sobre as sociedades de canto em Estrela. Monografia (Especialização em música: ensino e expressão). Novo Hamburgo, Universidade FEEVALE, 2010.

RASO, T.; MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V. Os contatos linguísticos e o Brasil – Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ROCHE, J. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, v. 1 e 2, 1969.

SCHIERHOLT, J. A. *Estrela: Ontem e Hoje*. Lajeado: O Autor, 2002.

SPINASSÉ, K. P. O hunsrückisch no Brasil: a língua como fator histórico da relação entre Brasil e Alemanha, *Espaço Plural*, Ano IX, Nº 19, 2º Semestre, 2008, p. 117-126.

TAGLIAMONTE, S. A. Quantitative analysis. In: BAYLEY, R. LUCAS, C. *Sociolinguistic variation: theories, methods and applications*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

TARALLO, F. L. *A pesquisa sociolinguística*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1997.

TOMIELLO, M. *A variação do ditongo nasal tônico -ão como prática social no*

português de São Marcos/RS. 2005. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional). Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul.

WEEDWOOD, B. *História concisa da linguística*. 4.ed. São Paulo: Parábola, 2002.

WEINREICH, U. *Languages in contact: findings and problems*. 7.ed. The Hague, Mouton, 1970.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

WENGER, E. *Cultivating communities of practice: a guide to managing knowledge*. Boston, Mass: Harvard Business School Press, 2002. Disponível em: <http://hbswk.hbs.edu/archive/2855.html>. Acesso em: 03 ago. 2012.

WENGER, E. *Communities of Practice: Learning, Meaning, and Identity*, 2004 [1998]. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=heBZpgYUKdAC&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 03 ago. 2012.

WIESE, R. *The phonology of German*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

9 ANEXOS

ANEXO A – Arquivo de contextos (trecho)

(0EUPF2fac0 Depois	(0XYPQ3fvid pessoal	(0XHPQ4mvid Padaria
(0AYBW2fac0 Sabi	(0XRPQ3fvid preferi	(0XHPF2mvid Parti
(0XUBQ2fac0 Botá	(0XYBF5fvid bem	(0XUPF2mvid Pontus
(0XRPF5fac0 Pru	(0EUBW3fvid ônibus	(0XHPF2mvid Parti
(0AHBF3fac0 Trabalho	(0XYPF2fvid pertu	(0NLPQ3mvid Ezemplu
(0XUPF5fac0 Pur	(0XYPF2fvid pertu	(0XHBF2mvid Baxu
(0XRPF5fac0 Pra	(1XUPF1fvid pom retiro – Bom	(0XUBQ3mvid Burracão
(0OHPW2fac0 Ropa	Retiro	(0TYBF3mvid Turbina
(0AYBW2fac0 Sabi	(1AHPF4fvid canaparru -	(0ZHPF3mvid Ispaçu
(0AYBW2fac0 Sabi	Canabarro	(0XRPQ4mvid Prodzivel
(0XYPQ3fac0 Piquenu	(0XRPF5fvid pra	(1XRPF2mvid Prutus - brutos
(0AYBW2fac0 Sabi	(0XHPF2maid Passa	(0NYPQ2mvid Sempri
(0XRPF5fac0 Pra	(0XRPF5maid Pra	(0XUPF5mvid Pur
(0XRPQ3fac0 Prucura	(1OSPQ4maid Supstítuí	(1XRBQ4mvid Brinzesinha -
(0XHPQ3fac0 <u>PARTSIPA</u>	(0XRPF5maid Pra	princesinha
(0EHPW3fac0 <u>PARTSIPA</u>	(0XHBF3maid Bastanti	(0AYPF3mvid Sapeca
(0AHBF3fac0 Trabalho	(1XHPQ2maid Pastant	(0ZYPF3mvid Isperta
(0AHBF3fac0 Trabalho	(0XUPF2maid Pukê	(0ZYPF3mvid Isperta
(0NRPW2fac0 Sempri	(0ZYPF3maid Dispesa	(0OYPQ4mji* Opinião
(0NRPW2fac0 Sempri	(0AYPQ3maid Apelá	(0EUPW2mji* Tipu
(0NYPW2fac0 Sempri	(0XUPF2maid Poku	(0OYPQ4mji* Opinião
(0AHBF3fac0 Trabalha	(0XUPF2maid Poku	(0XYBF5mji* Bem
(0XHPQ3fac0 <u>PARTSIPA</u>	(0XHPF2maid Parti	(0XHPQ3mji* Paradu
(0EHPW3fac0 <u>PARTSIPA</u>	(0XYPF2maid Pelu	(0AYBW2mji* Sabi
(0AHBQ3fac0 Trabalhá	(0AYBW2maid Sabi	(0NHPQ4mji* Comparadu
(0AHBQ3fac0 Trabalhá	(0XYBF5maid Bem	(0AYBW2mji* Sabi
(0XUPF2fac0 Purki	(0NYPW2maid Sempri	(0XHPQ3mji* Paradu
(0AHBF3fac0 Trabalho	(0XUPF5maid Pur	(0EUPW2mji* Tipu
(0XYPF2fac0 Pela	(0XYPF2maid Perdi	(0XRPF5mji* Pra
(0XYPF2fac0 Pelu	(0XUPF5maid Pur	(0AYBW2mji* Sabi
(0XYBF5fac0 Bem	(0XUPF2maid Poku	(0EUPW2mji* Tipu
(0XUPF5fac0 Pur	(0NYBF2maid Também	(0AYBW2mji* Sabi
(0XHBF2fac0 Baili	(0XHBF2maid Baxu	(0EUPW2mji* Tipu
(0XHPQ3fac0 <u>PARTSIPA</u>	(0XYBF5maid Bom	(0XRPQ3mji* Presisu
(0EHPW3fac0 <u>PARTSIPA</u>	(0XRPQ4maid <u>Pro</u> briedadis	(0NRPF2mji* Comprá
(0NYBF2fac0 também	(1ORBQ4maid <u>Pro</u> briedadis	(0OHPW2mji* Ropa
(1AHPQ3fvid trapalhá	(0XHPF5maid Pa	(0XSPF2mji* Psisu
(0XRPF5fvid pru	(0XUPF2maid Purki	(0XRPF5mji* Pra
(1AHBF3fvid trapalha	(0AHBF3maid Trabalha	(0EYPF3mji* dependi
(1AHPQ4fvid apantonadas	(0XHPF2maid Partis	(0ZUPF3mji* Transporti
(0XUPF2fvid porqui	(0NUPW2maid Tempu	(0EUBW3mji* Ônibus
(0XHPF5fvid pai	(0XRPQ3mvid Projetus	(0XUBF2mji* Bola
(0XRPF5fvid pra	(0XUPQ2mvid Purke	(0XRBQ4mji* Brincadera
(0NHPQ4fvid companheru	(0XLPQ4mvid Planejamento	(0EUPW2mji* Tipu
(1AHBP3fvid trapalha	(0EYPF4mvid Derepentí	(0XHBQ4mji* Balneáriu
(1XUPF5fvid pom	(0XLPQ2mvid Plantá	(0AYBW2mji* Sabi
(1XAPQ3fvid paratu	(0XRPF5mvid Pra	(0NRPW2mji* Sempri
(0XRPF5fvid pra	(0XRPF2mvid Preço – preço	(0NRPW2mji* Sempri
(0NYBF2fvid também	(0XYPF2mvid Pesu	(0XYPF2mji* Pega
(1XHPQ3fvid paratu	(0XRPF5mvid Pru	(0XRPQ4mji* Presidenti
(0NYBF2fvid também	(0XUPF2mvid Purki	(0XHPF2mji* Paga
(0XRPQ4fvid <u>propriedadi</u>	(0XRPQ4mvid Praticamenti	(0OHPF4mji* Ocupadu
(0ORPQ4fvid <u>propriedadi</u>	(0XRPF5mvid Pra	(0XUPQ2mji* Podê
(0XHPF5fvid pais	(0XHPQ2mvid Passei	(0OHPF4mji* Ocupadu
(0NRPW2fvid compra	(0NLPQ3mvid Ezemplu	(0XRPF5mji* Pra
(0NRPW2fvid compra	(0NLPQ3mvid Ezemplu	(0AYBW2mji* Sabi

ANEXO B – Resultado da 1ª rodada: análise univariada com o programa GoldVarb X

• CELL CREATION • 03/10/2012 10:25:09

Name of token file: SEMERROS.tkn

Name of condition file: Untitled.cnd

(

; Identity recode: All groups included as is.

(1)

(2)

(3)

(4)

(5)

(6)

(7)

(8)

(9)

(10)

)

Number of cells: 2222

Application value(s): 1

Total no. of factors: 36

Group	Non-Apps	apps	Total	%

1 (2)				
E N	2	1083	1085	7.5
%	0.2	99.8		
A N	28	1462	1490	10.3
%	1.9	98.1		
X N	145	8876	9021	62.4
%	1.6	98.4		
O N	16	648	664	4.6
%	2.4	97.6		
N N	11	1854	1865	12.9
%	0.6	99.4		
T N	22	39	61	0.4
%	36.1	63.9		
Z N	0	271	271	1.9
%	0.0	100.0		* KnockOut *
@ N	0	9	9	0.1
%	0.0	100.0		* KnockOut *
Total N	224	14242	14466	
%	1.5	98.5		

2 (3)				
U N	37	3600	3637	25.1
%	1.0	99.0		
Y N	60	3857	3917	27.1

	%	1.5	98.5		
R N		36	3491	3527	24.4
	%	1.0	99.0		
H N		85	2898	2983	20.6
	%	2.8	97.2		
L N		2	296	298	2.1
	%	0.7	99.3		
S N		4	90	94	0.6
	%	4.3	95.7		
M N		0	1	1	0.0
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
\$ N		0	9	9	0.1
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
Total N		224	14242	14466	
	%	1.5	98.5		

3 (4)					
P N		193	9965	10158	70.2
	%	1.9	98.1		
B N		31	4277	4308	29.8
	%	0.7	99.3		
Total N		224	14242	14466	
	%	1.5	98.5		

4 (5)					
F N		114	7481	7595	52.5
	%	1.5	98.5		
W N		25	1870	1895	13.1
	%	1.3	98.7		
Q N		85	4891	4976	34.4
	%	1.7	98.3		
Total N		224	14242	14466	
	%	1.5	98.5		

5 (6)					
2 N		109	5481	5590	38.6
	%	1.9	98.1		
5 N		26	2766	2792	19.3
	%	0.9	99.1		
3 N		64	3953	4017	27.8
	%	1.6	98.4		
4 N		25	2042	2067	14.3
	%	1.2	98.8		
Total N		224	14242	14466	

	%	1.5	98.5		

6 (7)					
f	N	173	7210	7383	51.0
	%	2.3	97.7		
m	N	51	7032	7083	49.0
	%	0.7	99.3		
Total	N	224	14242	14466	
	%	1.5	98.5		

7 (8)					
a	N	40	4952	4992	34.5
	%	0.8	99.2		
v	N	178	4754	4932	34.1
	%	3.6	96.4		
j	N	6	4536	4542	31.4
	%	0.1	99.9		
Total	N	224	14242	14466	
	%	1.5	98.5		

8 (9)					
c	N	4	3580	3584	24.8
	%	0.1	99.9		
i	N	208	6387	6595	45.6
	%	3.2	96.8		
s	N	12	4275	4287	29.6
	%	0.3	99.7		
Total	N	224	14242	14466	
	%	1.5	98.5		

9 (10)					
o	N	1	1344	1345	9.3
	%	0.1	99.9		
d	N	211	7902	8113	56.1
	%	2.6	97.4		
*	N	12	4996	5008	34.6
	%	0.2	99.8		
Total	N	224	14242	14466	
	%	1.5	98.5		

TOTAL	N	224	14242	14466	
	%	1.5	98.5		

Name of new cell file: .cel

ANEXO C – Resultado da quarta rodada: análises univariada e multivariada com o programa GoldVarb X

Name of new cell file: 4ª sem enviesamento tonicidade sem sonoridade.cel

• CELL CREATION • 09/01/2013 18:59:00

Name of token file: REVISADO.tkn

Name of condition file: 4ª sem enviesamento tonicidade sem sonoridade.cnd

(

; Identity recode: All groups included as is.

(1)

(2 (nil (col 2 Z))

(nil (col 2 @))

(E (col 2 O))

(E (col 2 E)))

;(3)

;(4)

(5)

;(6)

(7)

;(8)

(9)

(10)

)

Number of cells: 159

Application value(s): 1

Total no. of factors: 16

Group	Non-Apps	apps	Total	%

1 (2)				
E N	18	1731	1749	12.3
%	1.0	99.0		
A N	27	1463	1490	10.5
%	1.8	98.2		
X N	145	8879	9024	63.6
%	1.6	98.4		
N N	11	1854	1865	13.1
%	0.6	99.4		
T N	22	39	61	0.4
%	36.1	63.9		
Total N	223	13966	14189	
%	1.6	98.4		

2 (5)				
F N	111	5587	5698	40.2
%	1.9	98.1		
W N	28	1860	1888	13.3
%	1.5	98.5		
Q N	84	6519	6603	46.5

```

% 1.3 98.7

Total N 223 13966 14189
% 1.6 98.4
-----
3 (7)
f N 172 7089 7261 51.2
% 2.4 97.6

m N 51 6877 6928 48.8
% 0.7 99.3

Total N 223 13966 14189
% 1.6 98.4
-----
4 (9)
c N 4 3545 3549 25.0
% 0.1 99.9

i N 207 6261 6468 45.6
% 3.2 96.8

s N 12 4160 4172 29.4
% 0.3 99.7

Total N 223 13966 14189
% 1.6 98.4
-----
5 (10)
o N 1 1338 1339 9.4
% 0.1 99.9

d N 210 7751 7961 56.1
% 2.6 97.4

* N 12 4877 4889 34.5
% 0.2 99.8

Total N 223 13966 14189
% 1.6 98.4
-----
TOTAL N 223 13966 14189
% 1.6 98.4

```

Name of new cell file: 4^a sem enviesamento tonicidade sem sonoridade.cel

• BINOMIAL VARBRUL • 09/01/2013 18:59:23

Name of cell file: 4^a sem enviesamento tonicidade sem sonoridade.cel

Averaging by weighting factors.
 Threshold, step-up/down: 0.050001

Stepping up...

----- Level # 0 -----

Run # 1, 1 cells:
 Convergence at Iteration 2
 Input 0.016

Log likelihood = -1147.369

----- Level # 1 -----

Run # 2, 5 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.014
 Group # 1 -- E: 0.428, A: 0.570, X: 0.540, N: 0.299, T: 0.976
 Log likelihood = -1085.449 Significance = 0.000

Run # 3, 3 cells:
 Convergence at Iteration 4
 Input 0.015
 Group # 2 -- F: 0.559, W: 0.490, Q: 0.452
 Log likelihood = -1142.847 Significance = 0.011

Run # 4, 2 cells:
 Convergence at Iteration 5
 Input 0.013
 Group # 3 -- f: 0.640, m: 0.353
 Log likelihood = -1115.003 Significance = 0.000

Run # 5, 3 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.007
 Group # 4 -- c: 0.140, i: 0.827, s: 0.294
 Log likelihood = -1029.474 Significance = 0.000

Run # 6, 3 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.008
 Group # 5 -- o: 0.081, d: 0.762, *: 0.226
 Log likelihood = -1062.901 Significance = 0.000

Add Group # 4 with factors cis

----- Level # 2 -----

Run # 7, 15 cells:
 Convergence at Iteration 8
 Input 0.006
 Group # 1 -- E: 0.442, A: 0.543, X: 0.539, N: 0.305, T: 0.989
 Group # 4 -- c: 0.146, i: 0.841, s: 0.253
 Log likelihood = -960.928 Significance = 0.000

Run # 8, 9 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.007
 Group # 2 -- F: 0.562, W: 0.465, Q: 0.456
 Group # 4 -- c: 0.140, i: 0.827, s: 0.293
 Log likelihood = -1024.754 Significance = 0.010

Run # 9, 6 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.006
 Group # 3 -- f: 0.634, m: 0.360
 Group # 4 -- c: 0.146, i: 0.824, s: 0.291
 Log likelihood = -1000.969 Significance = 0.000

Run # 10, 8 cells:
 Convergence at Iteration 6
 Input 0.004
 Group # 4 -- c: 0.144, i: 0.794, s: 0.360
 Group # 5 -- o: 0.092, d: 0.721, *: 0.286
 Log likelihood = -982.175 Significance = 0.000

Add Group # 1 with factors EAXNT

----- Level # 3 -----

Run # 11, 45 cells:
 Convergence at Iteration 11
 Input 0.005
 Group # 1 -- E: 0.456, A: 0.580, X: 0.528, N: 0.309, T: 0.992
 Group # 2 -- F: 0.595, W: 0.356, Q: 0.460
 Group # 4 -- c: 0.145, i: 0.846, s: 0.244
 Log likelihood = -950.326 Significance = 0.000

Run # 12, 30 cells:
 Convergence at Iteration 8
 Input 0.005
 Group # 1 -- E: 0.447, A: 0.578, X: 0.534, N: 0.296, T: 0.990
 Group # 3 -- f: 0.642, m: 0.351
 Group # 4 -- c: 0.146, i: 0.839, s: 0.257
 Log likelihood = -930.765 Significance = 0.000

Run # 13, 39 cells:
 Convergence at Iteration 8
 Input 0.003
 Group # 1 -- E: 0.448, A: 0.600, X: 0.532, N: 0.286, T: 0.993
 Group # 4 -- c: 0.142, i: 0.811, s: 0.325
 Group # 5 -- o: 0.090, d: 0.742, *: 0.252
 Log likelihood = -908.000 Significance = 0.000

Add Group # 5 with factors od*

----- Level # 4 -----

Run # 14, 109 cells:
 Convergence at Iteration 10
 Input 0.003
 Group # 1 -- E: 0.463, A: 0.621, X: 0.523, N: 0.293, T: 0.995
 Group # 2 -- F: 0.586, W: 0.366, Q: 0.465
 Group # 4 -- c: 0.141, i: 0.814, s: 0.319
 Group # 5 -- o: 0.092, d: 0.740, *: 0.254
 Log likelihood = -899.627 Significance = 0.000

Run # 15, 59 cells:
 Convergence at Iteration 8
 Input 0.003
 Group # 1 -- E: 0.451, A: 0.601, X: 0.531, N: 0.286, T: 0.993
 Group # 3 -- f: 0.612, m: 0.383
 Group # 4 -- c: 0.159, i: 0.809, s: 0.305
 Group # 5 -- o: 0.060, d: 0.709, *: 0.333
 Log likelihood = -892.148 Significance = 0.000

Add Group # 3 with factors fm

----- Level # 5 -----

Run # 16, 159 cells:
 Convergence at Iteration 10
 Input 0.003
 Group # 1 -- E: 0.467, A: 0.624, X: 0.522, N: 0.295, T: 0.995
 Group # 2 -- F: 0.587, W: 0.357, Q: 0.466
 Group # 3 -- f: 0.613, m: 0.382
 Group # 4 -- c: 0.157, i: 0.813, s: 0.300
 Group # 5 -- o: 0.061, d: 0.706, *: 0.336
 Log likelihood = -883.418 Significance = 0.000

Add Group # 2 with factors FWQ

Best stepping up run: #16

Stepping down...

----- Level # 5 -----

Run # 17, 159 cells:
 Convergence at Iteration 10
 Input 0.003
 Group # 1 -- E: 0.467, A: 0.624, X: 0.522, N: 0.295, T: 0.995
 Group # 2 -- F: 0.587, W: 0.357, Q: 0.466
 Group # 3 -- f: 0.613, m: 0.382
 Group # 4 -- c: 0.157, i: 0.813, s: 0.300
 Group # 5 -- o: 0.061, d: 0.706, *: 0.336
 Log likelihood = -883.418

----- Level # 4 -----

Run # 18, 36 cells:
 Convergence at Iteration 7
 Input 0.004
 Group # 2 -- F: 0.553, W: 0.493, Q: 0.456
 Group # 3 -- f: 0.612, m: 0.383
 Group # 4 -- c: 0.162, i: 0.792, s: 0.337
 Group # 5 -- o: 0.061, d: 0.687, *: 0.370
 Log likelihood = -961.618 Significance = 0.000

Run # 19, 59 cells:
 Convergence at Iteration 8
 Input 0.003
 Group # 1 -- E: 0.451, A: 0.601, X: 0.531, N: 0.286, T: 0.993
 Group # 3 -- f: 0.612, m: 0.383
 Group # 4 -- c: 0.159, i: 0.809, s: 0.305
 Group # 5 -- o: 0.060, d: 0.709, *: 0.333
 Log likelihood = -892.148 Significance = 0.000

Run # 20, 109 cells:
 Convergence at Iteration 10
 Input 0.003
 Group # 1 -- E: 0.463, A: 0.621, X: 0.523, N: 0.293, T: 0.995
 Group # 2 -- F: 0.586, W: 0.366, Q: 0.465
 Group # 4 -- c: 0.141, i: 0.814, s: 0.319
 Group # 5 -- o: 0.092, d: 0.740, *: 0.254
 Log likelihood = -899.627 Significance = 0.000

Run # 21, 73 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.006

Group # 1 -- E: 0.470, A: 0.617, X: 0.523, N: 0.294, T: 0.991

Group # 2 -- F: 0.583, W: 0.384, Q: 0.462

Group # 3 -- f: 0.626, m: 0.368

Group # 5 -- o: 0.053, d: 0.766, *: 0.241

Log likelihood = -962.818 Significance = 0.000

Run # 22, 84 cells:

Convergence at Iteration 10

Input 0.004

Group # 1 -- E: 0.463, A: 0.608, X: 0.524, N: 0.303, T: 0.993

Group # 2 -- F: 0.591, W: 0.353, Q: 0.464

Group # 3 -- f: 0.641, m: 0.353

Group # 4 -- c: 0.143, i: 0.843, s: 0.252

Log likelihood = -920.898 Significance = 0.000

All remaining groups significant

Groups eliminated while stepping down: None

Best stepping up run: #16

Best stepping down run: #17

ANEXO D – Ficha social

FICHA SOCIAL

Nome:	
Endereço:	
Idade:	Sexo:
Local de Nascimento:	
Outras localidades onde residiu e por quanto tempo:	
Grau de Instrução:	
Profissão:	
Ocupação:	
Bilinguismo: Qual?	
<input type="checkbox"/> ativo <input type="checkbox"/> passivo <input type="checkbox"/> zero	
Local de Nascimento dos pais:	
Pai:	
Mãe:	
Estado Civil:	
Número de Filhos:	
Idade:	Sexo:
Grau de Instrução:	
Atividades Sociais/ Lazer:	
Assuntos de maior interesse:	

Entrevistador: _____

Data da entrevista: ____/____/____ Duração da entrevista: _____

Observações gerais:

ANEXO E – Roteiro para a entrevista sociolinguística

ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA

- 1) Como é a vida aqui na comunidade de Linha Glória?
- 2) Quais são suas atividades diárias?
- 3) Voltando alguns anos atrás, na sua infância, como era a comunidade de Linha Glória?
- 4) Que brincadeiras você costumava fazer com seus amigos? Quais eram as atividades dos seus pais?
- 5) Na sua infância, que brincadeiras você costumava fazer com seus amigos?
- 6) Quando você era pequeno(a), nos seus primeiros anos escolares, você lembra de alguma coisa que tenha sido importante? Que atividades eram feitas?
- 7) Como era a vida em Glória quando as pessoas não tinham acesso aos meios de comunicação, como a televisão, por exemplo? O que era diferente com relação a hoje? O que as pessoas faziam nos momentos de folga?
- 8) Gostaria de saber um pouco mais de você, as coisas que você gosta de fazer nos finais de semana, as atividades da comunidade de Linha Glória que você costuma participar: eventos, festas, entre outros.
- 9) Que tipos de atividades de lazer você costuma fazer ou gostaria de fazer?
- 10) Tem algum momento de sua vida que você consideraria o mais difícil?
- 11) De que coisas do tempo de sua infância você tem mais saudades?

12) Olhando para trás, existe algo que você gostaria de ter feito, mas que por algum motivo não foi possível, como por exemplo: ter estudado mais, ter feito algumas viagens, ter feito algum trabalho?

13) Aqui em Glória, quais as coisas que você mais admira? E o que você acha que poderia ser diferente?

14) Se você recebesse uma proposta de trabalho na cidade, você deixaria a comunidade de Linha Glória?

15) Se você recebesse um bom dinheiro para ser usado em algo para a comunidade de Linha Glória, em que você investiria?

ANEXO F – Instrumento para a análise da rede social dos informantes

1. Relacionamento em rede

Daniele		Fernando	
Ana Luíza		Alisson	
Marlene		Marciano	
Aida		Diego	
Isolde		Luís	
Celina		Vilson	
Ilse		Carlos	
Giovana		Cristiano	
Isabel		João	
Tatiane		Eugênio	
Ivone		Paulo	
Delésia		Sílvio	

2. Participação em atividades comunitárias

Escola		Grupo de 3ª Idade	
Coral		Apostolado da Oração	
Bolão		Vôlei	
Ginástica		Clube de Mães	
Teatro		Igreja	

3. Ocupação

Local		Não-local		Aposentado	
-------	--	-----------	--	------------	--

4. Observações sobre o informante

.....

.....

.....

.....

.....

.....